



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO**

**ERINALDO DIAS VALÉRIO**

**REFLEXÕES SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS E  
INFORMAÇÃO: a experiência do Grupo de Valorização  
Negra do Cariri – GRUNEC**

**Recife  
2014**





**ERINALDO DIAS VALÉRIO**



**REFLEXÕES SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS E  
INFORMAÇÃO: a experiência do Grupo de Valorização  
Negra do Cariri – GRUNEC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco – PPGCI/UFPE, como requisito para obtenção de grau de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, memória e Tecnologia.

Linha de pesquisa: Comunicação e visualização da memória.

Orientação: Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia

Coorientação: Dra. Dalgiza Andrade Oliveira

**Recife  
2014**

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

- V164r Valério, Erinaldo Dias  
Reflexões sobre movimentos sociais e informação: a experiência do Grupo de Valorização Negra do Cariri - GRUNEC / Erinaldo Dias Valério. – Recife: O Autor, 2014.  
160 f.: il.
- Orientador: Joana Coeli Ribeiro Garcia.  
Coorientador: Dalgiza Andrade Oliveira.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2014.  
Inclui referências e apêndice.
1. Ciência da informação. 2. Movimentos sociais - Negros. 3. Relações raciais - Negros. I. Garcia, Joana Coeli Ribeiro (Orientador). II. Oliveira, Dalgiza Andrade (Coorientador). III. Título.
- 020 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2014-62)



**Serviço Público Federal**  
Universidade Federal de Pernambuco  
**Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI**

Dissertação de Mestrado apresentada por ERINALDO DIAS VALÉRIO no dia 14 de março de 2014, ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação, com o título **“REFLEXÕES SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS E INFORMAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE VALORIZAÇÃO NEGRA DO CARIRI – GRUNEC”**, orientada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Joana Coeli Ribeiro Garcia e **aprovada** pela Banca Examinadora composta pelos professores:

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Joana Coeli Ribeiro Garcia (orientadora)  
Depto de Ciência da Informação-PPGCI/UFPB

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Maria Cristina Guimaraes Oliveira (examinador interno)  
Depto de Ciência da Informação-PPGCI/UFPE

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Joselina da Silva (examinador externo)  
Universidade Federal do Ceará

Autor:

---

Erinaldo Dias Valério



Programa de Pós graduação em Ciência da Informação  
Av. Reitor Joaquim Amazonas S/N- Cidade Universitária CEP - 50740-570  
Recife/PE - Fone/Fax: (81) 2126-7728 / 7727  
[www.ufpe.br/ppgci](http://www.ufpe.br/ppgci) - E-mail: [ppgciufpe@gmail.com](mailto:ppgciufpe@gmail.com)



À **Kyara Vasques Silva** (*in memoriam*), que durante sua vida pesquisou e produziu contra as desigualdades raciais existentes no país.

A minha mãe **Socorro Dias**, que sem sua intercessão e cobertura de oração, seria impossível este sonho tornar-se realidade!

**Dedico!**

## AGRADECIMENTOS

A **Deus** pela sua infinita bondade, sabedoria e amor. Por ter derramado sobre minha vida sua graça, proporcionando força e coragem para chegar até aqui.

A **minha mãe, Socorro**, minha maior inspiração, por me amar, acreditar em mim acima de qualquer pessoa e circunstância. Pela intercessão a Deus, pelo companheirismo e paciência.

A professora Dra. **Joana Coeli Ribeiro Garcia**, pelas orientações, ensinamentos e dedicação para realização dessa pesquisa.

A professora Dra. **Dalgiza Andrade Oliveira** pela contribuição na coorientação desse estudo.

Aos membros da banca da qualificação, profa. Dra. **Joselina da Silva** e profa. Dra. **Maria Cristina de Oliveira Guimarães**, pelas contribuições e direcionamentos. Como também as professoras Dra. **Leilah Bufrem** e Dra. **Fátima Portela**.

A **professora Joselina da Silva**, por todos os ensinamentos adquiridos durante toda a graduação, e contribuições durante o mestrado. Por ter me ajudado durante todo o percurso no nosso grupo de pesquisa N´BLAC (Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de estudos em relações raciais, gênero e movimentos sociais). Pela amizade que ficou.

Aos professores do PPGCI/UFPE que durante as aulas, contribuíram direta ou indiretamente com reflexões positivas para o desenvolvimento desse estudo.

Aos professores **Celly Brito** e **Maria Cristina**, por me acolherem no estágio docência, me possibilitando a experiência na docência e afirmando o desejo de seguir a carreira.

A minha **turma 2012.1**, por proporcionar um ambiente

de aprendizado e enriquecimento sobre diferentes temáticas, principalmente no bojo da Ciência da Informação.

Ao **movimento negro do Cariri**, pela atenção dedicada durante as entrevistas e as reuniões. E principalmente pelo compartilhamento de conhecimento e pela amizade que ficou.

À **Claudia Emídio, Dávila Maria, Daiane Patrícia e Sheila Cristina**, que ajudaram de forma incondicional nas visitas residenciais aos integrantes do GRUNEC, registrando os momentos e contribuindo nas discussões. Não consigo descrever o carinho e a gratidão que tenho por vocês.

À **Danilo Lima**, por confiar em mim, por suas palavras de conforto, amizade, perseverança e motivação, por estar comigo durante todo o período do mestrado.

Aos meus amigos de jornada, **Tiago Silva e Aureliana Lopes**, “do coração de Deus pra mim”, sou grato a Deus por ter conhecido vocês. A **Ana Claudia** pela sua amizade e contribuição, a **Rosana Marinho** pelo carinho e companheirismo durante o mestrado e da graduação.

À **Nicácia Lina**, pelo apoio e amizade conquistada, por iluminar minha vida, temos uma forte ligação.

À **Denyse Borges**, pela amizade e contribuição quando precisei. À **Jardel Soaers e Hélio Pajéu**, obrigado pelo incentivo, palavras de consolo e motivação.

Aos **meus irmãos**, Edilene, Erivaldo, Elizangela, Eliete, Rosângela, Elielson. Amo vocês por todos os valores que existem. Pela compreensão por eu estar muitas vezes ausente, pelo apoio e orações constantes. Obrigado por sempre torcerem e acreditarem em meus sonhos e conquistas.

Ao coordenador do PPGCI/UFPE **Raimundo Nonato**, pela sua dedicação, empenho e contribuição durante as suas aulas.

À **Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, pela concessão da bolsa.

**Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCI/UFPE)**, pelo acolhimento da pesquisa dentro da sua proposta interdisciplinar.

**Aos professores da Universidade Federal do Cariri – (UFCA)** Maria Cleide Rodrigues, Gracy Martins, Herny Pôncio, Ariluce Goes, Deyse Santos, David Viera, Fanka Pereira, Débora Sampaio, Modesto Leite, Jonathas Carvalho, pelas contribuições durante toda a graduação, sou grato.

A todos que de alguma forma contribuíram para a construção desse trabalho.

**Sou grato!**

***"O movimento negro tem várias faces, mas  
sempre é uma continuidade da grande luta de  
libertação cujo maior líder e referência básica é  
Zumbi dos Palmares".***

***(Abdias do Nascimento)***

## RESUMO

Afirma que na sociedade contemporânea, a crescente produção de conhecimentos científicos modifica o comportamento dos indivíduos no que tange ao acesso, uso e apropriação de informação. É por meio da informação que os sujeitos sociais adquirem conhecimento sobre seus direitos e deveres na sociedade, possibilitando-lhes melhores formas para a tomada de decisões individual ou em grupo. Pensando nesta perspectiva, estudar os movimentos sociais, como grupos que buscam por ideais comuns e que trabalham com a relação de informação para obtenção de conhecimento, é fundamental para entender esse contexto. Os movimentos sociais são ações sociais coletivas que se organizam para expressarem seus anseios, questões e demandas. Eles adotam diferentes formas de atuação e configuram-se em diversos aspectos, religiosos, feministas, raciais, indígenas, assim por diante. A partir dessas premissas, o presente estudo tem como objetivo geral analisar em que contexto ocorre à apropriação, geração e disseminação de informação que se desenvolve dentro do Grupo de Valorização Negra do Cariri - GRUNEC, e como objetivos específicos: interrogar de que maneira esse grupo se organiza; identificar quem são os atores, como atuam e o que demandam mapeando as ações desenvolvidas. Realiza pesquisa exploratória por meio de um levantamento bibliográfico e de campo. Para análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. Assim, esta pesquisa se insere em uma perspectiva em que discute pressupostos teóricos e investigativos da afrodescendência, correlacionando-a com a Ciência da Informação (CI), em seu aspecto interdisciplinar. Conclui-se que o movimento negro em questão, faz uso da informação etnicorracial da temática negra, para diminuir as disparidades sociais existentes entre negros e não negros. Informa que o GRUNEC comunica a informação por diferentes processos e que a sociedade se apropria desses conhecimentos disseminados, a fim de se posicionarem politicamente no combate ao racismo e na luta por ações sociais afirmativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Informação etnicorracial. Movimentos sociais negros. Grupo de Valorização Negra do Cariri.

## ABSTRACT

States that in contemporary society, the increasing production of scientific knowledge modifies the behavior of individuals in terms of access, use and ownership information. It is through the information that social subjects acquire knowledge about their rights and duties in society, enabling them to better ways for making individual and group decisions. Thinking this perspective, studying social movements, as groups seeking by common ideals and working on the relationship of information to obtain knowledge is essential to understand this context. Social movements are collective social actions that are organized to express their desires, questions and demands. They adopt different forms of action and are configured in many ways, religious, feminist, racial, indigenous, and so on. From these assumptions, the present study is to analyze the general context in which the appropriation occurs, generation and dissemination of information that develops within the Group Black Valuation Cariri - GRUNEC and specific objectives: to question how this group is organized, identify who the players are, how they work and which require mapping the actions developed. Conducts exploratory research through a literature survey and field. For data analysis, we used the technique of content analysis. Thus, this research is part of a perspective that discusses the theoretical and investigative assumptions afrodescendência, correlating it with the Information Science (C.I ), in its interdisciplinary aspect. We conclude that the motion in question makes use of information ethnicracial black theme, to reduce existing social disparities between blacks and non-blacks. Reports that the GRUNEC communicates the information by different processes and that society appropriates these disseminated knowledge in order to position themselves politically in combating racism and the fight for affirmative social action.

**Keywords:** Information ethnicracial. Black Social Movement. Group of Black Valuation Cariri.

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Quadro 1</b> - CATEGORIA - Trajetória pessoal e no GRUNEC                     | 83  |
| <b>Quadro 2</b> - CATEGORIA – Raça e racismo no Brasil                           | 87  |
| <b>Quadro 3</b> - CATEGORIA – Preconceito Racial                                 | 91  |
| <b>Quadro 4</b> - CATEGORIA – Constituição do GRUNEC                             | 95  |
| <b>Quadro 5</b> - CATEGORIA – Conferência de Durban                              | 98  |
| <b>Quadro 6</b> - CATEGORIA – Atuação do GRUNEC em outras localidades            | 100 |
| <b>Quadro 7</b> - CATEGORIA – Participantes                                      | 101 |
| <b>Quadro 8</b> - CATEGORIA – Objetivos do GRUNEC                                | 105 |
| <b>Quadro 9</b> - CATEGORIA – Público alvo                                       | 108 |
| <b>Quadro 10</b> - CATEGORIA – Forma de atuação do grupo                         | 110 |
| <b>Quadro 11</b> - CATEGORIA – Reunião do grupo                                  | 112 |
| <b>Quadro 12</b> - CATEGORIA – Configuração das reuniões                         | 114 |
| <b>Quadro 13</b> - CATEGORIA – Ações do movimento                                | 115 |
| <b>Quadro 14</b> - CATEGORIA – Questões trabalhadas no grupo                     | 127 |
| <b>Quadro 15</b> - CATEGORIA – Disseminação da informação                        | 128 |
| <b>Quadro 16</b> - CATEGORIA – Apropriação da informação                         | 133 |
| <b>Quadro 17</b> - CATEGORIA – População e tomada de conhecimento sobre as ações | 136 |
| <b>Quadro 18</b> - CATEGORIA – Ações desenvolvidas que atendem a comunidade      | 137 |
| <b>Quadro 19</b> - CATEGORIA – Conquistas do movimento                           | 139 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 1</b> - Ciclo da Informação                           | 55  |
| <b>Figura 2</b> - Nota de esclarecimento do caso de racismo     | 94  |
| <b>Figura 3</b> - Controle de Mensalidade                       | 104 |
| <b>Figura 4</b> - Ficha de cadastro de participantes            | 105 |
| <b>Figura 5</b> - Provocação do GRUNEC ao Ministério Público    | 117 |
| <b>Figura 6</b> - Quadrilha coisa do meu sertão                 | 119 |
| <b>Figura 7</b> - Raiz da dignidade                             | 120 |
| <b>Figura 8</b> - Semana da Consciência Negra                   | 120 |
| <b>Figura 9</b> - I Simpósio Direitos Sexuais e Saúde Sexual    | 121 |
| <b>Figura 10</b> - Encenação Teatral                            | 122 |
| <b>Figura 11</b> - Nota de repúdio                              | 123 |
| <b>Figura 12</b> - 1ª Caminhada contra a intolerância religiosa | 123 |
| <b>Figura 13</b> - 1º Encontro promovendo a igualdade           | 125 |
| <b>Figura 14</b> - Cartilha                                     | 125 |
| <b>Figura 15</b> Página inicial do GRUNEC no <i>Facebook</i>    | 130 |
| <b>Figura 16</b> Jornal do GRUNEC – Afrocariri                  | 131 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|               |                                                                                                             |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>APN</b>    | Agentes de Pastoral Negros                                                                                  |
| <b>CI</b>     | Ciência da Informação                                                                                       |
| <b>CREDE</b>  | Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação                                                       |
| <b>FNB</b>    | Frente Negra Brasileira                                                                                     |
| <b>GRENI</b>  | Grupo de Religiosos (as) Negros e Indígenas                                                                 |
| <b>GRUNEC</b> | Grupo de Valorização Negra do Cariri                                                                        |
| <b>GTI</b>    | Grupo de Trabalho Interministerial pela Valorização da População Negra                                      |
| <b>IBGE</b>   | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                                                             |
| <b>MEC</b>    | Ministério da Educação                                                                                      |
| <b>MN</b>     | Movimento Negro                                                                                             |
| <b>MNB</b>    | Movimento Negro Brasileiro                                                                                  |
| <b>MNU</b>    | Movimento Negro Unificado                                                                                   |
| <b>MNUCDR</b> | Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial                                                     |
| <b>MPF</b>    | Ministério Público Federal                                                                                  |
| <b>MS</b>     | Movimento Social                                                                                            |
| <b>N'BLAC</b> | Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais |
| <b>ONG</b>    | Organização Não Governamental                                                                               |
| <b>ONU</b>    | Organização das Nações Unidas                                                                               |

|                        |                                                                                          |
|------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PPGCI/<br/>UFPE</b> | Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco |
| <b>SEDUC</b>           | Secretaria da Educação                                                                   |
| <b>SEPPIR</b>          | Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial                         |
| <b>TEM</b>             | Teatro Experimental do Negro                                                             |
| <b>TIC</b>             | Tecnologia de informação e comunicação                                                   |
| <b>URCA</b>            | Universidade Regional do Cariri                                                          |

## SUMÁRIO

|                                                  |            |
|--------------------------------------------------|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                              | <b>17</b>  |
| 1.1 PROBLEMÁTICA                                 | 20         |
| 1.2 JUSTIFICATIVA                                | 22         |
| <b>2 MOVIMENTOS SOCIAIS: APROXIMAÇÃO TEÓRICA</b> | <b>28</b>  |
| 2.1 MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS NO CEARÁ           | 37         |
| <b>3 INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E MEMÓRIA</b>       | <b>49</b>  |
| 3.1 OS CANAIS DE COMUNICAÇÃO DA<br>INFORMAÇÃO    | 56         |
| 3.2 MEMÓRIA                                      | 59         |
| <b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>             | <b>70</b>  |
| 4.1 AMBIENTE DA PESQUISA                         | 75         |
| 4.2 TÉCNICA DE ANÁLISE                           | 76         |
| <b>5 A VOZ DOS INTEGRANTES DO GRUNEC</b>         | <b>79</b>  |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                    | <b>145</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                               | <b>150</b> |
| <b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA</b>        | <b>160</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, a crescente produção de conhecimentos científicos modifica o comportamento dos indivíduos no que tange ao acesso, uso e apropriação de informação. De acordo com Araújo (2000), é através da informação que os sujeitos sociais adquirem conhecimento sobre seus direitos e deveres na sociedade, possibilitando-lhes melhores formas para a tomada de decisões em grupo ou individual.

Para a autora, a efetiva construção da cidadania perpassa pela questão de acesso e uso de informação. Pensando nesta perspectiva, estudar os movimentos sociais, como grupos que buscam por ideais comuns e que trabalham com a relação de informação para obtenção de conhecimento, é fundamental para entender esse contexto. Como refere Gomes (2000, p. 156), de certa forma reforçando e ampliando essa compreensão

o acesso à informação é um pressuposto da cidadania e da democracia e é um dever social dos mais relevantes tornar acessíveis aos interessados às informações mais recentes sobre temas ainda pouco conhecidos e explorados

Para Gohn (2011), os movimentos sociais são ações sociais coletivas que se organizam para expressarem seus anseios, questões e demandas. Eles adotam diferentes formas de atuação, como marchas, mobilizações, passeatas,

entre outros e, configuram-se em diversos aspectos tais como os religiosos, feministas, raciais, indígenas, etc.

A partir dessas premissas, o presente estudo tem como **objetivo geral** analisar em que contexto e por meio de quais ações ocorre a apropriação, geração e disseminação de informação que se desenvolve dentro do Grupo de Valorização Negra do Cariri – (GRUNEC), e como **objetivos específicos**, pretende-se interrogar de que maneira esse grupo se organiza institucionalmente; identificar quem são os participantes, como atuam e o que demandam nas suas necessidade informacionais; mapear as ações desenvolvidas; identificar qual é o público alvo do grupo e refletir de que maneira o grupo produz, usa e comunica a informação.

Assim, esta pesquisa se insere em uma perspectiva em que discute pressupostos teóricos e investigativos da afrodescendência, correlacionando a com a Ciência da Informação (CI), em seu aspecto interdisciplinar (SARACEVIC, 1996). A pesquisa também apresenta uma motivação social, embasada no paradigma social, defendido por Capurro; Hjørland (2007), uma vez que entende-se como pertinente compartilhar com a comunidade científica e com a sociedade de forma mais ampla estudos afrodescendentes, tendo em vista que a população brasileira é formada em grande parte por negros ou seus descendentes.

Ainda é possível mencionar uma motivação cultural, haja vista que os estudos sobre afrodescendência estão circunscritos em um processo de cultura étnica, a qual vislumbra a necessidade de abordagens reflexivas que

afirmem essa trajetória histórico-cultural, objetivando à valorização da memória afrodescendente.

Afrodescendente na presente pesquisa se refere a um conceito que sinaliza, na sociedade brasileira, os povos originários de descendentes de africanos. Segundo Cunha Júnior (2007), o termo afrodescendência é utilizado para designar a população conceituada pelos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como parda e preta.

É importante ressaltar que a presente pesquisa dialoga diretamente com questões de ordem individual do pesquisador. O interesse sobre o tema se deu através da inserção como bolsista de extensão, de monitoria e assistente voluntário de pesquisa, no Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais, da Universidade Federal do Ceará, Campus avançado do Cariri – (N'BLAC).

Por fim, pretende-se contribuir com a problematização dessa temática no campo da CI, vislumbrando a construção de uma sociedade sem preconceito, discriminação e qualquer manifestação segregadora. Pautada no livre acesso a informação, na expectativa de possibilitar aos sujeitos sociais o conhecimento de seus direitos e deveres.

Na intenção de melhor compreender as discussões dessa pesquisa, o texto se apresenta a partir da seguinte estrutura: na primeira parte, a introdução procura contextualizar a temática; em seguida, têm-se as inquietações da pesquisa servindo como ponto chave para o

desenvolvimento do estudo, a justificativa e os objetivos delineadores para serem alcançados.

A segunda parte compreendida como quadro teórico de referência, propõe aspectos conceituais necessários para o desenvolvimento do estudo. Discute temas como movimentos sociais em sua concepção geral, passando pelos movimentos sociais negros como especificidade da pesquisa. Isto posto, o passo seguinte foi alavancar discussões sobre a importância da informação e da comunicação para a sociedade, essas questões estão ancoradas no contexto da CI, visto que o objeto de estudo da referida área, é a Informação. Também foi discutido o papel da memória no contexto da CI, fazendo relação com os estudos da memória dos afrodescendentes.

Na terceira parte, expõe os pressupostos teóricos metodológicos, descrevendo os caminhos de investigação científica assim como o ambiente em que será realizada a pesquisa. Em seguida, são apresentadas as coletas, análises e interpretações dos dados do estudo. E no último momento, é apresentado a conclusão da investigação, a que resultados a pesquisa chegou.

## 1.1 PROBLEMÁTICA

Os estudos de apropriação, geração e disseminação da informação são importantes para verificar o grau de envolvimento dos indivíduos na sociedade. Neste sentido, a CI como um campo interdisciplinar por natureza

(SARACEVIC, 1996) que apresenta relações com várias outras áreas e domínios de interesses, pauta a informação como um mecanismo propulsor para a aquisição de conhecimento.

E a informação ganha importância nos diversos ambientes e debates. Para Marteleto (2001, p. 1), “a questão do conhecimento e do acesso à informação tomam uma nova e expressiva relevância no processo de desenvolvimento econômico, no exercício da cidadania, na educação e no trabalho”.

Nesta perspectiva, a discussão sobre as questões etnicorraciais no Brasil tem avançado nos últimos anos. A pauta presente nas inúmeras discussões é criar mecanismos para a desconstrução da ideia errônea de que no Estado brasileiro se vive em plena harmonia racial. Assim, a luta pelo fim do racismo na sociedade pode ser analisada a partir da forma em que as organizações antirracistas se manifestam.

Nesse sentido, a emergência dos movimentos sociais negros, por exemplo, são tidos como verdadeiros indícios dos efeitos que o preconceito, a discriminação e o racismo, atingem a comunidade negra, que necessita de ações coletivas para propor formas para obtenção de informação e satisfazer as suas necessidades informacionais a fim de combater as mazelas da segregação.

Seguindo essa linha de raciocínio, a presente pesquisa se propõe a estudar o Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC), reconhecido como movimento social negro. Desse modo, a problemática dessa investigação circunscreve-

se na seguinte inquietação: Quais são as ações que esse grupo desenvolve? Essas ações conduzem à apropriação, geração e disseminação da informação por parte dos sujeitos? Diante do exposto, a inquietação científica, buscará identificar se este grupo vem ao longo dos anos, produzindo ações com ênfase nas questões etnicorraciais de interesses da comunidade afrodescendente, ressaltando a importância da apropriação da informação para se tornar um sujeito social ativo na sociedade.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Conforme Araújo (2002), a informação pode ser compreendida como prática social na qual envolve processos de atribuição de sentido, fazendo com que gere novos estados de conhecimento. Para a autora, no intuito de melhor compreender o estado da informação, é necessário levar em consideração o “sujeito do conhecimento; o sujeito/usuário de informação e sujeito/gerador de conhecimento.” (ARAÚJO, 2002, p. 14). Desse modo, no contexto da CI, a autora afirma ainda que existem três tendências para entender esse estudo, a saber: a informação como produção de um sujeito universal, um sujeito cognitivo-individual e um sujeito cognitivo-social.

Na primeira abordagem, Araújo (2002) considera que o sujeito do conhecimento é universal e possui categorias que caracterizam sua maneira de conhecer e representar as coisas. Essas categorias entendidas como formas racionais,

universais e transculturais, possibilitam de forma particular para cada indivíduo, o desenvolvimento de práticas informacionais.

A segunda abordagem, a informação como produção de um sujeito cognitivo-individual, parte do pressuposto de que “é a partir de experiências que o sujeito do conhecimento combina percepções elementares e as generaliza, dando lugar a produtos mais complexos, tais como, o conhecimento científico” (ARAÚJO, 2002, p.15). Para esta abordagem, as práticas informacionais acontecem no interior de cada indivíduo, priorizando a dimensão subjetiva.

Na terceira abordagem, a informação como produção de um sujeito cognitivo-social, o sujeito do conhecimento é um sujeito social. De acordo com a autora, a diferença dessa abordagem com as outras, é que nesta, o sujeito relaciona seu conhecimento com o contexto social em que vive. Araújo (2002) retoma Gomez (1984) para afirmar que nesta abordagem, o sujeito social depende de experiências anteriores transformadas pela socialização entre os grupos sociais.

Assim, no campo da CI, muitos autores têm seus estudos voltados para o sujeito social e suas práticas informacionais, no sentido de identificar na sua produção de conhecimento a ligação entre o individual e o coletivo levando em consideração as necessidades de informação. Neste sentido, a questão social constitui objeto de preocupação da CI, que segundo Le Coadic (2004) está voltada em esclarecer

tanto os problemas relacionados com a informação quanto o ser social que a procura.

Sendo assim, é relevante considerar que a CI se configura em um campo de estudo interdisciplinar e que se preocupa com a mediação entre a informação e os indivíduos que dela necessitam. Em tais condições, o estabelecimento de um amplo debate sobre as relações etnicorraciais referentes aos afrodescendentes na sociedade brasileira também deve ser preocupação dessa área, uma vez que a pesquisa científica pode propor a produção de conhecimentos que valorizem a população negra e se concentrem nas desconstruções das desigualdades raciais no país.

Neste aspecto, Garcia (2002) recorre a Taylor (1966) para afirmar que o surgimento da CI se origina na conferência do *Georgia Institute of Technology (George Tech)*<sup>1</sup>, como ciência que estuda o comportamento da informação e seus aspectos, que inclui disseminação, recuperação e tratamento da mesma para o uso. De acordo com Capurro (2003, p. 4), a CI

[...] nasce em meados do século XX com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo idealista e individualista, sendo este por sua vez substituído por um paradigma pragmático e social [...].

---

<sup>1</sup> Conferência realizada em 1961 e 1962 no Estado da Georgia, EUA. Este evento reuniu pesquisadores e especialistas nos estudos da informação.

Assim, o primeiro paradigma, “postula que há algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor” (CAPURRO, 2003, p. 7). O paradigma físico está relacionado com a Teoria Matemática da Informação, proposta por Shannon e Weaver em 1949, que considera a transmissão de mensagens de um emissor para um receptor. Este paradigma exclui o ser humano como sujeito ativo do processo de comunicação e informação e entende a informação como objeto físico.

O paradigma cognitivo, por sua vez, associa o sujeito como ser ativo que busca a informação para satisfazer suas necessidades informacionais. Este paradigma consiste em dar maior ênfase aos processos cognitivos, ou seja, o que ocorre dentro da mente humana, “[...] se trata de ver de que forma os processos informativos transformam ou não o usuário, entendido em primeiro lugar com sujeito cognoscente [...]” (CAPURRO, 2003, p. 9).

O paradigma social leva em consideração o lado material e social do ser humano, em que no processo comunicativo o indivíduo absorve a informação e a dissemina para a sociedade. Aqui, a informação passa a ser inserida dentro do contexto social e cultural. Assim,

só tem sentido falar de um conhecimento como informativo em relação a um pressuposto conhecido e compartilhado com outros, com respeito ao qual a informação pode ter o caráter de ser nova e relevante para um grupo ou para um indivíduo (CAPURRO, 2003, p. 11).

Desse modo, a informação deixa de ser vista como um dado sem sentido, ou um objeto físico, e passa a ser algo construído pelos sujeitos sociais que atribuem significados a partir de suas interpretações.

Essa percepção de estudos voltados para a questão social também foi proposto por Hjørland e Albrechtsen (1995), no qual consideram como análise de domínio. Propõem-se a estudar os domínios do conhecimento como comunidades de reflexão ou discussão, para dessa maneira analisar os diferentes grupos sociais da sociedade, compreendidos como comunidades discursivas.

Nessa mesma linha de pensamento Le Coadic (2004, p. 19-20) afirma que “de prática de organização a ciência da informação tornou-se uma ciência social rigorosa, sob o efeito de uma demanda social crescente e de novos desafios sociais e grandes avanços econômicos.” E por essa demanda social, pode-se inferir que se localizam aí os estudos que possam contribuir para acabar com os preconceitos e as atitudes forjadas nas ideologias do racismo contra populações discriminadas, e de outros tipos.

Nesse cenário, com as contribuições dos trabalhos de Hjørland e Albrechtsen (1995), Capurro (2003), Le Coadic (2004), entre outros autores, o paradigma social da informação, vem se consolidando no âmbito da CI, uma vez que a informação é a condição básica para o desenvolvimento econômico, social e político na sociedade. O campo investigativo em que se situa o paradigma social da CI apresenta-se nos estudos entre discursos e áreas do saber,

no que tange ao acesso, à mediação e disseminação de informação para a sociedade.

## 2 MOVIMENTOS SOCIAIS: APROXIMAÇÃO TEÓRICA

Para Gohn (1997) não existe uma única definição do que seja um Movimento Social (MS). Neste sentido, diante de uma diversidade de conceitos, esta pesquisa privilegiará alguns autores que discutem essa temática. Assim, na perspectiva de Scherer-Warrer (1999, p. 14) os MS “são formas de ações coletivas reativas aos contextos histórico-sociais nos quais estão inseridos”. De acordo com a autora, essas formas podem ser articuladas de inúmeras maneiras como por protestos, denúncias que se configuram em formatos organizados, ações de solidariedade e manifestações em prol de projetos construtivos no intuito de mudanças e transformações positivas.

Ainda, segundo Scherer-Warrer (1999, p. 15), um mesmo MS pode se configurar de forma simultânea tomando como bases três dimensões: “contestadora, solidarística e propositiva”. Significa, portanto, a realização de práticas afirmativas para a construção de identidades sociais que contribuam para uma sociedade igualitária. Deste modo, conforme os interesses de cada movimento, eles desenvolvem projetos os quais se traduzem em suas necessidades a fim de mudanças no cenário em que atuam.

Dois aspectos centrais são necessários para os debates sobre os MS, Scherer-Warrer (1999) chama atenção para as categorias de sujeitos sociais e associativismo civil, para melhor entender o conceito de MS. O primeiro diz respeito, ao comprometimento que o indivíduo tem com a

sociedade e consigo mesmo, “é a idéia do sujeito-no-mundo ou do cidadão-no-mundo” (SCHERER-WARRER, 1999, p. 15). Em outras palavras, é a formação de sujeitos preocupados com o outro, que respeite à diversidade e pense no mundo de maneira coletiva, sujeitos com capacidades de autonomia e características criativas.

O segundo está relacionado com as ações coletivas desenvolvidas pelos sujeitos sociais, que se concretizam em formas organizadas, estruturadas e delimitadas, em busca de melhores condições de vida. Nessa direção, “inclui-se nessas as associações de moradores, ONGs, grupos de mútua-ajuda, grupos de jovens, mulheres, étnicos, ecologistas e outros” (SCHERER-WARRER, 1999, p. 15).

A importância dada a essas categorias contempla a definição de MS que a autora determina, em suas palavras,

movimento social é um conjunto mais abrangente de práticas sociopolítico-culturais que visam a realização de um projeto de mudança (social, sistêmica ou civilizatória), resultante de múltiplas redes de relações sociais entre sujeitos e associações civis. É o entrelaçamento da utopia com o acontecimento, dos valores e representações simbólicas com o fazer político, ou com múltiplas práticas efetivas (SCHERER-WARRER, 1999, p. 15-16).

A partir dessas práticas, é possível falar ainda, segundo essa autora, em movimentos feministas, de negros, ecológicos entre outros. E conclui que a categoria MS é fruto das ações entre sujeitos sociais e associações civis.

Na concepção de Touraine (1998), nem toda ação coletiva deve ser chamada de MS, corroborando com o autor, Gohn (1997) ratifica que esse grupo deve ter uma identidade em comum, bem como possuir inúmeros parâmetros para ser considerado MS. Desse modo,

a noção de movimento social só é útil se permitir pôr em evidência a existência dum tipo muito particular de ação coletiva, aquele tipo pelo qual uma categoria social, sempre particular, questiona uma forma de dominação social, simultaneamente particular e geral, invocando contra ela valores e orientações gerais da sociedade, que ela partilha com seu adversário, para privar este de legitimidade (TOURAINÉ, 1998, p. 113).

Os movimentos sociais surgem tanto no cenário econômico, quanto no político com o objetivo de lutar por mudanças sociais no país como também contribuir para a construção de uma sociedade igualitária, abandonando a exclusão e incorporando a inclusão social nas suas agendas.

Conforme Gohn (2011, p. 14) os movimentos sociais nunca deixaram de existir assim,

eles representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa, de ordem numérica, mas como campo de atividades e de experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais.

Para a autora, existem vários tipos de movimentos sociais, inclusive alguns que se apóiam em ideias

conservadoras que alimentam crenças racistas com atitudes cheias de preconceitos de toda natureza.

Esses são compreendidos como movimentos nacionalistas que se voltam para interesses particulares, não dialogando com as questões que possibilitem mudanças sociais emancipatórias. Podem ser entendidos como “movimentos construídos a partir de práticas sectárias, destrutivas e de total negação à ordem social vigente” (GOHN, 2011, p. 14). Conforme a autora, esses movimentos possuem comportamentos e conceitos não democráticos e se nutrem de mecanismos perversos como terrorismos e guerras. Gohn (2011) chama atenção ao afirmar que esses movimentos são fechados, dito de outro modo, eles se utilizam de crenças e códigos que outros indivíduos não podem ter acesso.

Já os movimentos sociais progressistas, diferenciam-se dos anteriores, por atuarem de forma democrática, são grupos preocupados com a realidade social dos cidadãos e propõem mudanças para uma agenda emancipatória. “Nessa perspectiva manifestam-se em redes, articulam ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social” (GOHN, 2011, p. 14-15). Essas redes, para a autora, se estruturam a partir de objetivos estratégicos, com a pretensão de contribuir com resultados satisfatórios tanto para os próprios movimentos sociais, quanto para a sociedade civil em geral.

Para Marteleto (2001, p. 72) existem inúmeras definições para o termo rede. Em suas reflexões a autora se

utiliza de uma compreensão de rede que também se aproxima da presente pesquisa, como sendo

sistema de modos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede. A rede social, derivando deste conceito, passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.

Dessa forma, as redes se utilizam de diferentes mecanismos da sociedade globalizada e informatizada (GOHN, 2011) para o compartilhamento de ideias, interesses, com a intenção de se articular com outros grupos que dialogam da mesma necessidade, seja informacional ou não, criando assim, as redes sociais que atuam em vários domínios, nos quais os integrantes socializam informações relevantes entre si. Essas redes fazem inter-relações com outras, formando redes maiores. O compartilhamento dessas informações entre os membros dessas redes permite o desenvolvimento de pesquisas, construção de documentos diversos, criação de argumentos frente a problemas que afetam o ciclo das redes entre outras atividades.

Nesse contexto, efetiva-se o ciclo informacional – construção, comunicação e uso (que será apresentado mais adiante), pois esses grupos validam se a informação é relevante, permitindo que outras informações sejam geradas a partir dela, sendo realimentada e modificada dentro do ciclo. Neste aspecto, um movimento social de uma determinada área temática, localizado no interior de uma cidade da região

Nordeste, por exemplo, pode se manter informado sobre os acontecimentos de outro movimento de mesmo interesse, situado na região Sul, e essas informações podem ser adquiridas através da Internet, mídia, entre outras.

No entendimento de Gohn (2011), existem diferentes categorias de redes: as redes locais, nas quais inserem as comunidades de bairro, por se apresentarem como associações comunitárias; as redes virtuais, que se apropriam das tecnologias de informação e comunicação, fazendo relações online; as redes temáticas específicas, como por exemplo, os grupos feministas, ambientais, os movimentos negros, entre outros; redes socioculturais, “dadas por heranças ou características étnicas, religiosas, advindas da tradição ou de práticas sociais contemporâneas” (GOHN, p. 15); redes históricas; redes de entidades, e assim por diante.

Cabe destacar que ao verificar esses exemplos de redes, pode-se inferir que uma pode apresentar-se com as mesmas características de outra. Ou seja, um grupo de uma certa comunidade, localizada em um bairro (rede local), se utiliza das tecnologias digitais (redes virtuais) para se comunicar entre si e com outros, que por sua vez, discutem apenas estudos voltados para questões raciais que envolvem a população negra (redes temáticas).

De modo geral, os movimentos sociais desde as últimas décadas têm contribuído em virtude de suas práticas, para a construção de identidades de pertencimento social (GOHN, 2011) e os mesmos são responsáveis em inserir na sociedade indivíduos que antes se sentiam excluídos.

Assim, para essa autora, os movimentos sociais nesse novo milênio se destacam por diferentes características, são contra as implicações oriundas da globalização, que voltam seus olhares apenas para o mercado e deixam o ser humano em segundo plano; reivindicam as questões que envolvem ética na política, orientando a população sobre possíveis benefícios desviados de um bem público; através de seus discursos contribuem para o entendimento da autonomia, em que os indivíduos passam a ter um olhar crítico sobre conflitos que estão envolvidos, ter autonomia é pensar nos interesses dos grupos em que está inserido tendo autodeterminação para resolução de possíveis problemas. Nas palavras de Gohn (2011, p. 17) ter autonomia é

[...] priorizar a cidadania: construindo-a onde não existe, resgatando-a onde foi corrompida. [...] é ter pessoal capacitado para representar os movimentos nas negociações, nos fóruns de debates, nas parcerias de políticas públicas [...].

Há que se considerar como exemplo de autonomia, que muitos dos militantes desses movimentos ao possuir esta característica têm entrado nas universidades nos programas de pós-graduação. E que muitas vezes, depois de qualificados, ficam na própria academia como professores e passam a ver o movimento unicamente como objeto de pesquisa (GOHN, 2011) e outros militantes atuam levando conhecimento ao grupo. É importante assinalar, que este é um dos pontos importantes dentro dos movimentos sociais, ou seja, a formação de intelectuais para adentrarem nos espaços acadêmicos, porque se compreende que é na academia que a

produção de conhecimento sobre essas temáticas ganham maior amplitude. E por meio dessa visibilidade, a sociedade tem a oportunidade de conhecer o que se pesquisa a seu respeito.

Paralelamente à questão de autonomia, Gohn (2011) apresenta as novas formas de associativismos, que são as mobilizações dos grupos perante a concretização de um objetivo. Para a autora esse novo modelo é mais estratégico e não demanda dos sujeitos obrigações permanentes com o movimento, ele se articula de forma propositiva. Contudo, para entender os fundamentos desse novo associativismo, a autora elege o conceito de Participação Cidadã, como sendo aquela que é

lastreada num conceito amplo de cidadania, que não se restringe ao direito ao voto, mas constrói o direito à vida do ser humano como um todo. Por detrás dele há um outro conceito, de cultura cidadã, fundado em valores éticos universais, impessoais. A Participação Cidadã funda-se também numa concepção democrática radical que objetiva fortalecer a sociedade civil no sentido de construir ou apontar caminhos para uma nova realidade social – sem desigualdades, exclusões de qualquer natureza. Busca-se a igualdade, mas reconhece-se a diversidade cultural. Há um novo projeto emancipatório e civilizatório por detrás dessa concepção que tem como horizonte a construção de uma sociedade democrática e sem injustiças sociais (GOHN, 2011, p. 18).

Em conformidade com esse o conceito, percebe-se que a ideia fundante é o respeito às diferenças culturais e que os sujeitos sociais estejam organizados para que os seus

interesses sejam articulados. A Participação Cidadã compreende os direitos e deveres dos cidadãos, e vê o mesmo como sujeito ativo na sociedade.

Tratando especificamente dos movimentos no Brasil, é a partir dos finais da década de 1970 e meados de 1980 que grupos de oposição ao antigo regime militar apoiados na Teologia da Libertação<sup>2</sup> ganharam força, são os chamados movimentos sociais populares. As lutas sociais nesse período invadiram as cidades com diversas reivindicações atribuindo maior visibilidade a esses movimentos (GOHN, 2011).

De acordo com a autora, nos anos de 1990 outras organizações populares surgiram com caráter institucionalizado, como os fóruns nacionais que definiam metas e promoviam encontros nacionais, com intuito de estabelecer soluções para resolução de problemas que afetavam seus grupos. A título de exemplo, o Fórum Nacional de Luta pela Moradia, e assim por diante. Deve-se destacar ainda a atuação de outros grupos que foram organizados politicamente na década de 1990, como os dos funcionários públicos, das mulheres, dos homossexuais, dos afrodescendentes, dos indígenas, os ecologistas entre outros. (GOHN, 2011).

Os MS podem transformar e alterar as conjunturas locais e globais em que estão inseridos, dessa forma, a autora

---

<sup>2</sup> A Teologia da Libertação é uma corrente teológica que tem como pressuposto refletir sobre a situação da pobreza à luz da fé cristã.

elencar diversas temáticas que fazem parte do panorama dos movimentos sociais deste milênio que são: lutas por condições de moradia; movimentos contra o desemprego; movimentos dos sem-terra; movimentos que tem como pauta as questões de gênero, tanto de mulheres quanto de homossexuais; movimentos rurais; movimentos etnicorraciais de índios e negros, dentre outros.

Apesar de reconhecer a importância de cada movimento social com suas particularidades e anseios, a presente pesquisa voltar-se-á, especificamente para os movimentos sociais negros, dessa maneira na continuidade dessas reflexões, na próxima seção será apresentada a trajetória do movimento negro no Brasil com a intenção da familiarização com a temática ora proposta.

## 2.1 MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS NO CEARÁ

Conforme exposto na seção anterior, os MS são ações coletivas em que os sujeitos sociais, possuem identidades e objetivos definidos. Esses objetivos por sua vez, dialogam sistematicamente com as necessidades dos indivíduos em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, sem discriminações, preconceitos e racismos, como também contra qualquer forma de exclusão social por parte dos sujeitos.

De fato, o combate à discriminação e a promoção da igualdade racial são preocupações dos movimentos sociais

negros. Por meio deles a concepção de que no Brasil os cidadãos vivem em perfeita harmonia racial caiu por terra. Neste sentido, a participação do Movimento Negro (MN) na sociedade brasileira é caracterizada por interesses e reivindicações específicas, como por exemplo, a inserção de estratégias de ações políticas na luta antirracista.

Nesse contexto, entende-se que os MN contemporâneos, são o conjunto de movimentos sociais negros espalhados pelo país, em que nas suas agendas discutem a questão dos atos discriminatórios sofridos pela população negra, e que proporcionam desigualdades de acesso aos seus direitos fundamentais. Vale ressaltar na compreensão de Pereira (2013), que esta nomenclatura - movimento negro contemporâneo - é constituída a partir dos anos de 1978, período em que se dá a criação do movimento negro organizado.

Segundo Valente (1994), depois de mais de 40 anos do 13 de maio (Abolição da escravatura), os MN passaram por mudanças que concernem na luta por espaço na sociedade. Em consonância com a autora, as manifestações e reivindicações do povo negro, assumiram posturas político-ideológicas. Nesta direção, na década dos anos de 1930, fundou-se a Frente Negra Brasileira (FNB), com o objetivo de integrar o negro na sociedade. (VALENTE, 1994).

Outro fenômeno data do ano de 1978, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR) criado na cidade de São Paulo. A criação se deu a partir dos atos discriminatórios sofridos por negros ao serem impedidos

de entrarem no Clube de Regatas Tiête, como também contra a morte do trabalhador negro Robson Silveira (SANTOS, 2006; PEREIRA, 2013).

Nesse sentido, foram realizados nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, diversos protestos em formato de denúncias, contra a maneira de como os negros eram tratados. O MNUCDR mais tarde, passou a denominar-se Movimento Negro Unificado (MNU), tornando-se referência na luta antirracista por outros movimentos em todo o país.

O objetivo do MNU era de contestar o preconceito e as discriminações raciais sofridos pelos negros, como também unificar grupos desta etnia em prol de um objetivo comum. Segundo Santos (2006), essa ação serviu como mola propulsora para a inserção do movimento negro no contexto das lutas para a redemocratização do país.

No que diz respeito aos avanços desse segmento, tem-se A III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, convocada pela Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em Durban, África do Sul, em 2001, sendo considerada como um dos marcos históricos das reivindicações do movimento negro contemporâneo. A partir desta conferência, o governo brasileiro passou a assumir importantes iniciativas no campo das relações etnicorraciais no Brasil, levando em consideração a promoção da igualdade racial entre a população negra.

Conforme Gomes (2009), a Conferência de Durban pode ser entendida como uma das importantes mobilizações

dos movimentos sociais para a inserção da temática etnicorracial na agenda política nacional, como também para a criação de programas e ações afirmativas antirracistas.

Segundo a autora, a educação foi uma das pautas dessa conferência. Essa articulação resultou entre outros fatores na aprovação da Lei 10.639/03 tornando obrigatório nas escolas da rede pública e privada da Educação Básica o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essa lei que já completou uma década de existência é fruto de um processo de lutas sociais, que confere o movimento negro brasileiro como protagonista dessa conquista. Nesse sentido,

com avanços e limites a Lei 10.639/03 e suas diretrizes curriculares possibilitaram uma inflexão na educação brasileira. Elas fazem parte de uma modalidade de política até então pouco adotada pelo Estado brasileiro e pelo próprio MEC. São políticas de ação afirmativa voltadas para a valorização da identidade, da memória e da cultura negras (GOMES, 2009, p. 40).

De fato, esta Lei é um instrumento para a valorização do negro no que diz respeito a sua contribuição para a história brasileira. É importante ressaltar que o reconhecimento da existência de assimetrias entre brancos e não brancos no que se refere às oportunidades e igualdade de tratamento no Brasil, ganharam força a partir do governo Fernando Henrique Cardoso (THEODORO, 2008) com a criação do Grupo de Trabalho Interministerial pela Valorização da População Negra (GTI). Assim,

em 2003, com a posse do novo governo, três inovações significativas no que se refere à promoção da igualdade racial foram estabelecidas. A primeira foi a instituição da Secretaria Especial de Políticas da Igualdade Racial (Seppir), com *status* de ministério e tendo como objetivo formular e coordenar as políticas para a promoção da igualdade racial e articular as ações do governo federal de combate à discriminação racial. Em segundo lugar, a criação do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPiR). Órgão colegiado de caráter consultivo vinculado à Seppir, o CNPiR tem como missão propor políticas de combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação e de promoção da igualdade racial. Outra iniciativa institucional relevante foi a instituição, ainda em 2003, do Fórum Intergovernamental de Promoção da Igualdade Racial (Fipir). Reunindo organismos executivos estaduais e municipais – secretarias, coordenadorias, assessorias, entre outras – voltadas para a questão racial, o fórum visa articular os esforços dos três níveis de governo para implementar políticas de promoção da igualdade racial. (SILVA et al., 2009, p. 37)

A exemplo da Secretaria Especial de Políticas da Igualdade Racial (SEPPiR) que atua em abrangência nacional, reconhecida pelas lutas do Movimento Negro Brasileiro MNB, foram criadas diversas secretarias, conselhos, instituições para o combate ao preconceito e a discriminação racial sofridas pela população afrodescendente. Organizações essas em âmbitos federal, estadual e municipal, que realizam dentre suas atividades congressos e encontros de formação política, para atender às necessidades da população negra a fim de intervir nas esferas políticas, para a melhoria da sociedade. Outro avanço do governo foi a aprovação da Lei 10.639/03 já referida e alteração da mesma para a Lei

11.645/08, que acrescenta a obrigatoriedade do ensino da cultura indígena.

De posse dessas informações, é necessário uma contextualização da luta dos movimentos sociais negros no estado do Ceará, para melhor aproximar aos questionamentos da pesquisa. No estado do Ceará, a sociedade é circunscrita pelo mito da inexistência de negros. A população cearense apresenta certas dificuldades em se identificar como negro. “O discurso corrente é de que não tivemos uma população significativa de escravizados e, portanto, ‘O Ceará não tem negros’.” (NUNES, 2011, p. 111). No entanto, relatos mostram que desde a década de 1980 já existia um MN que contestava a discriminação racial sofrida por essa população. É, Pereira (2009), em seu texto cujo título é 26 Anos de História do Movimento Negro no Ceará, quem faz um resgate histórico da criação e atuação desse movimento no estado cearense.

Pensando nesse aspecto é que surge a seguinte inquietação: Como questionar e denunciar casos de racismo, preconceito e discriminação racial contra negros em um estado que não “têm” negros? Quais são os motivos que levaram grupos de pessoas a lutarem e constituírem um movimento negro neste estado?

Essas indagações são respondidas por Pereira (2009, p. 82), ao afirmar que “foram inúmeras famílias negras, comunidades, cativos, negros fujões, que organizaram e deram o exemplo das primeiras organizações de negros no Ceará, com intuito da busca da valorização como raça, como ser humano.” O MN no Ceará surge dessas famílias que

lutaram para tornar viva a memória de seus ancestrais. Ainda dialogando com o autor, existem diversas comunidades de negros distribuídas por todo o estado do Ceará. Desse modo,

pode-se citar, afinal, as comunidades negras de Conceição dos Caetanos e Água Preta, em Tururu; no Município de Quixeramobim, o lugarejo conhecido como Muchuré, onde está a família Peba; a 18 Km de Aquiraz, os lugarejos de Lagoa do Ramo, Goiabeiras, Catolé dos Pereira e Cinzenta; em Tauá, as comunidades negras de Antonica, Barra do Vento, Sítio dos Pretos e Consciência Negra. Em Poranga, a comunidade de Pitombeiras; em Tamboril, as comunidades Serra dos Matos e Açudinho; em Novo Oriente, a comunidade de Barriguda e Lagoa de Dentro; em Ipueiras, as comunidades Sítios dos Negros, Feijão, Cobras, Coité e Paudárco (PEREIRA, 2009, p. 82).

Tal cenário reforça a existência de comunidades negras no estado, o que viabiliza a criação de um movimento que lute contra os fenômenos de preconceito e da discriminação racial que atingem essa população. Dessa forma, o surgimento do MN no Ceará data da década de 1980, mais precisamente do dia 13 de julho de 1982, por meio da militante Lúcia Simeão<sup>3</sup>. No ano seguinte, a partir de reuniões entre os membros, cria-se o Grupo de União e Consciência Negra de Fortaleza (PEREIRA, 2009).

---

<sup>3</sup> Maria Lúcia Simão Pereira é militante do Grupo de União e Consciência Negra do Ceará e fundadora da Associação Cultural e Educacional Afro-Brasileira Maracatu Nação Iracema.

Nessa linha de raciocínio, com o passar do tempo, outros grupos que tinham como pauta a luta contra a discriminação racial negra foram surgindo. Como os Agentes de Pastoral Negros (APN), esses agentes eram pautados na categoria religiosa, através da realidade católica, padres, bispos entre outros. E deles surgiram mais grupos, como o Grupo de Religiosos (as) Negros e Indígenas (GRENI), o Grupo de Mulheres Negras e assim por diante. No que se refere ao Grupo de União e Consciência Negra, o autor em questão, aponta que houve uma divisão no grupo e o mesmo passa-se a chamar de Grucon, o motivo não se sabe qual, neste sentido, o autor ainda revela que o Grucon chega a se desarticular, surgindo o Instituto Zumbi e o Movimento Negro Unificado (MNU). (PEREIRA, 2009).

No tocante à região do Cariri cearense, principalmente em torno de três importantes cidades Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, existe MSN? Quem responde essa indagação é o estudo dos professores Joselina da Silva e de Reginaldo Domingos, ambos pesquisadores que vêm estudando a questão da discriminação racial que afeta a população negra no Ceará. Assim, na pesquisa desses intelectuais intitulada Vontade de liberdade e de cidadania: movimentos sociais negros em Juazeiro do Norte e Crato, os autores reconhecem que até o momento existem dois grupos antirracistas que desenvolvem ações em prol da igualdade racial. (DOMINGOS; SILVA, 2012).

As análises realizadas indicam que na cidade de Juazeiro do Norte - CE, o movimento social negro encontrado fica localizado no bairro do Horto, e é denominado Grupo de

Consciência Negra. Os autores através de entrevistas com integrantes do grupo identificaram que o mesmo surgiu em 1986, após o lançamento da campanha da fraternidade da igreja católica intitulada Consciência Negra e Discriminação Racial. (DOMINGOS; SILVA, 2012).

No que se refere à cidade do Crato, o estudo dos autores identificou o GRUNEC, formado por diversos integrantes com o mesmo objetivo.

Na luta contra as disparidades raciais e, por conseguinte, as sociais, o grupo vem questionando, por meio de lutas e resistência, o racismo que domina os aspectos sociais, políticos e culturais da região do Cariri (DOMINGOS; SILVA, 2012, p. 153).

Nesse contexto, o grupo vem promovendo ações contra o racismo e criando maneiras para debater a discriminação racial que afeta a população. Em sua agenda, destaca-se, o resgate da história do negro no Ceará, como também a inserção dessa temática nos currículos educacionais de ensino, o que a Lei 10.639/03 preconiza. Elenca-se que é

de tal modo é que o Grupo de Valorização Negra do Cariri – Grunec – nasce no clube Aabec (Associação Atlético Banco do Estado do Ceará) na cidade do Crato, 21 de abril de 2001. Seu estatuto foi criado em janeiro de 2002 e seu reconhecimento legal ocorreu em 26 de janeiro de 2004 no Cartório de 4º Ofício Maria Júlia na cidade do Crato (CE). O grupo de amigos (um padre, professores, funcionários públicos e outros mais) começou a se reunir periodicamente nos anos 2000 e 2001, e entre uma e outra reunião se discutiam as

questões negras, o preconceito racial, a valorização da cultura negra, o problema do racismo institucionalizado, entre outros questionamentos (DOMINGOS; SILVA, 2012, p. 154).

Sobre a classificação do GRUNEC, os autores demonstram em sua pesquisa, que há uma inquietação por parte dos integrantes do grupo em nomear o Grunec como movimento social ou Organização Não Governamental (ONG). Para uns, a nomenclatura ONG, possibilita uma maior liberdade, fica isenta de agregações por parte das instâncias municipal, estadual ou federal. Outros preferem usar a categoria movimento social por não possuir recursos públicos e, conseqüentemente sem influência do Estado (DOMINGOS; SILVA, 2012).

Os autores da pesquisa retomam Montenegro (1994) e Sherer-Warren (1999) para afirmarem que existe uma discussão em torno das conceituações desses termos. Assim, demonstram que uma ONG caracteriza-se por uma ação institucionalizada, sem fins lucrativos, porém assumem em alguns casos parcerias com o Estado, diferentemente dos MS, pois os mesmos não possuem recursos (DOMINGOS; SILVA, 2012).

O GRUNEC vem desenvolvendo ao longo de sua existência inúmeras ações em prol da revalorização da população negra na região do Cariri cearense. Nos estudos de Domingos; Silva (2012) e Nunes (2011), os autores elencam diversas ações que o grupo vem provendo junto às comunidades da região, no sentido de tornar visíveis os elementos culturais da herança africana espalhados pelo

estado, além de ter “centrado os seus esforços também na denúncia do racismo presente na região” (NUNES, 2011, p. 135).

Domingos; Silva (2012) e Nunes (2011) apontam que no ano de 2001 um militante negro do grupo em questão foi agredido por um vereador local por discriminação racial, e assim, teve-se o primeiro caso de racismo registrado na região. Como bem lembra a autora, “registrado”, porém, o que não valida à inexistência de diversos outros casos sem denúncia. Ainda, dialogando com Nunes (2011), foram abertos dois processos contra o agressor, um civil e outro penal, sendo que este último ainda está em tramitação e guarda parecer do Poder Público.

Nunes (2011) assevera que este é um dos descasos quando se fala do preconceito racial que atinge a população negra brasileira. Alguns órgãos públicos de instância governamental muitas vezes negligenciam em tomar atitudes no tocante ao racismo. Além disso, é necessário reconhecer que a comunidade negra na falta de acesso às informações sobre seus direitos, deixa passar despercebidas muitas situações constrangedoras que proporcionam múltiplas formas de exclusão, preconceito, racismo e discriminação racial.

Domingos e Silva (2012) apresentam um histórico das atividades do GRUNEC no Cariri cearense. Desse modo, o grupo foi responsável pela realização da 1ª Semana da Consciência Negra do Cariri; o Dia Nacional da Consciência Negra; parcerias em Fóruns Nacionais e Estaduais. Foram

desenvolvidas ações com a Secretaria da Educação do Estado do Ceará com inúmeras palestras nas escolas no que tange os fundamentos da Lei 10.639/03 e

também ações junto ao poder público municipal para integrar o município do Crato ao Fórum Nacional de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial e visita de estudo nas Comunidades Rurais Remanescentes de Quilombos no intento de estimulá-las ao autorreconhecimento (todas no Estado do Ceará: na cidade do Crato, as comunidades de Luanda e Belmonte; em Porteiras, comunidade de Vassouras; Barbalha, no Sítio Melo; na cidade de Jardim, os Mulatos; comunidade de Arrudas no município de Araripe. (DOMINGOS; SILVA, 2012, p. 162)

Essas são algumas das atividades desenvolvidas pelo GRUNEC que estão relacionadas ao tema das questões etnicorraciais, especialmente da população negra local. Nas palavras de Cunha (1992, p. 138) citado por Nunes (2011), “Ninguém combate aquilo que não existe”. Ou seja, o movimento negro do Cariri existe para combater as mazelas do racismo e da discriminação racial que fazem parte não só do estado do Ceará, mas da realidade brasileira, e por muitas vezes a população desconhece ou não consegue enxergar tal situação.

É importante ressaltar que esses casos estão associados ao fato de que no tocante ao acesso à informação, nem todo indivíduo tem esta oportunidade. Para melhor compreender o processo de assimilação, comunicação e uso da informação, o próximo item ficará responsável por essa aproximação.

### 3 INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E MEMÓRIA

No campo conceitual da informação, diversos pesquisadores se deparam com a variedade de definições para o termo. Em uma reflexão etimológica, a palavra informação origina-se do latim “*informare*” que significa dar forma, formar, criar, entre outras. Essa definição por ser ampla, abarca todas as áreas do saber, sendo que a cada uma tem-se um olhar específico.

Para Araújo (2002), existem dois conceitos com base na origem etimológica da informação, desse modo, tem-se a informação como atribuição de sentido, que se dá através da seleção e recepção das informações recebidas, podendo gerar conhecimento a partir da visão de cada sujeito social; e a informação como processo de representação, que conforme a autora se dá mediante a geração e transferência da mesma. Argumenta ainda que “a partir de uma visão etimológica a informação pode ser conceituada como uma prática social que envolve ações de atribuição e comunicação de sentido” (ARAÚJO, 2002, p. 12).

A informação sempre foi utilizada pelo homem como meio para se comunicar e preservar sua memória. Por meio dela, o indivíduo consegue realizar tarefas, atividades e conhecer seus direitos e deveres na sociedade em que vive. Cabe ressaltar que a ausência desse mecanismo, tem colaborado para a ampliação de desigualdades sociais, uma vez que o acesso a mesma, é um direito de cidadania. Na análise de Reis; Silva e Massensini (2011),

*Informação*: representa a forma através da qual buscamos saber sobre a realidade de que participamos e ao fazê-lo temos como objetivo nos apropriarmos dos diferentes aspectos que nos circundam, estando incluídos neste processo tanto a busca de respostas para questões extremamente simples como tomar uma condução para ir do bairro x ao bairro y, bem como aspectos de maior dificuldade/complexidade, ou seja, no sentido de ir além do cotidiano, de forma a responder indagações sobre a história da sociedade, os processos de produção da vida, o lugar e o papel do homem no mundo, dentre outros (REIS; SILVA; MASSENSINI, 2011, p. 17).

No campo da CI, área que estuda os processos de coleta, tratamento, organização, recuperação e disseminação da informação, os cientistas da informação têm um olhar investigativo sobre ela, sobretudo na informação registrada. No entendimento de Le Coadic (2004, p. 26) “Fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente”.

Nesta pesquisa será apresentada uma parte das discussões sobre o conceito na CI tratado por alguns autores da área em questão e por fim, será elencando qual conceito foi utilizado para delinear esta pesquisa.

Neste sentido, segundo Le Coadic (2004), a informação é compreendida como um conhecimento registrado em forma escrita quer seja impressa ou digital, oral ou audiovisual em qualquer tipo de suporte. Le Coadic (2004); McGarry (1999) afirmam que o objetivo central da informação é o conhecimento. Na concepção de Capurro; Hjørland,

(2007), a informação desempenha um importante papel na sociedade contemporânea.

Buckland (1991), chama atenção para a utilização de três significados de informação: Informação como processo; informação como conhecimento e informação como coisa. A informação como processo corresponde ao ato de informar; Informação como conhecimento, para o autor é aquilo que é intangível, refere-se ao subjetivo do indivíduo. E para ser comunicado deve ser descrito, seja através de textos, ou sinais; a Informação como coisa, é caracterizada pelos objetos, documentos, como sendo algo informativo, e está intrinsecamente ligada aos sistemas de informação. Buckland (1991), afirma que o importante uso da informação é possibilitar conhecimento comunicado.

Na perspectiva de Le Coadic (2004), dois marcos caracterizam a informação: sua explosão quantitativa e a implosão do tempo para sua comunicação. A primeira leva em consideração a transição da comunicação oral para a escrita. A escrita, por sua vez, proporcionou à sociedade a multiplicação de informações impressas e conseqüentemente a necessidade de armazená-las. Desse modo, esses acontecimentos são trivialmente chamados de explosão quantitativa da informação por também estarem atrelados ao advento das tecnologias digitais, as quais facilitaram o desenvolvimento de mecanismos para a comunicação de informação à distância. Isso remete ao período pós-guerra, em meados da década de 1950, quando houve uma grande produção de informações científicas.

A segunda característica, a implosão do tempo de comunicação da informação, se refere à evolução das tecnologias digitais que vem contribuindo para o acesso da informação de forma rápida e precisa. Assim, “não há mais distância que seja obstáculo à velocidade, nenhuma fronteira detém a informação”. (LE COADIC, 2004, p. 7). Em outras palavras, os computadores conectados a Internet facilitam o intercâmbio de informações em questões de segundos, um mesmo documento pode ser acessado e lido por duas pessoas em lugares distintos e no mesmo instante, ao mesmo tempo em que ferramentas são desenvolvidas para possibilitar que haja acessibilidade dessas informações, garantido o direito de todos.

Dessa forma, a transmissão da informação necessita de um processo de comunicação. Esse processo existe desde a pré-história em que o homem buscava meios para se comunicar através de desenhos/figuras nas cavernas. Com a evolução e o surgimento da escrita, inicia-se a comunicação por esse meio que ganhou espaço com a invenção da imprensa por Gutenberg no Século XV. (RUSSO, 2010).

Nessa direção, retoma-se Le Coadic (2004) ao afirmar que a comunicação é o mecanismo que permite troca de informações entre pessoas. E para que isso ocorra satisfatoriamente, o autor propõe um processo que se assemelha ao sistema econômico, produzir, distribuir e consumir informação. Chamado ciclo da informação, constituído pela, construção, comunicação e uso da informação. Para o autor, “Os três processos – construção, comunicação e uso – se sucedem e se alimentam

reciprocamente” (LE COADIC, 2004, p. 9). Eles não se dão de forma isolada, um interliga o outro. Vale ressaltar que o olhar do autor, está em primeira instância, sob a informação científica e tecnológica.

Russo (2010) propõe um detalhamento de cada processo definido por Le Coadic (2004). Conforme a autora, o primeiro processo a construção/produção da informação se dá a partir das informações construídas por diferentes atores sociais em distintos campos. Sejam por professores, pesquisadores, militantes de movimentos sociais, artistas, entre outros, que gerem informação. Além dessa produção, deve-se observar também o registro, que pode ser de inúmeras formas e suportes. Como por exemplo, no tocante ao objeto dessa pesquisa, os movimentos sociais negros, os registros se dão, a partir das atas de reuniões, os documentos oriundos de encontros entre a comunidade e o movimento, dentre outros. No segundo processo, o da comunicação, se caracteriza pela disseminação da informação. A autora assevera que essa ação pode ocorrer de forma oral, escrita ou até mesmo, virtual. É materializada, com a utilização das tecnologias digitais proporcionadas pela Internet. Essa temática vai ser melhor explanada no item 6.1 do qual trata dos canais para a comunicação da informação.

No que diz respeito aos processos do ciclo informacional, como pode ser visto na Figura 1, tem-se o uso, compreendido como o terceiro passo: é a apropriação/assimilação da informação, que vai proporcionar uma nova produção de informação e dará início a um novo ciclo. Nesse contexto, a autora finaliza afirmando que,

como se vê, este é um processo dinâmico – não possui início e nem fim – e está sempre se autoalimentando através dos processos interativos e intercâmbios comunicativos que envolvem as necessidades de produção, transmissão e uso da informação. Esses elementos em ação caracterizam um ciclo informacional (RUSSO, 2010, p. 31).

Esta interpretação tem sido, entretanto, questionada por outros autores. Para Guimarães (2009, p. 112)

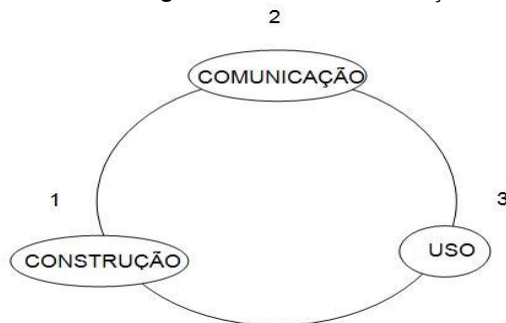
Acredita-se que a informação integre um movimento helicoidal e não circular ou cíclico, uma vez que a informação produzida pelo sistema nunca será igual àquela que nele ingressou originalmente.

Como pode ser observado, o autor não concorda com a ideia de ciclo informacional. No entanto, percebe-se que, apesar do termo “ciclo” se referir a algo que volta ao mesmo ponto de partida, infere-se que Le Coadic (2004) ao fazer uso desse termo, procura demonstrar que a mesma informação pode ser comunicada e utilizada por diferentes atores sociais, perpassando pelo ciclo e proporcionando a construção do conhecimento.

Concordando com Le Coadic (2004) e por uma questão didática, opta-se pelo conceito do ciclo informacional, porque aqui se pretende investigar cada etapa desse processo inserido no movimento social negro cearense, objetivando-se identificar como esses grupos produzem,

comunicam e usam a informação e como esse ciclo pode ser percebido nas inter-relações do grupo em questão.

**Figura 1** – Ciclo da informação



Fonte: Le Coadic (2004, p. 10).

Fazendo uma correlação do ciclo informacional proposto por Le Coadic (2004) com os valores civilizatórios afrobrasileiros, a saber: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade; energia vital e ludicidade, percebe-se que a circularidade é o que mais se aproxima, por pressupor um movimento em que os saberes são compartilhados proporcionando novos sentidos e significados. Dessa maneira,

a circularidade diz respeito, igualmente, ao caráter do pensamento cíclico, mítico, muitas vezes relacionado às sociedades tradicionais em que os tempos passados, presentes e futuros se processam em círculo: elementos do passado podem voltar no presente, especialmente através da memória; anúncios do futuro podem ocorrer no aqui e agora (BRASIL, 2006, p. 216).

Desse modo, a presente pesquisa, tomando como base as discussões do conceito de informação, e levando em consideração o ciclo informacional como mola propulsora para o estudo das relações de cidadania na sociedade, acolhe o conceito de informação proposta por Barreto (2005, p. 2), no qual

a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência do indivíduo e da sociedade como um todo. Entre seres humanos deixa de ser uma medida de organização para ser a própria organização em si, quando referencia o indivíduo ao seu passado, as suas perspectivas de futuro e ao seu lugar no presente. O conhecimento, só se realiza se a informação é percebida e aceita como tal e coloca o indivíduo em um estágio melhor dentro do mundo em que sua história individual se desenrola.

Desse modo, a importância dada a informação, pode oferecer aos indivíduos que se apropriam dessa matéria prima, a transformação em conhecimento quando bem assimilada, e para que isso aconteça de fato, é necessário a existência de canais de comunicação, como será apontado no item que segue.

### 3.1 OS CANAIS PARA A COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO

No campo da CI diversos são os estudos sobre os canais de comunicação para a efetiva transferência de

informação. Conforme Araújo (2002) esses canais podem ser formais, informais e semi-formais.

Os **canais formais**, “veiculam informações já estabelecidas ou comprovadas através de estudos” (ARAÚJO, 2002, p. 28). Nessa categoria, estão os livros, artigos de literatura, periódicos, vídeos entre outros. Para Meadows (1999) a informação disseminada por esses canais é registrada e armazenada por muito tempo, atingindo dessa forma um público amplo. Os **canais informais** têm seu público mais restrito, limitado e em sua maior parte é um processo oral, ou seja, informação falada. “São canais que se caracterizam por contatos realizados entre os sujeitos emissores e receptores de informação”. (ARAÚJO, 2002, p. 28). Concretizam-se em seminários, congressos, colóquios, conversas, palestras, reuniões e assim por diante. Le Coadic (2004) postula que a informação comunicada por esses mecanismos não possuem a mesma confiabilidade dos meios formais, isso talvez se justifique pelo risco dessa ser modificada na troca de informações uma vez que a mesma se dá pelo processo oral.

E os **canais semi-formais**, esses são compreendidos como aqueles que se caracterizam pela utilização do uso simultâneo dos canais formais e informais (ARAÚJO, 2002), como por exemplo, alguns fóruns de discussão, palestras, encontros científicos, que se configuram na utilização tanto de textos escritos, como de conversas face a face, exposição de trabalhos, livros dentre outros.

Além desses canais, Araújo (2002) chama atenção para os canais de comunicação eletrônica, estes estão atrelados as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC. Conforme a autora, o objetivo desses canais é possibilitar a troca de informação entre os indivíduos e organizações no âmbito da rede de computadores. A autora supracitada assevera que “os canais eletrônicos podem ser classificados como sendo canais que reúnem características de canais formais, informais e semi-formais.” (ARAÚJO, 2002, p. 29). Assim, como exemplo, tem-se os livros e documentos eletrônicos, a própria Internet, as diversas tipologias de bibliotecas – digitais, virtuais e eletrônicas -, as bases de dados referenciais, entre outros.

Essas reflexões permitem compreender os processos de comunicação vivenciados pelos MS no tocante ao uso desses canais. Como Le Coadic (2004) afirma esses canais servem a fins diferenciados e tornam-se indispensáveis no processo de obtenção de informação por parte dos sujeitos. Infere-se que estes grupos se utilizam desses todos esses canais de informação. No caso dos canais informais, são as palestras, entrevistas, reuniões, e os formais compreendem as publicações (livros, periódicos, manuais entre outros), e como exemplo do virtual, tem-se as inúmeras páginas eletrônicas disponíveis na rede, neste caso, entram os emails, *Blogs, Facebooks, Orkuts, Twitters* e assim por diante, que são alimentadas por esses grupos para divulgação de ações desenvolvidas e em desenvolvimento ou resultados de estudos.

Assim, além da comunicação oral, alguns grupos com auxílio dos próprios componentes ou não, conseguem registrar o que se produzem pelo movimento, já outros, sem condições financeiras apropriam-se unicamente da comunicação informal, disseminando suas ações por meio de palestras nos encontros, eventos, reuniões, entre outros.

### 3.2 MEMÓRIA

A abrangência do termo memória atravessa diferentes áreas do conhecimento, apresentando questões teóricas e disciplinares que dificultam uma definição conceitual exata. Assim, a primeira observação a ser feita, nesta pesquisa, é o entendimento especificamente da memória humana. Desse modo, ela é pode ser compreendida como

propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2013, p. 387).

Conforme se verifica na citação acima, pode-se inferir que a partir da informação tem-se a constituição da memória. Desse modo, o conceito de memória pode ser compreendido como a capacidade de armazenar informações de fatos passados e poder disseminá-las por meio de diferentes suportes, desde materiais físicos, digitais ou até mesmo pela oralidade. Este último é visto como de grande valia para os

movimentos sociais, uma vez que fortalece o contato entre gerações e considera efetivas explicações do passado para reflexões do futuro. E Bosi (2007) reforça essa ideia ao afirmar que,

A informação só nos interessa enquanto novidade e só tem valor no instante que surge. Ela se esgota no instante em que se dá e se deteriora. Que diferente a narração! Não se consoma, pois sua força está concentrada em limites como a da semente e se expandirá por tempo indefinido. (BOSI, 2007, p. 87).

Essa autora vem durante seus estudos discutindo a importância da narrativa para a preservação e divulgação da memória, e como bem aponta

o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. (BOSI 2007, p.56).

Ou seja, o aspecto da oralidade é ímpar para constituição da memória dos povos. As tradições de matrizes africanas conseguem preservar e disseminar seus legados, a partir da oralidade e não somente, pois é na narratividade que os seus descendentes adquirem conhecimentos sobre seus ancestrais e incorporam uma nova dinâmica de sobrevivência em sociedade, principalmente nas relações sociais, na luta antirracista.

Dalgalarro (2008, p. 137) reflete que a memória é a “capacidade de registrar, manter e evocar as experiências e os fatos já ocorridos.” E acrescenta que o aprendizado das

peças adquiridas durante toda a vida depende da capacidade de memorização. O autor também assinala que no campo da memória humana, ela pode ser dividida em: memória cognitiva, genética, imunológica e memória coletiva ou cultural.

Para ele a **memória cognitiva**, chamada também de psicológica, é a atividade do sistema nervoso, que proporciona aos indivíduos “registrar, conservar e evocar, a qualquer momento, os dados aprendidos da experiência.” A **memória genética** ou genótipo, são as informações biológicas que acompanham os seres vivos no material genéticos, como nos DNA, RNA entre outros. Já a **memória imunológica**, compreende as informações registradas do sistema imunológico dos seres. E por fim, a **memória coletiva** ou cultural, esta por sua vez, reúne os conhecimentos e as manifestações culturais, como ideologias, valores, condições de vida e são produzidos por um grupo social (DALGALARRONDO, 2008, p. 137). Assim, é possível afirmar que dentre essas diferentes classificações de memória humana, a que se aproxima do escopo dessa pesquisa, é a memória psicológica ou cognitiva, por se tratar das questões intrínsecas dos indivíduos fazendo relação com sociedade, ou seja, com o meio em que vive.

Nessa abordagem de estudos da memória humana, Lévy (1993) assinala que ainda se pode fazer uma diferenciação com as contribuições cognitivas, ao afirmar que existe memória de curto prazo e de longo prazo. A memória de curto prazo, também chamada de memória de trabalho, se refere ao fato de reter informações sobre aquilo que foi visto

por curto período. Ela está relacionada às sensações, costumes ou emoções, e tem como verdadeira estratégia o mecanismo da repetição. Já a memória de longo prazo, é caracterizada pela capacidade de arquivar informações de tempos mais longos, e evocar acontecimentos que ocorreram no passado longínquo.

Esse argumento pressupõe que,

A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. (BOSI, 2007, p. 90).

Isso tem se tornado uma questão para os movimentos sociais negros, objeto desse estudo, que ao longo do processo de lutas pela garantia de direitos negados, têm conseguido disseminar entre suas gerações suas formas de sobrevivência e organização social, para que juntos possam combater as desigualdades, promover o respeito, e acabar com as formas de discriminação, racismo e preconceito racial, sofridas pela população negra. Outrossim, é que tudo isso é possível, devido as experiências vividas no passado e que trazem consigo para o atual convívio social, por meio da oralidade que fortalece e solidifica a memória.

Vale ressaltar que assim como o conceito de informação tem diferentes abordagens e definições, o termo memória passa pelas mesmas circunstâncias quando se procura um sentido. Para Le Goff (2013, p. 435),

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder.

A reflexão sobre memória apontada por Halbwachs (2006) é entendida como um fenômeno social, uma vez que a memória individual sempre vai existir a partir da memória coletiva, visto que os indivíduos vivem em grupos e estão interligados com a sociedade em que vivem. Destarte, a memória individual ou coletiva pode representar e reconstituir fatos e acontecimentos históricos de uma sociedade. Proporcionando a valorização da identidade dos indivíduos, podendo dessa forma contribuir para a visibilidade dos mesmos. Porém, apesar de ser amplamente conhecida esta discussão, existe diferença entre a memória individual da coletiva. A individual está relacionada às lembranças pessoais de cada indivíduo, fazem referência às questões de individualidade. Ao se tratar da memória coletiva, reflete a construção de acontecimento, ou seja, as lembranças de um determinado grupo, das suas particularidades.

Na visão de Halbwachs (2006), os indivíduos participam dos dois tipos de memórias elencadas acima, e ressalta que as atitudes referentes a elas podem ser completamente diferentes.

Por um lado, suas lembranças teriam lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal – as

mesmas que lhes são comuns com outras só seriam vistas por ele apenas no aspecto que o interessa enquanto se distingue dos outros. Por outro lado, em certos momentos, ele seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. (HALBWACHS, 2006, p. 71).

Reforça ainda que os dois tipos de memórias podem se apoiar uma na outra, porém, jamais deixará de ter seu delineamento único. Não obstante, a memória coletiva contém em sua essência memórias individuais, “mas não se confundem com elas” (HALBWACHS, 2006, p. 72) recebem uma nova roupagem e são substituídas levando em consideração os interesses do grupo e não pessoal.

Concordando com Azevedo Netto (2008, p. 12) cabe reconhecer que a memória é um “conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado”. A memória também é constituída de lembranças e esquecimentos. São as lembranças que fazem com o que os indivíduos retomem sensações e pensamentos que já foram vividos e os esquecimentos, são processos comuns da memorização.

A história oficial brasileira foi construída a partir do silenciamento e esquecimento da real contribuição das populações negras. E esse silenciamento pode ser chamado conforme Pollak (1989), de memória subterrânea, que no imaginário social, são as culturas minoritárias e dominadas, que por muito tempo foram excluídas dando lugar a uma

cultura tida como dominante. Em outras palavras, é suposta hegemonia da cultura branca sobre as populações negras.

Então, como se lembrar da presença desses atores sociais que atuaram na composição de um país diversificado, se nunca foram vistos como agentes? Essa é uma problemática que os estudiosos e ativistas do debate da população negra, estão discutindo ao longo dos anos. Fazer tornar real o que os negros, contribuíram e vem colaborando para o desenvolvimento do país.

Porém, ainda nos dias atuais, segundo Aquino (2011, p. 48) o fluxo de informação

mediado pela mídia acerca da problemática do (a) negro (a), quase sempre, constrói discursos que nem sempre favoráveis ao respeito, reconhecimento, aceitação e valorização da diversidade cultural.

A citação reforça como a população negra é vista pela grande parcela da sociedade e assim faz silenciar as suas particularidades que determinam as suas condições históricas de vida. Parcas informações são veiculadas para dar visibilidade a um grupo que por muito tempo tem sido apagado, e estudos como este, são de grande valia neste sentido.

Outra vez é importante mencionar o que afirma Aquino (2011, p. 48) que

a ausência da ética na transmissão da informação sobre a história a cultura africana e afrodescendente tende a despertar ressentimentos e revoltas por parte

daqueles (as) que se sentem discriminados (as) pelos brancos (as).

E essa revolta é que motiva a lutar pela toda forma de discriminação que os afrodescendentes passam a cada dia, desenvolvendo estudos e pesquisas, que comprovem cada vez mais, a existência de tensões raciais na sociedade brasileira. E “hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente” (BOSI, 2007, p. 89).

Assim, retomando o que já foi visto, fala-se do conceito de memória em diferentes áreas do conhecimento, fazendo surgir uma utilização recorrente de várias definições e no campo da CI diferentes autores discorrem sobre essa temática e fazem referência com os estudos da informação, segundo Galindo (2010, p. 6),

Em CI, memória aproxima-se mais ao conotativo de estoque de informação, invocando a condição de registro memorial da herança cultural humana. A memória produzida ontem tem para a CI o mesmo valor como objeto de estudo que registros centenários, eleitos como representativos de interesse histórico ou patrimonial. Não cabe a CI a reconstituição do passado histórico memorial, antes busca entender a natureza dos registros e os fenômenos que envolvem a criação, o tratamento e o uso social da informação.

Neste sentido, a CI estuda os processos informacionais na sociedade, com o objetivo de que a memória seja preservada, e possa auxiliar na construção e reconstituição da história. É pensando nesse aspecto, que o presente estudo se propõe a verificar como se dá a produção,

armazenamento e disseminação da informação do movimento negro do Cariri cearense, com a intenção de tornar viva a memória africana e sua importância para a cultura, economia e política na sociedade brasileira. Na CI, Pinheiro (2005, p. 37) afirma que o termo memória está intrinsecamente ligado a área, uma vez que

a Ciência da Informação tem dupla raiz: de um lado a Bibliografia/Documentação e, de outro, a recuperação da informação. Na primeira o foco é o registro do conhecimento científico, a memória intelectual da civilização e, no segundo, as aplicações tecnológicas em sistemas de informação, proporcionadas pelo computador.

Esse pensamento reforça a ideia de que memória é informação registrada e faz parte do escopo da CI, área que se ocupa com os processos que envolvem criação, coleta, recuperação e uso da informação em seus diferentes suportes. Ao se discutir essa especificidade, a contribuição de Azevedo Neto (2007, p. 14) permite perceber que,

Quanto à relação entre informação e memória, ela pode ser considerada, na medida em que um determinado elenco de informações que se referem ao passado de um grupo são reunidas e relacionadas entre si, como forma de dar um sentido de compartilhamento de passados, constantemente construídos e reinterpretados.

Tendo como base as reflexões apresentadas, pode-se afirmar que o tema dessa pesquisa vincula-se às relações de informação, comunicação e memória no movimento social negro e tem como ponto de partida neste capítulo, a memória

como reconstrução histórica, que deve ser acessada e preservada. No estudo de Oliveira (2010), ele resume em tópicos, as características que abrangem o conceito de memória. Desse modo, para o autor,

a) a memória está sempre atrelada ao grupo social que estamos envolvidos, seja família, amigos, religião ou política; b) é feita de experiências consistentes e facilmente localizadas; c) é externalizada a partir de uma contextualidade; enquanto representação do vivido não pode ser resgatada, mas reconstruída; d) é ligada naturalmente ao esquecimento; e) pode ser registrada nos diversos suportes, inclusive suportes digitais; e e) relaciona-se intrinsecamente com a informação. (OLIVEIRA, 2010, p. 64).

Como bem aponta o autor acima, a memória está ligada estritamente em todas as relações sociais dos indivíduos, sejam em grupos de familiares, amigos, movimentos sociais, entre outras, e vale ressaltar que pode ser compreendida como memória coletiva, construída a partir de memórias individuais. Paralelamente a tais questões, os processos para registro da memória são diversos, desde a tradição oral, passando pela escrita, dando lugar por sua vez, aos suportes digitais que de forma contundente está refletindo na forma de agir dos indivíduos. Assim, em uma visão geral e não exaustiva, o resgate histórico sobre a importância da contribuição dos negros para a sociedade, estabelece o verdadeiro sentido da memória, dar visibilidade a um grupo que por muito tempo esteve desconhecido, difundindo o saber

e a prática das tradições de matrizes africanas, visto que a informação permeia todas as atividades humanas.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa pode ser compreendida como um processo sistemático com a intenção de responder questionamentos propostos. Ela se desenvolve a partir de um conhecimento existente e utiliza diferentes métodos, técnicas e procedimentos científicos (GIL, 2006). A importância da pesquisa consiste em gerar conhecimento, solucionando inquietações sobre o mundo, o desconhecido, proporcionando respostas para os sujeitos sociais.

Conforme Gil (2006), as pesquisas recebem diferentes classificações quanto aos seus objetivos e quanto aos seus procedimentos técnicos utilizados. Para Vergara (2010) as pesquisas podem ser caracterizadas por dois aspectos: quanto aos meios e quanto aos fins. A autora postula que os tipos de pesquisas não são excludentes, elas podem ao mesmo tempo, ser bibliográfica, estudo de caso, exploratória e dentre outras.

Quanto aos fins e com base nos escopo deste estudo, a pesquisa é de cunho exploratório, que tem “como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2006, p. 41). Este tipo de pesquisa tem a finalidade de aprimorar ideias e propor maior esclarecimento sobre o problema pesquisado. Neste caso, apresentou-se pressupostos que circundaram a temática dos movimentos sociais negros e os processos de construção, comunicação e uso da informação.

No que se refere aos meios, na perspectiva de Vergara (2010), a pesquisa é de cunho bibliográfico e de campo. Bibliográfica por realizar um levantamento de literatura em fontes de informações primárias e secundárias, como bases de dados, livros, artigos, dissertações, elencando uma discussão teórico-conceitual com o intuito de proporcionar uma aproximação entre os estudos dos movimentos sociais e a CI. Gil (2006) ressalta que a principal vantagem de se fazer uma pesquisa bibliográfica é que ela permite uma gama de informações sobre o problema pesquisado. Vale ressaltar que este tipo de pesquisa, se torna obrigatório em todos os estudos, uma vez que ela proporciona aos pesquisadores uma maior aproximação do conhecimento produzido e publicado sobre o problema pesquisado mostrando as lacunas existentes no conhecimento para que outros estudos possam complementá-lo.

Para Vergara (2010), é caracterizada como uma pesquisa de campo por ser uma investigação empírica, em que o pesquisador foi ao ambiente estudado em busca dos elementos para explicá-lo. Tem a intenção de analisar de forma detalhada e aprofundada o objeto de estudo, no caso aqui o movimento social negro do Cariri cearense. Neste sentido, a análise e interpretação dos dados coletados tiveram um embasamento teórico conceitual para melhor compreender o problema. Desse modo,

esta pesquisa focaliza uma comunidade (geográfica, de trabalho, de estudo, de lazer, ou voltada para outra atividade humana) e desenvolve-se por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e

de entrevistas com informantes na perspectiva de captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo (suas regras, seus costumes e suas convenções). Análise de documentos, filmagem e fotografias fazem parte dos outros procedimentos utilizados (RAMPAZZO; CORRÊA, 2008, p. 84).

Quanto à abordagem, aplicou-se o método qualitativo, que consiste na aferição reflexiva dos fenômenos estudados, com o objetivo de estabelecer relações e se aproximar cada vez mais do objeto analisado

parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 1998, p. 79).

Em outras palavras, o investigador procurou entender de forma minuciosa os fenômenos estudados, levando em consideração o comportamento dos sujeitos sociais envolvidos em um determinado contexto, “o objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZZOTTI, 1998, p. 79).

Para Chizzotti (1998), as pesquisas qualitativas possuem características tais como: *a delimitação do problema* – que consiste na aproximação do investigador com o estudo a ser desvendado, que vai se delimitando a partir da exploração dos acontecimentos. *O pesquisador* – é sem sombra de dúvidas o fator basilar da pesquisa qualitativa. Mas para que tudo ocorra de forma coerente, o mesmo tem que

“despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa” (CHIZZOTTI, 1998, p. 82) com a intenção de obter as informações cruciais para o entendimento dos fenômenos.

*Os pesquisados* – para esse autor, as pessoas que participam da pesquisa devem ser vistas como sujeitos sociais que produzem conhecimento e podem ajudar na elaboração de mecanismos para tentar solucionar os problemas que suscitaram durante a investigação. Dessa maneira,

pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais (CHIZZOTTI, 1998, p. 83).

O autor ainda ressalta que, durante a pesquisa pode surgir uma relação dinâmica entre os investigadores e os pesquisados, que geralmente não são desfeitas ao término da pesquisa e isto são reflexos da importância dada aos mesmos que podem contribuir para a realização satisfatória do estudo.

*Os dados* – esses não são fatos isolados, são analisados de maneira complexa e podem apresentar os fenômenos minuciosamente. E *as técnicas* – para as pesquisas qualitativas algumas técnicas são fulcrais por proporcionar resultados mais latentes dos fenômenos estudados, como as entrevistas, observação participante, relatos de vida, análise de documentos, entre outros. Assim, “a pesquisa qualitativa pressupõe que a utilização dessas técnicas não deve construir um modelo único, exclusivo e

estandardizado” (CHIZZOTTI, 1998, p. 85). A criatividade do pesquisador também deve ser levada em conta, sempre adequando seus métodos ao estudo pesquisado e procurando validar as técnicas utilizadas.

Sendo assim, como instrumento para coleta de dados na presente pesquisa, foram aplicadas entrevistas com o objetivo de obter informações cruciais para o desenvolvimento da pesquisa. Na observação de Vergara (2010, p. 52), “a entrevista pode ser informal (aberta), focalizada (fechada) ou por pautas (semiaberta)”. As entrevistas informais são aquelas em que os entrevistados ficam mais a vontade, uma conversa aberta. As entrevistas fechadas, por sua vez, devem ser focalizadas em um assunto, e não permitem discussões de outra ordem, os assuntos necessitam ser bem delineados.

Nas entrevistas por pautas, o entrevistador elenca os diversos pontos a serem perguntados. O autor afirma que este tipo de entrevista possui um caráter de maior aprofundamento. Vale ressaltar que todas essas características de entrevistas, buscam coletar dados necessários para o delineamento da pesquisa. A utilização desses instrumentos para coleta de dados proporciona ao pesquisador a oportunidade de obter informações importantes ao verificar as respostas e as atitudes/reações dos entrevistados durante a pesquisa.

No que se refere ao universo ou população da pesquisa foi os integrantes do movimento social negro do Cariri – Grunec, dos quais Vergara (2010, p. 46) postula são os “que possuem as características que serão objeto de

estudo”. Os mesmos contemplaram a pesquisa com as informações, para se obter resultados necessários às análises e conclusões deste estudo.

Os componentes do Grunec são formados por estudantes, professores das diversas áreas, religiosos (NUNES, 2011) profissionais de cunho liberal, como também donas de casa. Ao verificar o total de participantes, a pesquisa se propôs a entrevistar 7 informantes, que são aqueles membros que apresentam maior experiência no grupo, ou seja, os que conseguem passar informações de como o movimento se constituiu ao longo dos anos, além de identificar quais foram as ações que os levaram a atitudes concretas, como também as que conduzem para a manutenção do grupo.

#### 4.1 AMBIENTE DA PESQUISA

O Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC) é uma associação civil sem fins econômicos, fundada em abril de 2001, no município de Crato/CE. É uma entidade que se constitui de articulações que promovam a dignidade e inclusão da população negra da região do Cariri cearense.

Formado por uma diversidade de integrantes, entre profissionais liberais, professores, religiosos, artistas, estudantes, negros e não negros que têm como foco a valorização da autoestima da população negra e são contra todas as formas de opressão e exclusão social, combatendo o racismo que persiste na sociedade brasileira.

Entre suas atividades contínuas encontra-se o desenvolvimento de ações acadêmicas, culturais, políticas, executando atividades como palestras, debates, encontros, oficinas entre outras.

No tocante a quantidade de participantes, não é possível contabilizá-los. Sendo que desde a fundação, o número de integrantes vem aumentando. No entanto, existem aqueles que são mais ativos nas ações do movimento. Ativos são entendidos como os que participam das reuniões, dos debates, de forma efetiva. Pensando assim, a pesquisa irá contemplar para análise, sete integrantes ativos do movimento.

O modelo de entrevista adotado foi o proposto por Vergara (2010), entrevista por pautas, semiaberta, por proporcionar a esta pesquisa um maior aprofundamento para avaliar as questões de interesse do presente estudo, o modelo de entrevista pode ser visto no Apêndice A desta pesquisa.

Além das entrevistas, a pesquisa também voltou seu olhar para os documentos publicados pelo GRUNEC, cartilhas, jornais, eventos, como registros das ações desenvolvidas pelo grupo.

## 4.2 MÉTODO DE ANÁLISE

Para a sistematização e análise dos dados coletados durante o estudo, foi adotado a análise de conteúdo, que para Bardin (2008, p. 37) é,

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Com essa definição percebe-se que esta técnica pode ser utilizada por diferentes áreas do conhecimento, sendo a CI uma delas. “É uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos.” (SEVERINO, 2007, p. 121). Esta técnica proporciona ao pesquisador analisar o que está explícito no documento, permitindo fazer inferências. Nesse sentido, Bardin (2008) divide o processo de análise de conteúdo em três etapas, que compreendem: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira etapa é a fase em que se organiza o material a ser analisado, sistematizando as ideias iniciais para uma melhor compreensão e interpretação final. A segunda etapa, que consiste na exploração do material, é o momento em que o pesquisador explora o material a partir da definição de categorias, unidades de registro e unidades de contexto. Esta etapa é a descrição analítica do corpus da pesquisa, ou seja, analisar os trechos da entrevista transcrita, à luz do

referencial teórico. A terceira etapa se refere ao tratamento dos resultados, ou seja, a interpretação.

## 5 A VOZ DOS INTEGRANTES DO GRUNEC

Antes de adentrar na parte analítica desse estudo, é pertinente reforçar que a Ciência da Informação, estrutura-se por meio de procedimentos teóricos e metodológicos, a fim de compreender os efeitos dos processos de produção, organização, apropriação, disseminação e acesso da informação no comportamento dos indivíduos na sociedade. Isso posto, retoma-se aos objetivos propostos nesta investigação para não se perder de vista o aspecto interdisciplinar dessa área de conhecimentos com os estudos das relações raciais brasileiras. Desse modo, a pesquisa analisa em que contexto e por quais ações ocorre a apropriação, geração e disseminação de informação que se desenvolve dentro do GRUNEC, quem são os participantes e como eles se organizam, além de verificar também como usam, produzem e comunicam a informação.

São muitos os desafios enfrentados pelos movimentos sociais negros para uma efetiva implementação da luta antirracista e é a partir da citação de Pereira (2009) que inicia-se o capítulo referente ao estudo do movimento negro no Cariri, destacando a importância desta ação coletiva que atua de forma incisiva na denúncia contra o racismo no Cariri cearense. Ao tempo em que mantém vivos ritos e costumes dos ancestrais negros, reagem contra o sistema vigente que lhes impõe condições de vida impedindo mudanças substanciais nos modos de ver e perceber a cultura negra.

O Movimento Negro no Ceará surge através de famílias negras que conseguiram, ao longo dos séculos, estruturar-se sócio-politicamente e também nos aspectos religioso e cultural, na tentativa de manter vivos os ritos e costumes dos ancestrais. Mesmo com a escravidão imposta ao povo negro cearense, pouco ou quase nada foi repassado à sociedade cearense como um todo sobre a existência dessas famílias negras que não se deixaram curvar às mazelas do sistema vigente. Seus membros não foram escravos. Eles tinham vida própria, casa, terra, plantações, gado. Porém, foram isolados do contexto histórico, social, político e econômico da província. (PEREIRA, 2009, p. 82).

Estrategicamente os sistemas dominantes ao não esboçarem reação aos movimentos sociais, os deixam sem razão para o confronto, e estes são esquecidos ou silenciados. As condições que os sujeitos sociais negros assumem no mundo contemporâneo, apresentam formas diversas e significativas de sobrevivência, o GRUNEC por sua vez, procura em suas articulações dar visibilidade para esse segmento específico na sociedade.

Para análise dos dados foram realizadas visitas nas residências dos participantes, e de acordo com aceitação dos mesmos foram feitas gravações de seus depoimentos, com o auxílio de um aparelho MP4. As entrevistas foram compostas por 20 questões abertas, como pode ser visto no Apêndice A, com o propósito de atender aos objetivos do presente estudo. Depois de gravadas, as entrevistas foram transcritas e agrupadas em categorias para melhor facilitar a aferição e análise dos dados.

Vale ressaltar que nesta pesquisa, existe a necessidade de se preservar as identidades dos entrevistados, desse modo, por questões de ética, foi utilizado pelo pesquisador codinomes de personalidades negras. Assim, os informantes receberam codinomes de **Dandara**, **Aqualtune**, **Zumbi dos Palmares**, **Beatriz Nascimento**, **Ganga Zumba**, **Abdias do Nascimento** e **João Cândido**.

**Dandara** foi uma militante negra que lutou contra o sistema escravocrata no Século XVII, junto com **Zumbi dos Palmares**, líder negro reconhecido pela sua resistência contra a escravidão, e atuava no quilombo de Palmares, assim como **Ganga Zumba**, também reconhecido como líder da resistência negra. Já a princesa **Aqualtune**, também lutou no quilombo dos Palmares e ficou reconhecida como símbolo de resistência e luta pela liberdade dos negros. E **Beatriz Nascimento**, por sua vez, era uma intelectual, ativista e pesquisadora negra, que desenvolvia estudos voltados para a temática etnicorracial da população afrodescendente e ficou conhecida pelos seus estudos ressaltando a problemática do racismo e dos quilombos. O **João Cândido** entrou para a História como líder da Revolta da Chibata, ocorrida em 1910, contra os castigos físicos impostos aos marinheiros. Por conta deste episódio, ficou reconhecido como Almirante Negro. E por fim, **Abdias do Nascimento**, que dedicou toda sua vida à luta antirracista, participando ativamente da história do movimento negro brasileiro e ficou reconhecido como uma personalidade que lutou pelos direitos humanos da comunidade negra.

Deve-se assinalar que a utilização dos codinomes não tem influência direta sobre as ações dos informantes da pesquisa, e sim, trata-se de uma estratégia de dar visibilidade a esses heróis negros por sua história ser negada na sociedade brasileira. Desse modo, espera-se que os possíveis leitores dessa pesquisa, indaguem-se sobre a existência de tais intelectuais e sejam estimulados para conhecer a história e contribuição desses heróis para a sociedade.

Esse tipo de informação - informação etnicorracial - foi conceituado na CI por Oliveira (2010, p. 56) como sendo todo elemento inscrito que independente do suporte, “tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana.” Informação etnicorracial na ambiência deste estudo é aquela que retrata a temática do negro, na intenção de torná-lo protagonista de sua própria história, informações que afirmem e reconheçam a contribuição dos negros, para a construção da sociedade brasileira.

A partir das considerações feitas anteriormente em capítulos dessa pesquisa, aqui serão elencadas as experiências do GRUNEC levando em consideração a voz dos interlocutores do movimento, portanto ao uso que fazem ou fizeram da informação. E neste sentido, procurando atender aos objetivos propostos nesta investigação.

As primeiras questões das entrevistas buscaram saber, quem eram os informantes, o tempo de atuação no grupo, sexo, idade e escolaridade. Para todas as questões,

foram feitos quadros ilustrativos para facilitar o agrupamento e possibilitar uma análise e interpretação dos dados.

### QUADRO 1: CATEGORIA - TRAJETÓRIA PESSOAL E NO GRUNEC

Respostas dos participantes à questão: Tempo de atuação no grupo, idade, e grau de escolaridade.

| PARTICIPANTES               | RESPOSTAS                                                                                                                        |
|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | Sexo feminino; 42 ou mais anos de idade; curso superior em Pedagogia; pós-graduação lato sensu; 11 anos no grupo.                |
| <b>Aqaltune</b>             | Sexo feminino; 42 ou mais anos de idade; curso superior em Serviço Social e Ciências Biológicas. 12 anos no grupo.               |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | Sexo masculino; entre 26 a 33 anos de idade; curso superior em História; 07 anos no grupo.                                       |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Sexo feminino; entre 26 a 33 anos de idade; curso superior em andamento; 07 anos no grupo.                                       |
| <b>Ganga Zumba</b>          | Sexo masculino; 42 ou mais anos de idade; curso superior em Educação Física; pós-graduação lato sensu; 12 anos no grupo.         |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Sexo masculino; 42 ou mais anos de idade; curso superior em Economia; pós-graduação stricto sensu - mestrado; 11 anos no grupo.  |
| <b>João Cândido</b>         | Sexo masculino; 42 ou mais anos de idade; curso superior em História; pós-graduação stricto sensu - doutorado; 11 anos no grupo. |

Fonte: Crédito direto ao autor

Conforme se verifica no Quadro 1, os integrantes do movimento negro do Cariri entrevistados, possuem escolaridade mínima de terceiro grau, exceto **Beatriz Nascimento**, que encontra-se em fase de conclusão. Já **Abdias do Nascimento** e **João Cândido**, possuem a titulação mínima de mestrado, o que autoriza afirmar que o grupo possui participantes com maior grau acadêmico e que

pode contribuir cada vez mais, com produções científicas de cunho etnicorracial, fazendo recorte com a temática da população negra.

Os dados apresentados traduzem ainda um fato importante, ao informar que todos os membros apresentam vasta experiência de atuação, em especial **Aqaltune** e **Ganga Zumba**, que estão desde a fundação do movimento. Logo em seguida tem **Abdias do Nascimento** e **João Cândido**. A participação direta desses integrantes atinge consequentemente o modelo pelo qual o grupo vem ao longo do tempo atuando na região.

Outro aspecto importante do Quadro 1 é perceber que os cursos de formação desses informantes se concentram nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. O que autoriza afirmar que nestas áreas de conhecimento pode-se apresentar maior existência de um amplo espaço para a efetivação de estudos e pesquisas sobre as relações raciais, proporcionando aos egressos desses campos de estudo, o interesse específico em diversas demandas sociais, sendo uma delas a discussão da temática da população negra.

Diante dessa reflexão, cabe lembrar ainda, o destaque de trabalhos desenvolvidos no âmbito da CI que estão vinculados a área supracitada. Tais como o de Oliveira (2010) que analisou o projeto A Cor da Cultura, levando em consideração os aspectos de afrodescendência, informação, memória e tecnologia, desenvolvendo neste sentido, um conceito de informação etnicorracial como já citado anteriormente. Silva (2009) a partir da produção científica da

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) apresentou em seu estudo, como o negro estava sendo representado na memória daquela instituição. Com um olhar voltado para a identidade afrodescendente, Lima (2009) investigou como essas identidades são construídas na cibercultura, pautando as condições de acesso e democratização da informação.

Elliot (2010) levantou seu olhar sobre a construção de imagens sobre negros nos jornais da imprensa negra, fazendo uma ligação com o aporte teórico da CI. Pereira (2011) analisou a memória de uma comunidade quilombola, ressaltando os elementos de informação e preservação da memória desse povo. Silva (2012) por sua vez, verificou o projeto Iniciativas Negras: trocando experiências, sob o âmbito da responsabilidade social universitária, ressaltando a inserção do tema cidadania no ensino superior. A pesquisa de Mota (2010) destacou a invisibilidade da população negra em cursos de alto prestígio social, em três universidades públicas do estado da Paraíba, ao analisar as imagens fotográficas dos concluintes dos cursos de graduação.

E Santana (2012) procurou analisar os processos de organização e representação da informação etnicorracial na biblioteca central da UFPB, a partir do catálogo de publicação online. Com um olhar investigativo, Nunes (2010) verificou o papel das bibliotecas municipais de Belo Horizonte no tocante a implementação da Lei 10.639/03, e ainda procurou verificar o papel do bibliotecário frente à essa demanda. Já Cardoso (2011) realizou seu estudo na Biblioteca Pública no Maranhão, com o objetivo de compreender quais representações se têm construído sobre os negros para

construção da identidade. Essas foram algumas das dissertações que se tem notícia, produzidas na CI, e ainda uma tese da Silva (2010) analisando como se deu o processo de inserção acadêmica dos negros na ciência.

Essas iniciativas empreendidas nesses últimos tempos, com o objetivo de promover a inserção da temática etnicorracial na produção de conhecimento da CI, ainda é diminuto ao se comparar ao grande número de trabalhos desenvolvidos pelas escolas de pós-graduação no Brasil. Pode-se ainda observar, a partir de investigações anteriores (VALÉRIO, 2011) na qual o autor avaliou a produção científica dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB's), compreendendo o período de 2005 a 2011, que os estudos relativos à temática etnicorracial ocupam um segundo plano, nas pesquisas da área, ou seja, dentre um universo de novecentos e oitenta e dois (982) artigos, apenas onze (11) contemplavam conteúdos voltados para os estudos que envolviam a população afrodescendente.

O autor chegou a essa conclusão, ao afirmar que por se tratar de um evento que reúne os pesquisadores dos programas de pós-graduação em CI do país e apresentar para a sociedade as novas tendências de interesses de pesquisas a cada ano, a área necessita de um olhar mais voltado para as questões sociais, o que preconiza o paradigma social discutido por Oliveira (2010), ao informar que,

Dentro do paradigma social, as questões relativas à diversidade cultural e humana igualmente as questões etnicorraciais, passam a ser preocupação da CI enquanto disciplina. O acesso e uso dos dispositivos informacionais por todos os grupos e culturas, inclusive os grupos historicamente desprivilegiados e

socialmente vulneráveis, podem ser estudados no âmbito da CI para que, por meio da pesquisa científica, seja possível produzir conhecimentos relevantes para a melhoria das relações humanas na sociedade da aprendizagem. (OLIVEIRA, 2010, p. 41).

A CI ao analisar os processos de transferência da informação, preocupa-se em compreender e organizar o fluxo dessa informação nos diferentes ambientes e contextos, e isso independem do grupo sociais a que esses processos informacionais estejam interligados, implicando sua vinculação com os direitos sociais dos diferentes grupos da sociedade.

Apesar dessas pesquisas, ressalte-se que há pessoas, em áreas diversas das dos integrantes deste estudo, que se preocupam também com as questões etnicorraciais, independe de formação acadêmica.

## QUADRO 2: CATEGORIA - RAÇA E RACISMO NO CARIRI

Respostas dos participantes à questão: Como você analisa as questões de raça e racismo no Cariri? Elas diferem do panorama nacional?

| PARTICIPANTES             | RESPOSTAS                                                                                                                                            |
|---------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>            | Elas não diferem do panorama nacional. É bastante complicado aqui no Cariri, porque nós moramos em uma cidade absolutamente racista.                 |
| <b>Aqaltune</b>           | Não difere, e em alguns momentos eu acho que é até mais grave do que no resto do Brasil.                                                             |
| <b>Zumbi dos Palmares</b> | Não diverge muito daquilo que acontece no Brasil. Agora aqui no Cariri, é o fato, da identidade e da presença negra ter sido negada por muito tempo. |
| <b>Beatriz Nascimento</b> | Eu acho que elas são reflexos de tudo que acontece a nível nacional, a diferença e a dificuldade no Cariri especificamente é porque                  |

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                             | nós estamos inseridos num contexto estadual, onde a população negra é invisibilizada.                                                                                                                                                                      |
| <b>Ganga Zumba</b>          | De forma nenhuma, o racismo ele não tem cara de acordo com a sua regionalidade não.                                                                                                                                                                        |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | O racismo no Cariri é muito evidente tal qual como ocorre no Brasil, ele não diferencia muito porque tanto no Cariri, como no Nordeste, como no Brasil algumas pessoas não têm aquela noção histórica do que é e como a colonização brasileira se ocorreu. |
| <b>João Cândido</b>         | Eu acredito que não. Se a gente olhar para o que acontece no Cariri inclusive a nível do Ceará, vai perceber que existe uma espécie de ideologia de que o estado do Ceará não tem negros, que no estado do Ceará o racismo não é tão presente.             |

Fonte: Crédito direto ao autor

No que se refere a concepções sobre raça e racismo no Cariri, os informantes compreendem que não difere ao se reportar à realidade nacional, que não existem diferenças na forma como o racismo é encarado e como ele é praticado. A diferença no caso específico da Cariri cearense, é que por muito tempo a população negra foi invisibilizada. Mas quais são as concepções ou definições para esses dois termos? Como essa discussão não foi elencada nos capítulos teóricos desse estudo, foi pertinente trazer nesse momento, um levantamento para dissipar dúvidas sobre as questões de raça e racismo que os informantes da pesquisa respondem.

Como acentua Munanga (2003, p. 1) “o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie.” Conforme o autor, essa terminologia foi primeiramente utilizada nas ciências naturais, para classificar as espécies dos animais e dos

vegetais. Nesta perspectiva o pesquisador Lineu, usou-o para classificar as plantas em inúmeras classes.

No entanto, como pondera Guimarães (2012), o primeiro registro em que se utilizou o termo raça, para designar a diversidade humana em espécies e denominá-la em grupos contrastados, foi do estudioso François Bernier. Assim, esse termo passou a atuar nas diferentes relações sociais. Munanga (2003, p. 1) pontua que o conceito de raça era utilizado nas ciências naturais em meados dos séculos XVI-XVII, e foi modificado “para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes”. O que se destaca nesta afirmação, é que o critério de cor da pele, na época, não era o que sustentava os pensamentos de superioridade e sim, as questões sócio-econômicas. Conforme o autor, foi a partir do século XVIII que o fator – cor da pele – foi utilizado como requisito de diferenciação entre as raças e por isso, a diversidade humana ficou dividida em três raças: branca, negra e amarela.

Porém, no século XX com o progresso dos estudos voltados para genética humana, Munanga (2003) ressalta que os pesquisadores dessa área do saber, concluíram que biológica e cientificamente raças não existem, e que este conceito foi construído historicamente para legitimar a dominação das classes e tentar explicar a diversidade humana.

Concordando com Munanga (2003), cabe reconhecer que raças no plural não existem e que esse conceito foi e ainda é utilizado no imaginário social, para servir de hierarquização entre os sujeitos sociais, tratando de um aspecto ideológico. E é nesse contexto, que se justificam o uso desse conceito nos diferentes estudos, como uma categoria social, ora de dominação, ora de exclusão.

A pesar do conceito de raça não ter nenhuma evidência científica, o movimento negro se apropria do termo, como forma de autoafirmação política contra a violência racial sofrida pela população negra. Uma vez que, o termo raça surge no dia a dia, como um marcador social, para definir diferenças sociais, econômicas e culturais. E assim acontece com o movimento estudado, seus participantes se apropriam do termo para legitimar a identidade afrodescendente e atuar com questões mais específicas contra o racismo e toda forma de opressão.

A compreensão do conceito de raça é importante, ao revelar que o racismo se dá a partir de tal abordagem. Assim, segundo Santos (2000) o racismo é uma teoria que supõe a superioridade de certos grupos humanos sobre outros, em função de diferenças físicas, biológicas e psicológicas. Aprofundando mais essa observação, Munanga (2003, p. 8) afirma que

o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos.

A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas.

A citação acima reforça o caso brasileiro, em que o racismo na prática se dá de vários modos, no discurso religioso, na política, economia e na cultura. E na região do Cariri cearense, não é diferente, pois além de sofrer o racismo nas relações sociais, como aponta a informante **Beatriz Nascimento** *“O principal problema/embate é se combater o racismo aqui de um modo que nos percebamos enquanto negros e negras na região.”* Ou seja, o que dificulta o debate na região é justamente essa negação de que o negro existe, e conseqüentemente o racismo. Então, como combatê-lo?

Assim, apesar de reconhecer o impacto que o racismo e seus efeitos perversos atingem a sociedade, pôde-se perceber nas falas dos informantes, o entusiasmo e a garra de continuar na luta e no empreendimento de ações específicas contra o racismo, preconceito racial e toda forma de discriminação, sofrida pelos afrodescendentes.

### QUADRO 3: CATEGORIA - PRECONCEITO RACIAL

**Respostas dos participantes à questão: Você já foi vítima de algum preconceito racial? De que forma?**

| PARTICIPANTES               | RESPOSTAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | Eu desde pequena fui vítima de racismo, de preconceito racial. Aonde professoras na idade infantil, idade escolar, chegaram a levantar a saia de uma das minhas irmãs que estavam juntas comigo, para saber se nós éramos limpinhas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Aqaltune</b>             | Eu já fui vítima, até mesmo na minha própria casa. Quando toca a campainha e você abre a porta e a pessoa pergunta: chame a dona da casa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | Eu acho que todo negro a partir do momento que ele toma consciência do que é o racismo, e como que ele opera você passa a entender fácil a sua infância, ou ao longo de sua vida, o que demonstra o que vem a ser o preconceito e como ele atua.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Eu acho que quem é negro e quem é negra no Brasil é vítima a partir do momento em que é reconhecido como negro. Num dia fomos para casa de uma amiga que era rica, tinha piscina, era enorme fazer um trabalho e quando terminou o trabalho, começamos a tirar a roupa para pular na piscina e quando eu estava colocando o chinelo em uma parte recuada da piscina, e comecei a tirar a minha roupa, a mãe da minha amiga veio rapidamente e de forma muito educada pediu para que eu não entrasse na piscina, porque ela tinha mandado limpar um dia antes, e eu poderia sujar. |
| <b>Ganga Zumba</b>          | Fui vítima, inclusive um dos primeiros movimentos contra, aqui na região do Cariri foi um o que eu fui vítima. Em que uma autoridade constituída do município, um vereador, ele de certa forma proferiu palavras que a meu ver constitui o que a gente chama de crime de racismo. Então fui à delegacia preencher o boletim de ocorrência.                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Bom eu sofri diversas vezes o racismo, como por exemplo, você imagina uma senhora indo a minha frente quando ela olha para traz e vê um negro a primeira coisa que ela faz é virar a bolsa, colocar no peito.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>João Cândido</b>         | Esse aqui no caso, preconceito racial eu não fui.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

Fonte: Crédito direto ao autor

O Quadro 3, reflete a situação cotidiana que os negros passam durante sua trajetória de vida. A intenção dessa

pergunta foi justamente tentar identificar, se esses acontecimentos apresentaram ligação direta ou não, para a inserção no movimento negro. A forma com que o racismo atinge os negros tem gerado consequências desastrosas durante toda a vida.

Assim, ao debruçar-se sobre as respostas apresentadas no Quadro 3, verifica-se que quem é negro no Brasil, em especial no Cariri cearense, tem sido alvo de alguma forma, das práticas racistas da sociedade. E como bem apontam os informantes **Zumbi dos Palmares** e **Beatriz Nascimento**, no Brasil os negros são vítimas a partir do momento em que se reconhecem que são, e como o racismo atua. Vale ressaltar que muitas das vezes, os negros são acometidos por esse ato perverso e não sabem ou não se reconhecem enquanto negro, e assim, passam despercebidos. E isto, é a causa do silenciamento de debates sobre as relações raciais e a falta de informação. E por este motivo é que se deu a criação do GRUNEC, para informar a sociedade a existência da população negra, sua importância e denunciar as práticas racistas, dando razão a Scherer-Warrer (1999), ao afirmar que os movimentos sociais são criados a partir de interesses comuns e Gohn (1997) acrescenta o elemento identidade para reforçar essa criação.

Cada depoimento transcrito no Quadro 3, é importante para afirmar a existência de tensões raciais no Ceará e que é uma falácia o mito da democracia racial, como reafirma Nunes (2011). Assim, a fala de **Ganga Zumba** informa que o primeiro caso de racismo registrado judicialmente na região, foi a sua experiência e que pode ser visto na Figura 2, na qual o

agressor faz uma notificação de pedido de desculpas sobre o ato.

Muito embora a nota de esclarecimento publicado no jornal, é interessante verificar que tal informação está inserida em local de menor visibilidade, circundado por notícias que compõem a página de classificados, em que o agressor se auto classifica como uma pessoa ilibada merecedora de respeito. Enquanto o outro, a vítima, é que interpretou de forma contrária.

Figura 2 – Nota de esclarecimento do caso de racismo

**IDALINA**  
*Fashion*  
*O jeito certo de se vestir*  
Rua Carlos Morais, 378  
Fone (88) 547.1690  
Caririáçu - Ceará

**INFORMÁTICA**

**STAR**  
**INFORMÁTICA**  
**INFORMATIZANDO**  
**O 3º MILÊNIO**  
Rua Carlos Morais nº 803 –  
Centro – Caririáçu – CE  
Fone: (88) 547 - 1799

**ACADEMIA**  
ACADEMIA VIDA E SAÚDE - Kung-fu  
Shaolin Norte, Tai Chi Chuan, Wushu  
Olimpico, Defesa Pessoal, Musculação,  
Ginástica, Dança de Salão, Judô e  
Jiu-jitsu. Prof.º e diretor resp.  
Fernando Pina, Rua Clóvis Benedito,  
885 - 1º andar - Centro Juazeiro do  
Norte - CE. Anexo: Rua Delmino  
Sobrinho, 237 - Fones: (88) 511.3850/  
985.2170 - e-mail: fernandotokung-  
@ig.com.br

dos de petróleo, localizado na Av. Leão Sampaio, 2050 bairro Lagoa Seca, no município de Juazeiro do Norte. Assim, foi determinado o cumprimento das exigências da SEMACE.

**NOTA DE ESCLARECIMENTO**

Sirvo-me do presente para, perante a sociedade caritense e a quem possa interessar que um fato lamentável, o qual teve a minha participação, aconteceu no mês de junho do ano passado, com o envolvimento de minha pessoa, FLORISVAL SOBREIRA CORIOLANO de um lado, e LUCIANO DAS NEVES, do outro.

Refiro-me ao que posso classificar de um incidente que, no entanto, causou aborrecimento e ao mesmo tempo transtorno, principalmente a LUCIANO DAS NEVES, pela forma como foi o assunto interpretado.

Pela minha formação, pelas amizades que tenho a honra de possuir, pela função que ocupo, como membro do Plenário do Legislativo Municipal, jamais teria a intenção de ferir, sob qualquer forma de ação, uma pessoa, um cidadão, especialmente LUCIANO DAS NEVES, que igualmente é merecedora de todo o respeito.

Classificando o assunto que hoje é motivo desta nota, tenho a afirmar que primeiramente houve um mal entendido pois jamais incursionaria por caminhos racistas, pois jamais em minha vida adotaria tal posição, e realismo não ter tido intenção de ferir a LUCIANO DAS NEVES e que nem ontem, nem hoje, procuraria denegrir a pessoa que reputo de boa índole e parte integrante da sociedade que vivemos.

Florisval Sobreira Coriolano

**CCARIRI** Onde seu filho brinca com segurança

**Você vai descansar e ele vai adorar**

CARIRI SHOPPING

Fonte: Arquivo do GRUNEC

A notificação do agressor ressalta que tudo foi um mal entendido, por parte da vítima. E que não foi um ato racista. As interpretações é que foram contrárias. Suas palavras demonstram o que pesquisas no campo das relações raciais discutem, como apresenta Guimarães (2012) no Brasil há racismo, porém inexistem racistas. Tudo não passa de ledão engano e interpretações errôneas.

Contudo, na constituição do GRUNEC também existem não negros, como é o caso de **João Cândido**, que na pergunta referente ao preconceito racial ele informa que nunca sofreu, justamente por sua tonalidade de pele, que é clara. Isso demonstra a preocupação da parte de não negros na luta antirracista.

#### QUADRO 4: CATEGORIA - CONSTITUIÇÃO DO GRUNEC

**Respostas dos participantes à questão: Como se deu a constituição do GRUNEC enquanto movimento social negro do Cariri?**

| PARTICIPANTES             | RESPOSTAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>            | Nasce durante a Conferência de Durban. Assim sendo, reuniu-se no SESC, posteriormente, na ABEC, clube serrano, e no dia 21 de abril de 2001 nasce o GRUNEC.                                                                                                                                                 |
| <b>Aqaltune</b>           | Em 2000 e 2001 ainda embalados pela Conferência de Durban, um grupo de amigos, dentre eles: professores, padres, estudantes, donas de casa, começaram também a discutir, no Cariri tem negro? Como é que esses negros vivem? Tudo por que a gente estava escutando as notícias que se davam da Conferência. |
| <b>Zumbi dos Palmares</b> | O GRUNEC ele nasce por volta de 2001, eu ainda não fazia parte do grupo, justamente a partir de um ato que houve com um cidadão que passando na rua, na praça foi agredido de forma racista, então                                                                                                          |

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                             | acionou a justiça e acabou que o processo foi arquivado e o agressor fazendo uma nota pedindo desculpa. Isso que eu sei.                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | O GRUNEC ele foi formado no ano 2000 ainda durante o planejamento, diante de toda aquela discussão que veio da Conferência de Durban. Mas esse não foi o foco principal, além da inspiração desse debate houve a questão de ter surgido a partir de uma vítima do racismo e que é hoje o atual presidente do GRUNEC.            |
| <b>Ganga Zumba</b>          | O GRUNEC surgiu de uma conversa iniciada entre um grupo de pessoas daqui da região do Cariri na beira da piscina do SESC.                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Bom eu não estava na fundação do GRUNEC, mas pelo nosso conhecimento, regimento que quando eu cheguei aqui na região o GRUNEC já estava formado, e como eu sabia que era uma organização social que ia combater o racismo e levar a autoestima da população negra, então eu me interessei para nós trabalharmos nesse contexto. |
| <b>João Cândido</b>         | Foi uma construção que foi se dando aos poucos e ao longo do tempo, quer dizer que foi se acentuando na medida em que o racismo se tornava uma coisa mais afrontosa, é claro que na maioria dos casos a gente consegue construir alguma coisa porque de alguma forma a gente sofre, em consequência disso.                      |

Fonte: Crédito direto ao autor

O objetivo do Quadro 4 é apresentar relatos de como se deu a constituição do grupo e atender aos objetivos dessa pesquisa. A formação do GRUNEC surgiu a partir da necessidade de uma discussão que tratasse da problemática que envolve a população negra cearense, como aponta o participante **João Cândido**, ao afirmar que na medida em que o racismo e seus desdobramentos aumentavam, era necessário a criação de um grupo que pudesse estudar

formar alternativas para combatê-lo. Isso está em acordo com o pensamento de Touraine (1998), ao explicitar a noção de movimento social e da identidade de um grupo que questiona uma forma de dominação (TOURAINÉ, 1998; GOHN, 2011; SCHERER-WARRER, 1999).

**Zumbi dos Palmares e Beatriz Nascimento**, afirmam que a criação do grupo se deu por conta do caso de racismo que aconteceu com o atual presidente (Figura 2), mostrando a situação do agressor, para eles, essa ação foi propulsora para firmar a criação do grupo. Ainda ao olhar para a Figura 2, vale ressaltar que o pedido de desculpa, como se reporta **Zumbi dos Palmares** (Quadro 4) não está explícito de forma alguma nas palavras do agressor, o mesmo se refere ao caso como uma ação contraditória.

Além dessa ação, **Dandara, Aqualtune e Beatriz Nascimento**, afirmam que para a constituição do grupo também houve estímulo direto das discussões que se propagavam a respeito das preparações para a Conferência de Durban, como consta no Quadro 5. Desse modo, a partir dessas discussões, o informante **Ganga Zumba** acrescenta, que o GRUNEC surgiu de conversas entre pessoas com interesses comuns, de discutir o complexo do campo das relações raciais brasileiras, em especial no Cariri cearense.

Essas pessoas começaram a se reunir, e passaram a debater a criação de um movimento que pudesse de alguma forma valorizar ou colocar a questão do negro a partir de outro prisma, que é fundamentar a importância dessa população

para o desenvolvimento e redemocratização do país, como evidencia Santos (2006).

#### QUADRO 5: CATEGORIA - CONFERÊNCIA DE DURBAN

**Respostas dos participantes à questão: Em 2001 foi o ano da Conferência de Durban. Há alguma referência entre a fundação do grupo com este evento? Qual?**

| PARTICIPANTES               | RESPOSTAS                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | Quando estava acontecendo a conferência de Durban, alguns membros do GRUNEC hoje, começaram a discutir, como que em Durban, pessoas, autoridades, falavam sobre negros, falavam de nós e nós não falávamos sobre tudo isso.        |
| <b>Aqaltune</b>             | Foi nesse contexto mundial, porque a Conferência reuniu pessoas do mundo inteiro, então, foi nesse contexto que esse grupo do Cariri começou a discutir.                                                                           |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | Eu acredito que sim porque o grupo já tinha certa militância, não específico na questão do negro, mas sobre as questões de movimentos sociais.                                                                                     |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Veio somente para fortalecer esse pensamento que já era uma necessidade daqui da região, e fortaleceu e revigorou o pensamento e as necessidades do qual o grupo se formou.                                                        |
| <b>Ganga Zumba</b>          | Veio de certa forma a Conferência coroar uma ideia que era um pouquinho anterior a Conferência.                                                                                                                                    |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Bom esse evento ele aconteceu depois da fundação do GRUNEC, mas a Conferência de Durban foi importante, havia necessidade da situação do negro a nível mundial e essa Conferência deu um fôlego maior para que possamos trabalhar, |
| <b>João Cândido</b>         | Acho que é uma reafirmação, mas ele surge um pouco antes, nós tínhamos falado daquele encontro, na universidade que veio inclusive pessoas de Recife.                                                                              |

Fonte: Crédito direto ao autor

A III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, realizada em Durban, África do Sul, no período de 31 de agosto a 08 de setembro de 2001, foi um marco para o amplo debate sobre as políticas públicas mundiais, voltadas para toda forma de discriminação, em especial o racismo e a xenofobia. (SILVA; PEREIRA, 2013). E a criação do GRUNEC está ligada a esse episódio, conforme os informantes, porque a referida Conferência moveu e reuniu pessoas em ambiência mundial.

A partir dessa importante Conferência, o Brasil assumiu um papel preponderante no que se refere às reivindicações dos interesses da população negra, a qual luta por melhores condições de vida, saúde, educação, trabalho e inserção da temática etnicorracial na agenda política nacional. Essa defesa também é assumida por Gomes (2009) acrescida de programas e ações afirmativas antirracistas.

Nesse contexto, surgem diversas iniciativas no combate ao racismo, como é o caso do GRUNEC, que pode ser depreendido das falas dos entrevistados, ao relacionar o surgimento do grupo com os preparativos para a Conferência. O GRUNEC se constituiu legalmente em abril de 2001 e a Conferência ocorreu de agosto a setembro do mesmo ano. Porém como antes afirmado, foram os preparativos que deram fôlego para fortalecer a ideia da formação do grupo. Segundo Silva e Pereira (2013, p. 14), “a III Conferência Mundial Contra o Racismo foi precedida por dois tipos principais de Encontros Preparatórios”. Desse modo, aconteceram conferências regionais em 4 continentes, Europa, Ásia, África e Américas, além de mais 3 conferências

também preparatórias em Genebra, que a primeira teve início em maio de 2000, as outras em abril, maio de 2001 e a última em julho do mesmo ano. Infere-se, que a fala dos informantes sobre a criação do grupo, pode guardar proximidade com esses encontros preparativos para a III Conferência, como apontado no estudo de Silva e Pereira (2013).

#### **QUADRO 6: CATEGORIA - ATUAÇÃO DO GRUNEC EM OUTRAS LOCALIDADES**

**Respostas dos participantes à questão: A região do Cariri é composta por 28 municípios, neste sentido, o GRUNEC como movimento negro do Cariri, atende as quais localidades?**

| <b>PARTICIPANTES</b>        | <b>RESPOSTAS</b>                                                                                                                                                                                                                                |
|-----------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | O GRUNEC, por conta do mapeamento das comunidades negras e/ou quilombolas, percorreu 13 municípios do Cariri cearense.                                                                                                                          |
| <b>Aqaltune</b>             | Nós enquanto GRUNEC não temos condições de estar em todos esses municípios.                                                                                                                                                                     |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | Não tem como o grupo estar atuando em todos esses municípios, em todos esses locais.                                                                                                                                                            |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | O GRUNEC ele atua a nível regional, a nível de Cariri, que é composta por 28 municípios, mas especificamente a gente atua diretamente em Juazeiro e Crato, por que os componentes do grupo residem nesses municípios.                           |
| <b>Ganga Zumba</b>          | A todos os municípios da região do Cariri e se estende além da fronteira do Cariri, então, hoje o GRUNEC está muito presente nas falas, nas suas intervenções com todos esses municípios do Cariri.                                             |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Como o próprio nome diz o Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC), não estamos trabalhando no contexto de cidade A, cidade B, é toda região do Cariri inclusive podemos constatar não só na região do Cariri como no Ceará e no Nordeste. |
| <b>João Cândido</b>         | Olha ela atende a poucas, na medida em que é solicitada e na medida em que a gente percebe alguma coisa que seja mais significativa para o movimento.                                                                                           |

Fonte: Crédito direto ao autor

No que se refere à atuação do GRUNEC, no Quadro 6, os informante apontam que por conta da estrutura, não consegue atender a todas as localidades que compreende a região do Cariri. Porque o grupo não possui auxílio financeiro para percorrer as outras cidades e isso inviabiliza a execução de ações dessa conjuntura. Ressaltam a importância do mapeamento das comunidades quilombolas, que foi um projeto, cujo objetivo era identificar as comunidades tradicionais de quilombos no Cariri. Esse projeto conforme **Dandara** possibilitou uma maior abrangência do grupo em 13 municípios.

**Ganga Zumba** e **Abdias do Nascimento** ainda reforçam que o GRUNEC atende a todas as localidades e que não trabalha em lugares definidos, e é por meio das articulações e ações que o grupo consegue ir além do estado. E **Beatriz Nascimento** afirma que o grupo está mais presente nas cidades em que tem a maior quantidade de participantes, que é o ciclo Crajubar, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

#### QUADRO 7: CATEGORIA - PARTICIPANTES

Respostas dos participantes à questão: Quem são os participantes que atuam no grupo?

| PARTICIPANTES             | RESPOSTAS                                                                                                                                                       |
|---------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>            | Tem bastante membros o GRUNEC. São doze tantos outros.                                                                                                          |
| <b>Aqaltune</b>           | Uns dez. Agora se eu for olhar para as fichas, de repente a gente tem quarenta ou cinquenta pessoas, mas tem uma turma que está mais presente no enfrentamento. |
| <b>Zumbi dos Palmares</b> | Você vai ter um bom número de pessoas que orbitam entorno do GRUNEC, que se identificam como GRUNEC etc., mas na prática mesmo você                             |

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                             | tem sete ou oito pessoas no máximo que colocam a mão na massa.                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | São somente cinco pessoas, e os demais, só aparecem em momentos oportunos.                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Ganga Zumba</b>          | Bom são esses que eu te falei, profissionais liberais, professores, advogados e toda aquela militância, estudantes, e todos aqueles simpatizantes da causa do movimento negro aqui na região do Cariri, a gente não tem estabelecido um grupinho fechado, é isso que é o GRUNEC são todas as pessoas que estão na causa.   |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Nós temos vários participantes, inclusive nossos integrantes são todos aqueles que trabalham no contexto da questão negra, seja ela branca, seja ela negra. Nosso movimento não é só de negros.                                                                                                                            |
| <b>João Cândido</b>         | Toda ou qualquer pessoa que se sinta aviltada, ou branco ou negro, é claro que a questão do negro é muito mais significativa, porque o processo de sofrimento dessa população ao longo do tempo com o racismo com a marginalidade, de tudo isso, foi mais intensa, mas participam do nosso grupo, brancos, negros, índios. |

Fonte: Crédito direto ao autor

Considerando os argumentos colocados no Quadro 7, verifica-se que não há possibilidade alguma de quantificar o total exato de participantes do grupo. E isto é quase que natural quando se fala em números para os movimentos sociais. Nesse contexto, **Ganga Zumba** traça um perfil dos participantes ao informar, que são profissionais liberais, professores, advogados, estudantes e muitos simpatizantes pelo enfrentamento e o combate ao racismo, e afirma que os membros do GRUNEC são todas as pessoas que estão na luta contra o racismo.

Outro fator a considerar é o que mostra **Beatriz Nascimento, Aqualtune, Dandara e Zumbi dos Palmares**, que existe uma disparidade ao informar o número de

participantes. **Aqualtune** contabiliza em dez, ressaltando que se for verificar no arquivo há mais de quarenta fichas de participantes.

Quando o grupo iniciou, solicitavam-se as pessoas que queriam se filiar o preenchimento de uma ficha para efetivar seu comprometimento com a causa e o grupo ter controle sobre o total de participantes, o modelo de ficha está na Figura 3. Porém, com o passar do tempo, esse credenciamento foi esquecido, e hoje existem pessoas que estão efetivamente no grupo e nunca que preencheram ficha.

Outra questão que vale ressaltar é que nesse mesmo período, também era solicitado aos integrantes o pagamento de uma mensalidade, Figura 4, calculada em um 1% do salário mínimo, porém esse controle também não foi cumprido. Pode-se inferir, que em razão da falta de recursos financeiros o grupo não pode atender a todas as localidades da região do Cariri (Quadro 6), uma vez que a ausência de verbas impossibilita a efetivação de ações em cidades diferentes do Crajubar. O comprometimento com a sociedade, consigo mesmo e com a busca por melhores condições de vida, do qual fala Scherer-Warrer (1999) e que deveriam ser assumidas pelo GRUNEC deixam a desejar, tanto por parte dos dirigentes quanto de seus membros, no tocante ao pagamento de mensalidades e credenciamento.

**Aqualtune** ainda acrescenta que existe um grupo específico que está no enfrentamento, e este grupo nesta pesquisa é chamado de grupo ativo. São esses os entrevistados, do presente estudo. Concomitantemente,

**Beatriz Nascimento e Zumbi dos Palmares**, esclarecem que existem pessoas que orbitam no grupo, mas que efetivamente o número reduzido. Pode-se inferir que isso se dá pelo fato, de que os membros do grupo estão em diferentes atribuições trabalhistas, indo para a militância apenas nas horas vagas, tentando contribuir de alguma forma para luta antirracista.

**Figura 3 – Ficha de cadastro de participantes**

| GRUNEC - Grupo de Valorização Negra do Cariri<br>Crato - Ceará |                                |
|----------------------------------------------------------------|--------------------------------|
| Nome:.....                                                     |                                |
| Endereço:.....                                                 | Rua Castro Alves               |
| Fone:.....                                                     | Email:.....                    |
| R.G. ....                                                      | Emissão:.....                  |
| CPF:.....                                                      | Profissão: auxiliar de costura |
| Local de trabalho:.....                                        |                                |
|                                                                | Escolaridade: 1º ano 2º grau   |
| Experiências profissionais:.....                               |                                |
|                                                                |                                |
| Crato/CE, ...../...../.....                                    | Assinatura:.....               |
| Assinatura GRUNEC:.....                                        |                                |

Fonte: Arquivo do GRUNEC

A Figura 3 confirma o que os informantes apontaram sobre o perfil dos integrantes. A figura demonstra que para participar do grupo independe de profissão, sexo e escolaridade. E sim, basta ter o desejo de lutar contra as desigualdades existentes entre negros e não negros.



| PARTICIPANTES               | RESPOSTAS                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | Pautar o debate. Sobre nós negros, sobre nossa identidade negra. Sobre nossa contribuição na constituição do nosso país.                                                                             |
| <b>Aqaltune</b>             | Promover ações, implementação de políticas públicas, acompanhar essas políticas públicas.                                                                                                            |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | O objetivo do GRUNEC é trabalhar as questões raciais, identidade, com fim na diminuição do racismo e promoção das culturas negras no Brasil e, sobretudo no Ceará e no Cariri.                       |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Os objetivos do GRUNEC de uma forma geral são no combate à discriminação racial aqui na região do Cariri, e da promoção da igualdade da população negra nessa região.                                |
| <b>Ganga Zumba</b>          | O principal objetivo é discutir a questão das relações etnicorraciais, aqui na região do Cariri, discutir as políticas públicas também relacionadas à questão da região do Cariri.                   |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | É promover a autoestima do negro e a ascensão social dos negros na região do Cariri, como essa ascensão pode se dar, através de oportunidade de emprego, de entrar em uma universidade para estudar. |
| <b>João Cândido</b>         | A valorização do negro e a valorização de todos os seguimentos que sofrem em consequência do racismo, da marginalidade, do processo de exclusão, a nível da sociedade.                               |

Fonte: Crédito direto ao autor

Conforme verifica-se no Quadro 8, os objetivos do GRUNEC procuram compreender as demandas da população negra e caracterizar ações vinculadas a essas demandas. Sendo assim, os informantes afirmam de forma conclusiva e geral, que o principal objetivo é combater a discriminação racial contra os negros na região do Cariri, além de procurar desenvolver e acompanhar políticas públicas que valorizam esse segmento na sociedade. Para melhor compreender

quais são os objetivos do GRUNEC, segue na íntegra parte do estatuto que foca tais objetivos.

#### **ART. 2º. - São objetivos do GRUNEC**

I. Promover ações de implementação de políticas públicas voltadas para a população negra; II. Lutar pelo reconhecimento e valorização da etnia negra e contra todas as formas de opressão e exclusão social; III. Promover a integração de pessoas e grupos afro-descendentes. IV. Promover a cultura, resgatando as raízes histórico-sócio-político e religiosa, para construção de uma nova consciência de respeito ao povo negro e outros grupos étnicos e sociais discriminados; V. Combater as práticas de racismo conscientizando e educando a população contra atitudes discriminatórias; VI. Garantir proteção legal, às vítimas de práticas racistas, encaminhando e acompanhando o caso, se valendo de mecanismos de pressão social que garantam a resolução justa do problema; VII. Promover atividades educativas, festivas e comemorativas no âmbito regional e especialmente ao que se refere as datas comemorativas dos negros; VIII. Participar e promover Congressos, encontros, seminários, reuniões e debates destinados aos interesses da população negra, bem como dos eventos promovidos por outras entidades que lutem em defesa do meio ambiente, dos direitos, respeito e dignidade humana; IX. Construir com o povo negro, o resgate da sua identidade e cidadania sensibilizando-o para assumir sua negritude; X. Manter intercâmbio com outras entidades sociais; XI. Promoção de direitos, construção de novos direitos para a etnia negra, bem como assessoria jurídica gratuita de interesse suplementar em casos exemplares; XII. Desenvolver estudos e pesquisas voltadas para a problemática da etnia negra. (ESTATUTO, 2001, p. 1).

Os objetivos transcritos dialogam com as falas dos informantes, atendem aos objetivos dessa pesquisa, estando em concordância com Domingos e Silva (2012) ao categorizar o GRUNEC como MS isento de agregações das instâncias municipais, estaduais e federais, sem sofrer influências estatais. Entre os objetivos do GRUNEC, observa-se que o interesse do grupo vai além da temática da problemática do negro, ele se preocupa também com outros grupos marginalizados como informa **João Cândido** e é retificado no IV dos objetivos apresentados.

Ao observar esses objetivos, percebe-se que o grupo no contexto da luta antirracista, apropria-se, gera e dissemina informação etnicorracial a partir de atividades educativas, como eventos, encontros e debates que discutam os interesses da população negra. Os estudos e pesquisas desenvolvidos pelo grupo consideram-se importantes meios para fornecerem informações referentes a comunidade negra. Tais informações são relevantes por refletirem como o grupo produz, usa e comunica a informação, uma vez que, os documentos gerados por essas atividades podem atender as necessidades informacionais da própria comunidade.

#### **QUADRO 9: CATEGORIA - PÚBLICO ALVO**

**Respostas dos participantes à questão: A quem se destinam as informações produzidas pelo Grupo, ou seja, qual é o público alvo?**

| PARTICIPANTES               | RESPOSTAS                                                                                                                           |
|-----------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | Se destinam a todos e todas, homens e mulheres, do campo e da cidade.                                                               |
| <b>Aqaltune</b>             | Para o povo, para a sociedade, para os negros e negras e para também os não negros. Nossas ações e atividades são para a sociedade. |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | De um modo geral, tentamos atingir a sociedade.                                                                                     |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | O público alvo que o grupo quer atingir é a população Cariri como um todo, não é somente a população negra.                         |
| <b>Ganga Zumba</b>          | O nosso público alvo é a sociedade é para eles que a gente trabalha.                                                                |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Nosso público alvo é a comunidade caririense, particularmente e ou geralmente para a população brasileira.                          |
| <b>João Cândido</b>         | As informações são produzidas a partir do movimento e com as pessoas, mas elas se dirigem a todo público.                           |

Fonte: Crédito direto ao autor

No sentido de centrar o trabalho do grupo em áreas específicas de atuação, é pertinente definir quem é o público alvo e assim, planejar e desenvolver ações conjuntas para atingir resultados satisfatórios. No Quadro 9, de forma unânime o grupo identifica o seu público alvo, como sendo toda a sociedade. E isso inclui os negros e não negros.

Nesse processo, faz-se importante o diálogo com a sociedade, uma vez que a questão racial no Brasil é vista sob a ótica do “mito da democracia racial” no qual nas palavras de Sales Júnior (2009, p. 15) “é considerado um dispositivo ideológico das relações raciais, impedindo sua tematização pública”. Ou seja, o Brasil é um país em que a cor de pele dos indivíduos não interfere nas relações sociais. Então, negros e

não negros vivem em perfeita harmonia racial, dispensando mecanismos para combater algo que não existe.

Por outro lado, o movimento negro vem, ao longo dos anos, denunciando publicamente o racismo e o mito da democracia racial que ataca a população negra brasileira. Assim, as informações que são produzidas e disseminadas pelo GRUNEC são para toda a sociedade, porque é para ela que as discussões são deliberadas. Essas informações ao serem comunicadas, possibilitam a quebra do paradigma de que as questões da comunidade negra são de interesses exclusivos dos negros, afirmando-se que as discussões deveriam estar no âmbito das políticas públicas brasileiras, e serem tanto do interesse dos negros quanto de toda população brasileira.

#### **QUADRO 10: CATEGORIA - FORMA DE ORGANIZAÇÃO DO GRUPO**

**Respostas dos participantes à questão: De que forma o grupo se organiza? Por passeatas, reuniões, fóruns, eventos, entre outros?**

| <b>PARTICIPANTES</b>      | <b>RESPOSTAS</b>                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>            | Então, se nós vamos para passeatas, a gente está lá, levantando a bandeira dos negros e negras do Brasil, nos fóruns, nos eventos em todos os lugares.                                                                                                                        |
| <b>Aqaltune</b>           | Nós fazemos reuniões, participamos de fóruns, fazemos eventos. Quando precisamos tratar as nossas especificidades, nós chamamos uma reunião ligeirinha e resolvemos isso.                                                                                                     |
| <b>Zumbi dos Palmares</b> | A organização do grupo ocorre basicamente por reuniões, em alguns momentos o grupo se encontra mais articulado e em outros momentos menos articulado, é uma coisa recorrente dos movimentos sociais. Participamos de um modo geral de alguns eventos, como parceiros e quando |

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                             | solicitam a participação do GRUNEC.                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | O grupo se organiza no sentido de participar das ferramentas do governo, em conferências, encontros, mesmo que não sejamos convidados; a gente participa e promove passeatas; Fóruns e eventos promovidos pelo GRUNEC; hoje nós participamos, junto ao Conselho da Educação, Conselho da Mulher e o Conselho da Saúde.   |
| <b>Ganga Zumba</b>          | O GRUNEC tenta sempre estar presente em todos os locais onde normalmente se tem acesso e quando não se tem acesso a gente tenta cavar um pouco essa penetração para ela ficar incluída em todas essas questões.                                                                                                          |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | É nós fazemos passeatas, fazemos reuniões, fóruns, produzimos eventos. Nós participamos de organizações religiosas de matriz africana, nós fazemos, mostramos junto as estruturas do governo a nível municipal, estadual e em nível federal, trabalhamos nesses contextos para dizer qual a situação do negro no Cariri. |
| <b>João Cândido</b>         | Nós temos uma sede, é um espaço pequeno, na casa das meninas onde ficam guardados os documentos, onde as vezes a gente se reúne, e nossas reuniões existem no momento que é necessário.                                                                                                                                  |

Fonte: Crédito direto ao autor

O questionamento do Quadro 10, procura atender um dos objetivos específicos desse estudo, que é identificar de que maneira o GRUNEC se organiza institucionalmente. Posto isso, pode-se observar que a maioria dos entrevistados afirma que a forma de organização do grupo se dá por meio de reuniões, que podem acontecer de acordo com as necessidades que surgem. E essas são as características próprias dos movimentos sociais, como lembra Gohn (1997, 2011).

Para se manter uma boa estrutura nos movimentos sociais, com um bom funcionamento para realizar suas ações,

fazem-se necessário, constantes reuniões, porque é por meio delas que se podem ter eficientes e sistemáticos resultados. Dessa forma, se as reuniões não forem constantes, quer sejam semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente, ocorrerá prejuízo no processamento das informações do grupo e consequentemente interferindo nas ações.

Considerando o grupo em estudo, as reuniões acontecem de forma efetiva, como aponta **Aqaltune**, assim que surge alguma necessidade a ser trabalhada com urgência, o grupo se articula rápido e debatem os interesses daquela ocasião.

Os informantes ressaltaram de modo geral, a participação em eventos, passeatas, entre outras manifestações públicas, nas quais o grupo sempre procura estar presente, buscando interagir e compartilhar a respeito da situação dos negros no Cariri e outros assuntos relacionados e discutidos pelo GRUNEC. Sendo assim, além de estarem presentes em eventos, também os promovem e realizam inclusive passeatas, fóruns e outras manifestações.

#### QUADRO 11: CATEGORIA - REUNIÃO DO GRUPO

Respostas dos participantes à questão: Com que frequência o grupo se reúne? Onde se reúnem? Existe uma sede? Onde fica?

| PARTICIPANTES   | RESPOSTAS                                                                                                                                                          |
|-----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>  | Reuniões periódicas, mensal. Não existe uma sede fixa. De direito a sede é aqui nessa garagem, nos papéis, nas questões formais. No Crato – Ce.                    |
| <b>Aqaltune</b> | Uma vez por mês ou quando há uma demanda. O GRUNEC está onde seu povo está. Mas, nós temos um endereço, essa garagem é o endereço desde a fundação, no Crato – Ce. |

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | Basicamente as reuniões acontecem no Crato, em um espaço na Universidade Regional do Cariri - URCA, ou na casa de alguns dos membros.                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | A gente se reúne mais no Crato, que é na casa das meninas, pois a maioria dos membros mora lá, e também nos reunimos no pátio da URCA.                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Ganga Zumba</b>          | Hoje a gente tem uma frequência de reuniões que a gente chama de ordinária e extraordinária, então reuniões de caráter ordinárias a gente sempre faz mensalmente e as extraordinárias entre outras essa aqui. Não temos hoje uma sede, mas onde tem dois negros discutindo a gente está, então hoje a gente tem essa sede própria provisória na casa das meninas no Crato – Ce. |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Duas à três vezes por semestre, tantas quantas vezes for necessário, quando ocorre alguma situação que chame a nossa atenção que a gente precisa solucionar. O espaço a reunir depende do lugar, não tem espaço definido, pode ser aqui na universidade, na casa das meninas.                                                                                                   |
| <b>João Cândido</b>         | Tem uma frequência, mas normalmente as reuniões estão sendo feitas no decorrer das nossas necessidades. E as necessidades são muitas. A sede é no Crato.                                                                                                                                                                                                                        |

Fonte: Crédito direto ao autor

O Quadro 11 apresenta as respostas complementares ao Quadro 10, acerca da periodicidade e sede das reuniões. A maioria respondeu que os encontros ocorrem todo mês ou de acordo com as necessidades do grupo. Acontecem em uma garagem na casa de um dos participantes na cidade do Crato-CE, a qual pode ser considerada a sede, ao olhar para o estatuto do grupo. Mas são realizadas também na Universidade Regional do Cariri (URCA), situada no Crato-CE e ainda nas casas de outros membros do GRUNEC.

Destarte, as reuniões são itinerantes ocorrendo em várias localidades, possuem uma periodicidade regular, com

flexibilidade para atender as necessidades e assuntos relevantes a serem discutidos pelo grupo.

### **QUADRO 12: CATEGORIA - CONFIGURAÇÃO DAS REUNIÕES**

**Respostas dos participantes à questão: Como se configuram as reuniões? Quais pautas são discutidas?**

| <b>PARTICIPANTES</b>        | <b>RESPOSTAS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | As pautas são as mais diversas possíveis, é na questão da educação, da saúde, na questão de direito, de acordo com as demandas emergentes a gente tenta arrumar um tempo, e sentar e discutir, pautar.                                                                                              |
| <b>Aqaltune</b>             | Já aconteceu de termos reuniões de serem com pautas definidas, o que a gente chama de reuniões temáticas, ou seja, essa reunião é para estudar isso. Já aconteceram em uma época assim, hoje, nós elaboramos uma pauta, socializamos com todos os membros as pautas são construídas.                |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | As pautas são os informes, temos uma sistemática de uma reunião do movimento social de modo geral, colocando as pautas de acordo com a ordem de prioridade.                                                                                                                                         |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Para que as reuniões aconteçam, nós nos comunicamos por email, o email do grupo, onde colocamos a pauta da próxima reunião geralmente na última reunião a gente já estabelece a pauta que vai ser debatida na seguinte, mas aí vão acontecendo eventos que vão modificando o caráter dessas pautas. |
| <b>Ganga Zumba</b>          | As pautas de discussão regional, nossas últimas pautas foi reestruturar reformar o estatuto do GRUNEC.                                                                                                                                                                                              |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | As reuniões se configuram, tendo em conta nossos objetivos. Então, se está acontecendo algo de anormal em relação a população negra e que haja uma participação, nós nos reunimos para discutir qual vai ser a nossa participação.                                                                  |
| <b>João Cândido</b>         | As pautas são discutidas, normalmente são os preconceitos, a marginalidade, a falta de políticas públicas que atingem as populações que são discriminadas ao longo do tempo e ao longo da história.                                                                                                 |

Fonte: Crédito direto ao autor

O Quadro 12 traz as respostas sobre a configuração das reuniões e pautas que são discutidas. Segundo os informantes, as pautas são diversas, podendo ser discutidos assuntos como educação, saúde, direito, preconceito, marginalidade, políticas públicas, entre outros. Foi afirmado por **Aqualtune** que as pautas anteriormente eram definidas, ou seja, preestabelecidas para as reuniões posteriores. No entanto, atualmente as pautas são construídas com a participação de todos os membros do grupo, conforme a prioridade e podem ser mudadas de acordo com a ocorrência de eventos.

Nas últimas reuniões a pauta que está sendo discutida, se refere as possíveis mudanças no estatuto do grupo, como afirma **Ganga Zumba**, porém, durante as entrevistas, não foram apresentadas quais seriam esses pontos que necessitavam de alterações.

O GRUNEC possui um email exclusivo para a comunicação entre seus membros. Sendo assim, as reuniões são agendadas através desse email e são colocadas as possíveis pautas a serem discutidas. Então as reuniões se configuram em debates, a partir de questões levantadas ou preestabelecidas.

### QUADRO 13: CATEGORIA - AÇÕES DO MOVIMENTO

**Respostas dos participantes à questão: Que ações o GRUNEC desenvolve ao longo dos anos?**

| PARTICIPANTES               | RESPOSTAS                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | Ações nas escolas, nos Credes, na Seduc, nos fóruns; mapeamento das comunidades rurais negras; provocação ao Ministério Público Federal.                                                                                                         |
| <b>Aqaltune</b>             | As articulações, as mobilizações sociais, essa história do controle das políticas públicas. A gente tem uma questão muito particular com a educação.                                                                                             |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | Uma série de atividades em escolas de sensibilização em relação à Lei 10.639/03; eventos; caminhada pela liberdade religiosa; intervenções dentro das universidades; mapeamento das comunidades negras rurais e quilombolas na região do Cariri; |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Mini-cursos, eventos; oficinas; mapeamento das comunidades negras; caminhada religiosa.                                                                                                                                                          |
| <b>Ganga Zumba</b>          | Implementação da lei das escolas; a gente tem apoiado muitas lutas, muitas bandeiras, violência contra a mulher; formações de outros grupos linhas de frente.                                                                                    |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Ações que promovem a questão social.                                                                                                                                                                                                             |
| <b>João Cândido</b>         | O levantamento dos quilombos, a questão dos preconceitos, a afirmação, o Grunec desde o primeiro momento levantou essa questão e vem atuando contra essas questões nas universidades, na sociedade.                                              |

Fonte: Crédito direto ao autor

Diferentes estratégias têm sido desenvolvidas pelo GRUNEC, no sentido de denunciar o racismo. O Quadro 13 apresenta trechos das entrevistas que comprovam as ações desenvolvidas durante os anos de existência do grupo. Em linhas gerais, o GRUNEC de forma imperativa, tem se articulado com as instituições educacionais para conseguir disseminar a informação etnicorracial. Seus membros vão às escolas e desenvolvem atividades de sensibilização no tocante a Lei 10.639/03.

Na região do Cariri, o GRUNEC percorreu as escolas de ensino básico para fazer um diagnóstico sobre a efetivação da lei supracitada. E como resultado, perceberam que tais escolas não cumpriam com o que preconiza a referida Lei, a qual postula que a temática referente aos africanos e a cultura afrobrasileira deve ser trabalhada durante todo ano letivo e apresentada nas diferentes disciplinas.

Diante dessa situação, o grupo acionou o Ministério Público Federal – (MPF) e moveu uma ação contra 42 municípios da jurisdição do Juazeiro do Norte – Ceará, que não aplicavam as diretrizes propostas pela Lei 10.639. Neste sentido, o MPF obrigou as escolas em questão, a ensinarem a História da África e da Cultura Afrobrasileira, atribuindo valor a atuação do GRUNEC, como pode ser visto na Figura 5.

**Figura 5 – Provocação do GRUNEC ao Ministério Público**



Fonte: Arquivo do GRUNEC

A partir dessa ação, o MPF também exigiu das universidades locais a prestação de contas sobre a aplicabilidade ou não da lei em suas instituições. A intensa participação do GRUNEC nessa atividade garantiu-lhe o direito de ser parecerista, o que resultou em poder observar o que as escolas apresentavam ao MPF como aplicação da Lei. E neste sentido, o grupo observou que as atividades que as escolas declaravam eram justamente o que o GRUNEC desenvolvia ou estava em via de desenvolvimento e não eram iniciativas das escolas.

Prevalecendo este cenário, a informante **Aqualtune**, adianta que neste ANP (2013) o GRUNEC está se movimentando para provocar novamente o MPF, porque durante *“10 anos não vislumbra avanço. A gente não consegue ver esse avanço nas escolas, pode até ter no papel.”* E por este motivo se faz necessário uma nova iniciativa para que de fato essas instituições educacionais ajam de forma proativa quanto as diretrizes curriculares da Lei 10.639/03.

As ações realizadas pelo GRUNEC alcançam público muito expressivo. A interferência do grupo em todo o sistema de educação local é inevitável. Em sua trajetória, o GRUNEC já desenvolveu inúmeras ações que vão desde a educação a outras áreas mais específicas. Dessa forma, na intenção de apresentar instrumentos que comprovem algumas das ações desenvolvidas, seguem as Figuras de 6 a 14. Todas elas representam canais formais utilizados para disseminar informação e atingir um público amplo, como citado por Le Coadic (2004).

Figura 6 – Quadrilha coisa do meu sertão



Fonte: Arquivo do GRUNEC

A Figura 6 demonstra a criatividade do grupo ao desenvolver eventos que possam contemplar a temática da afrodescendência. Neste, a intenção foi relacionar a questão da identidade e possibilitar a valorização do negro ressaltando a autoestima. Uma vez que nessas festas juninas, os noivos são escolhidos levando em consideração os padrões eurocêntricos de beleza, principalmente nas mulheres. Cabelos longos, nariz fino entre outras características.

Figura 7 – Raiz da dignidade



Fonte: Arquivo do GRUNEC

Figura 8 – Semana da Consciência Negra



Fonte: Arquivo do GRUNEC

As Figuras 7 e 8, representam dois eventos que aconteceram durante a semana da consciência negra. O primeiro não apresenta data, mas o segundo foi realizado um anos após a constituição institucional do grupo, em 2002. Ambos discutiram a importância da inserção do negro na sociedade brasileira, com o objetivo de valorizar sua contribuição e afirmá-lo em quanto cidadão.

**Figura 9 – I Simpósio Direitos Sexuais e Saúde Sexual**

**AFINAL, QUEM É NEGRO?**

A esta pergunta poderia ser dadas duas respostas: A primeira consideraria negra a pessoa que tem elementos fenóticos "visíveis" constituintes da população afro-descendentes. A segunda, levaria em consideração quem não tem características, mas, assume-se negro ao descobrir a presença de indivíduos de descendência africana na sua família, marcando assim o que se convém chamar de "laços sanguíneos".

A verdade é que essa indagação não tem convicção definitiva, no entanto, os movimentos de afirmação da identidade de negros e negras animam a discussão, de forma a provocar na sociedade um diálogo maior, envolvendo todos os segmentos do corpo social, como forma de reparar as injustiças cometidas durante e após o período de escravização no Brasil.

Atualmente muito tem se falado em inclusão social. Visivelmente os afro-descendentes foram e continuam sendo postos à margem da sociedade e por conseguinte a maneira de rever a dívida social, é implantando políticas sérias que inibam práticas racistas e fortaleçam a luta por igualdade de oportunidades.

O GRUNEC enquanto entidade comprometida com as questões relativas ao negro tem como tema do Dia Nacional da Consciência Negra: **NEGRITUDE, IDENTIDADE E LUTA**, e convida a todos a se envolverem e participarem do movimento lembrando que importância tem contribuição de cada um(a) na construção diária de uma sociedade humana, igual e justa.

**I Simpósio Direitos Sexuais e Saúde Sexual**

**PALESTRANTES**  
**Dra. Salete Maria**  
 Advogada Defensora da Causa Homossexual  
**Dra. Ana Paula**  
 Assistente Social

**Programação**  
 "Ora 07 de junho: Audição" - Audição ao portador do HIV/AIDS  
 LOCAL: Auditório da Secretaria de Educação/Cariacá/CE  
 Horário: 09:30 às 12:00  
 "Ora 08/06: Seminário" - Vida e Intemperança/ Local: Auditório do Sinc de Juazeiro do Norte/Palestina/CE, Areia Grande - Ilhaingueta/condomínio da PMDST/ALGO, Olanilândia/Lima - UFPA - Grupo de Resistência Asa Branca  
 Horário: 08:30 às 12:00  
 "Ora 09/06: Seminário" - Direitos Sexuais e Saúde Sexual  
 Local: Auditório da URCA/Crato, CE, Campos do Princesa  
 Horário: 14h às 17:30h  
 Palestrantes: Dra. Salete Maria Advogada, Dra. Ana Paula Assistente Social  
 "Seminário da Cidadania com distribuição orientada de preservativos e material educativo-prevenção sobre DST/HIV/AIDS"  
 Local: partir das 14h30h, Juntas nos Cidades de Bonfim e Juazeiro do Norte  
 "Ora 21/06/06 - Parada do Orgulho GLTB do Crato" - Concentração às 15:00h na Praça do Graciliano Ramos e Praça Pedro Góes  
 Eri Juazeiro do Norte/CE

**Dia 08 de Junho/06 às 19 horas**  
 Auditório da Urca  
 Universidade Regional do Cariri  
 Crato/CE

**RELACION**  
 VIDAH, Z1° CERES, SEC. DA SAÚDE, GRAB, OST-AIDS, UNICEN, UNIMAR

Imagem e a Foto: Memória e cidade tempo  
IMPRESSÃO: Flávio Cópico - (85) 333.0000 - Crato/CE

Fonte: Arquivo do GRUNEC

Figura 10 – Encenação Teatral



Fonte: Arquivo do GRUNEC

Ao verificar a temática abordada nas Figuras 9 e 10, pode-se afirmar o que os informantes relataram, ou seja, a importância de se trabalhar com outros grupos e assim inserir na sociedade a problemática que envolve a população negra. O grupo trabalha no sentido de formar parcerias e solidificar o movimento na região.

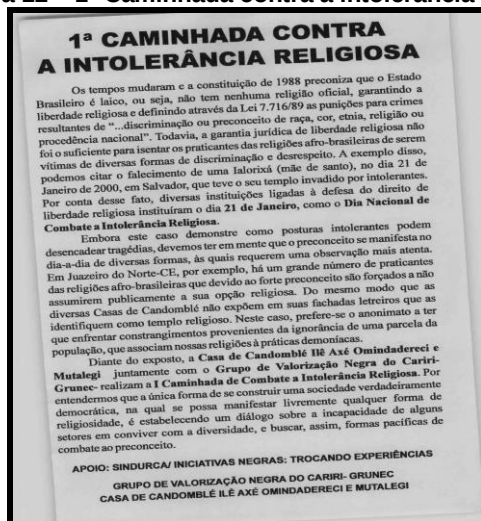
Na Figura 10, cartaz de encenação teatral, o grupo se reúne com entidades religiosas e desenvolvem uma peça durante a Semana Santa do ano de 2005. Enquanto a Figura 9 destaca um encontro efetivado. Neste evento, realizado em 2006, o GRUNEC junto com outros movimentos sociais locais, discutia os direitos sexuais da comunidade dos homossexuais, e na oportunidade, fazia uma reflexão sobre os negros neste contexto.

Figura 11 – Nota de repúdio



Fonte: Arquivo do GRUNEC

Figura 12 – 1ª Caminhada contra a intolerância religiosa



Fonte: Arquivo do GRUNEC

O GRUNEC procura atender as necessidades da comunidade negra da região, no sentido de auxiliar aos cidadãos na tomada de atitude frente às práticas racistas vivenciadas. E isso está posto nos seus objetivos. Assim, a Figura 11, demonstra o sentimento de repúdio a essas práticas, em especial a um professor e militante negro da Universidade Regional do Cariri – (URCA).

O movimento negro desde seu surgimento tem denunciado a escola e as instituições de ensino em geral, como ambientes excludentes e transmissoras de ideologias racistas, por isso, a luta em inserir a História e Cultura Africana e dos negros brasileiros no currículo escolar. Como prova desses atos, é o que aconteceu com este cidadão negro, professor Mota de origem africana que está no Brasil desenvolvendo estudos e contribuindo para a destituição do racismo, e sofreu atos desumanos que constaram na nota de repúdio representada pela Figura 11. Isso faz lembrar que o racismo não se atrela às condições sociais dos indivíduos e sim com a cor de pele, este é o maior indicador que pode aflorar ódio nos racistas.

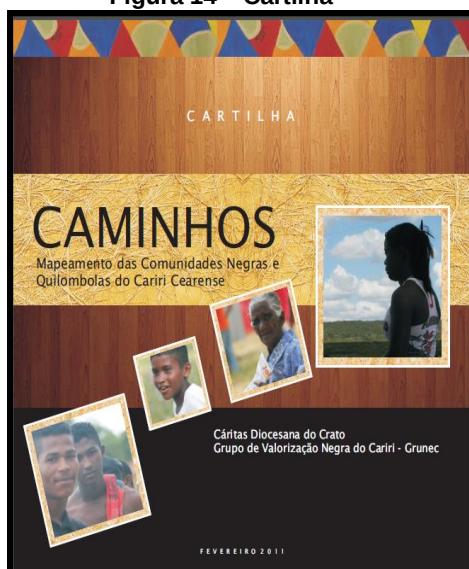
A Figura 12 destaca o que será analisado no Quadro 14, a diversidade de temáticas trabalhadas pelo grupo. Na ocasião dessa figura, é a 1ª Caminhada Contra a Intolerância Religiosa, em que o grupo junto com entidades religiosas de matrizes africanas, desenvolveu esta ação na cidade do Juazeiro do Norte – Ceará, com a intenção de combater o preconceito e ressaltar a importância da liberdade religiosa.

**Figura 13 – 1ª Encontro Crato promovendo a igualdade racial**



Fonte: Arquivo do GRUNEC

**Figura 14 – Cartilha**



Fonte: Arquivo do GRUNEC

A Figura 13 ilustra o que os movimentos negros conclamam, ou seja, sensibilizar toda a comunidade brasileira, a pautar o debate sobre a igualdade racial. O GRUNEC merece destaque por ser um grupo pioneiro na região, desenvolvendo ações que ficam na memória da população. Na Figura 14, encontra-se a capa de um dos projetos mais renomados do grupo. A produção de uma cartilha com o mapeamento das comunidades negras e quilombolas do Cariri cearense. Essa ação foi importante para o grupo na medida em que se percebe nos discursos de vários entrevistados como **Dandara**, **Zumbi dos Palmares**, **Beatriz Nascimento** e **João Cândido**, conforme consta no Quadro 13.

Nesta cartilha o GRUNEC procurou identificar essas comunidades rurais negras e documentar sua história, procurando contribuir para a afirmação de suas identidades e assim ter conhecimento da realidade dessa população. E nesse contexto, ao ter conhecimento das necessidades dessas comunidades, terem embasamento para acionar o poder público exigindo políticas públicas e projetos sociais para atender a tais demandas.

Vale ressaltar que esta documentação apresentada é compreendida como a memória documental do movimento, ao mostrar para a sociedade eventos e fatos que foram registrados enquanto representação de ações vividas, como acentua Oliveira (2010) e Azevedo Netto (2008).

## QUADRO 14: CATEGORIA - QUESTÕES TRABALHADAS NO GRUPO

**Respostas dos participantes à questão: Além do recorte racial, o grupo contempla quais questões? De que forma?**

| PARTICIPANTES               | RESPOSTAS                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | Gênero; religiosidade.                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Aqaltune</b>             | Questões de gênero, pautando a questão da mulher, dos homossexuais, todas as minorias, até dos indígenas, dos ciganos; as religiões de matriz africana.                                                                                        |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | Liberdade religiosa; gênero.                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Se é na educação, se é no recorte de gênero, da religiosidade, a gente sempre atrela a especificidade do recorte racial. Minicursos, oficinas.                                                                                                 |
| <b>Ganga Zumba</b>          | Recorte étnico, de gênero, religiosidade;                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Além da questão racial trabalhamos também a questão social.                                                                                                                                                                                    |
| <b>João Cândido</b>         | Além do recorte racial, várias outras questões, da homossexualidade, dos trabalhadores sem terra, dos sem teto, vários outros movimentos, que a gente participa a questão da mulher, da forma como a mulher é tratada, cidadania, educacional. |

Fonte: Crédito direto ao autor

O Quadro 14 demonstra que o GRUNEC destaca-se, portanto, por sua variedade de ações e interesses voltados para diferentes públicos, porém, sempre os atrelando ao combate das discriminações raciais, como aponta **Beatriz Nascimento**.

Neste sentido, as informações do Quadro 14 possibilitam afirmar, que o grupo desenvolve suas atividades sobre o tripé *Raça – Gênero – Religiosidade*, evidenciando, sobretudo, ações orientadas para o enfrentamento do racismo que impacta a população negra. Uma iniciativa interessante

nesse processo é o que **Aqaltune** e **João Cândido** informam que o grupo se propõe a executar ações que atendam a todas as minorias, como é o caso das intervenções que envolvem os homossexuais, indígenas e as mulheres da região do Cariri cearense.

No que se refere à forma de como essas temáticas são executadas, é a partir de oficinas e minicursos, em que o grupo vai às localidades e por meio delas, motivam o exercício de atividades que estabeleçam uma relação com a luta antirracista, intolerância religiosa e os direitos da mulher, a divulgação dessas e de outras ações já foram descritas nas Figuras de 6 a 14, que além de divulgá-las também representa a memória coletiva do GRUNEC. (HALBWACHS, 2006).

#### **QUADRO 15: CATEGORIA - DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

**Respostas dos participantes à questão: Quais canais de comunicação e/ou mídias o grupo utiliza para disseminar informação?**

| <b>PARTICIPANTES</b>      | <b>RESPOSTAS</b>                                                                                                                                                    |
|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>            | Internet principalmente, facebook, os emails, as redes sociais e também as rádios, o boca a boca, o Afrocariri, o jornalzinho do GRUNEC. As emissoras de televisão. |
| <b>Aqaltune</b>           | Utilizamos as mídias sociais, telefones, jornais, nós temos o Afrocariri (jornal); as emissoras de rádio e televisão.                                               |
| <b>Zumbi dos Palmares</b> | Televisão, na rádio, as redes sociais, a internet tem sido um grande aliado para a gente trazer a tona todas as nossas demandas.                                    |
| <b>Beatriz Nascimento</b> | <i>Facebook</i> , porque nós temos uma página para podermos divulgar o grupo e a forma de como se organiza, a quem atende, a quem quer levar essas informações.     |

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-----------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Ganga Zumba</b>          | O principal canal de comunicação são os integrantes do grupo o boca a boca e tem funcionado muito bem; mídias sociais; rádio.                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Nós utilizamos a internet, nós utilizamos o próprio rádio, a televisão. A mídia de uma maneira geral e utilizamos a própria universidade por que a universidade é plural e existem espaços para informar e formar os nossos estudantes.                                                                                                                                                                           |
| <b>João Cândido</b>         | A gente usa tudo que é canal de comunicação que nos permitem, e quando não permitem a gente faz o panfleto e vai distribuir nas ruas, ou faz outra forma de manifestação. É uma necessidade do grupo, o nosso fazer, comunicar, informar, dizer, analisar publicamente, expor, publicitar, porque só assim a gente consegue fazer com que essas formas de discriminação possam ser contidas e possam desaparecer. |

Fonte: Crédito direto ao autor

Diante do Quadro 15, pode-se constatar que a internet é um mecanismo muito utilizado pelo grupo no processo de disseminação da informação etnicorracial. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) exercem de forma geral, um papel importante na coleta, no tratamento e na utilização da informação, por proporcionarem uma redução de tempo na busca da informação por parte dos sujeitos sociais e facilita o processo de apropriação e disseminação da informação. Assim, o grupo utiliza-se de todos os mecanismos que as tecnologias digitais oferecem e também pela comunicação formal, como pontuado por Meadows (1999) e Le Coadic (2004). Uma delas é o perfil na rede social *Facebook*, como pode ser visto na Figura 15.

Figura 15 – Página inicial do GRUNEC no *Facebook*



Fonte: <<https://www.facebook.com/#!/grunec.cariri?fref=ts>>. Acesso em 09 dez. 2013.

Por meio desta página na internet, o grupo divulga as ações realizadas e em desenvolvimento. Disseminam para os internautas, casos de práticas racistas no Brasil e no mundo, compartilham artigos científicos que dialogam com os interesses e objetivos do grupo, eventos e encontros temáticos. O *Facebook* possibilita também, o intercâmbio de informações entre ativistas de outras regiões, facilitando a comunicação entre pesquisadores e interessados nas relações raciais e de movimentos sociais, como citado por Gohn (2011), ressaltando as redes virtuais.

Os informantes **Ganga Zumba** e **Dandara**, afirmam que um mecanismo eficiente e eficaz para divulgar as atividades do GRUNEC é o “boca a boca”. O grupo sai divulgando entre seus pares o que está sendo desenvolvido, e

eles afirmam que esse canal informal tem possibilitado resultados positivos. E como Le Coadic (2004) apregoa os canais informais de comunicação possuem suas particularidades para aproximar as relações sociais entre os indivíduos.

As emissoras de rádio e televisão, também são grandes aliadas, na medida em que os integrantes vão a esses meios de comunicação divulgar as ações. A Universidade nas palavras do participante **Abdias do Nascimento** é um verdadeiro lugar para disseminar as informações referentes aos interesses do grupo, uma vez que é um local que forma e informa cidadãos ativos para atuarem nos diferentes espaços da sociedade. Além desses espaços, os informantes da pesquisa, acrescentam que divulgam as informações do movimento no jornal próprio, como pode ser visto na Figura 16, o Afrocariri.

**Figura 16 – Jornal do GRUNEC – Afrocariri**



Fonte: Documentos pessoais do GRUNEC

O Afrocariri é uma publicação do GRUNEC sem periodicidade fixa, que visa divulgar questionamentos e reflexões em torno da informação etnicorracial do negro no Cariri cearense. Este veículo de informação contempla os mais diversos assuntos que correspondem ao movimento negro, em algumas edições especiais dedicadas a uma só temática.

Desse modo, o Afrocariri disponibiliza informação de forma fácil e acessível para a comunidade, apresentando à sociedade as atividades que o GRUNEC realiza e vem realizando ao longo dos anos de sua existência. Essa publicação nas palavras de Araújo (2002) pode atender a um público amplo, por ser um tipo de comunicação formal. O jornal apresentado na Figura 16 foi publicado em novembro de 2006. Nesta publicação, a integrante do grupo faz um apanhado histórico e conceitual da aprovação da Lei 10.639/03 e sua importância para a sociedade. Ressalta que a referida Lei obriga o ensino da temática História e Cultura Afrobrasileira no currículo das escolas das Instituições públicas e privadas, com o objetivo de eliminar as desigualdades existentes entre negros e não negros, promovendo a inclusão social. A autora do artigo ainda acrescenta a responsabilidade que a sociedade tem no tocante a essas questões, ressaltando que não cabe apenas aos afrodescendentes o engajamento político e militante para defender essa causa.

## QUADRO 16: CATEGORIA - APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Respostas dos participantes à questão: Por quais meios o grupo se apropria de informação?

| PARTICIPANTES               | RESPOSTAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | As mídias, a internet. Por telefone, o boca a boca. Principalmente a internet.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Aqaltune</b>             | A gente estuda, ler, vai atrás, a gente se reúne.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | A gente vai se apropriando através dos contatos, por e-mails; fazendo leituras, pesquisas; através de leituras e acesso a internet; com questões também do dia a dia e articulações com outros movimentos sociais, outras entidades daqui da região.                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Temos o hábito de discutir as matérias de jornais impressos da região do Cariri e também nos grupos que fazemos parte, nós nos comunicamos e pedimos informações, como no Geledés, a página da SEPPIR na internet, alguns blogs, como blogueiras negras.                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Ganga Zumba</b>          | Nas mídias sociais, buscando informações indo aos congressos, eventos e a gente acaba colhendo e trazendo para discutir no grupo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Nós nos apropriamos de informações, de experiência individual de cada um da gente, no meu caso em particular eu já venho de uma luta de meu país da África e sem contar, as publicações que nós temos de vários autores brasileiros e não brasileiros sobre essa questão. A gente se apropria da sabedoria dos livros, das teses e dissertações. A nossa apropriação nesse contexto é em cima de questões científicas, publicações científicas e a experiência individual de cada um. |
| <b>João Cândido</b>         | A gente se apropria através das conversas, através da conversa informal, do próprio grupo, através de jornais, imprensa, entidades organizadas, dos sindicatos de moradores, associação,                                                                                                                                                                                                                                                                                              |

Fonte: Crédito direto ao autor

Apropriar de informação é adquirir conhecimento. E o conhecimento por sua vez, é que vai definir o aprendizado sobre determinados assuntos. Neste sentido, o Quadro 16,

apresenta as respostas dos informantes no que se refere a tomada de conhecimento, ou seja, como o grupo adquire informação e por quais canais.

A grande parcela dos informantes entrevistados evocou que se apropriam principalmente pelos canais de informação na Internet. TIC, têm facilitado o acesso, uso e compartilhando de informação no ambiente online. Com o avanço da Internet, surgiram diversos recursos interativos que proporcionam a obtenção de conhecimento de forma rápida e precisa. Como exemplo, citado pelos entrevistados, são os sites, os emails dos próprios integrantes e o acesso aos blogs, que torna o ambiente online mais dinâmico e atrativo, facilitando a troca de informação.

E neste sentido, a informante **Beatriz Nascimento** em sua fala, aponta que faz uso das seguintes fontes: o site da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR)<sup>4</sup>, que é uma secretaria que foi criada a partir das lutas do movimento negro, e tem como missão, formular, coordenar e acompanhar as políticas públicas para a promoção da igualdade racial, entre outras questões; o site do Instituto da Mulher Negra (Geledés)<sup>5</sup>, que é uma organização da sociedade civil, que tem como objetivo se posicionar em defesa das mulheres e homens negros; e o blog das Blogueiras Negras<sup>6</sup>, que é um veículo de divulgação de informações sobre a população negra, dando visibilidade a blogueiras negras.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br>>. Acesso em 10 dez. 2013.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br>>. Acesso em 10 dez. 2013.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>. Acesso em 10 dez. 2013.

Vale ressaltar que em torno dessas mudanças tecnológicas, pode-se perceber nas falas dos informantes, que o contato boca a boca, nunca se perde. E isso é muito importante nas relações sociais, o intercâmbio de informações sem dispensar o contato físico. E como aponta o informante **Ganga Zumba**, os encontros e congressos, são importantes meios para se apropriar de informação e divulgar entre os integrantes do grupo para se fortalecerem e ir para a sociedade munidos de conhecimentos teóricos para efetivarem na prática. Para o integrante **Zumbi dos Palmares**, as articulações com outros movimentos sociais da região também propicia apropriar-se de informação, uma vez que os grupos promovem discussões que de uma forma ou de outra, servem para o enriquecimento e ampliação de novos horizontes, em diferentes ambiências e temáticas.

O que **Abdias do Nascimento** e **João Cândido** respondem, é pertinente para essa análise. Para esses informantes, a troca de experiência entre cada participante é especial para obter informação. De tal modo, que ao relatar as condições de vida pessoal, essa contribuição pode influenciar na tomada de decisões e propor novas formas para agir contra as mazelas que o racismo causa. As publicações científicas, livros, teses e dissertações, são também verdadeiros mecanismos para apropriação da informação. Contudo, pode perceber nas falas, que os participantes do grupo, se utilizam dos tipos de canais de informação que foi apresentado no referencial teórico. A saber, canais formais, informais e semi-formais de informação. (MEADOWS, 1999; ARAÚJO, 2002; LE COADIC, 2004).

### QUADRO 17: CATEGORIA – POPULAÇÃO E TOMADA DE CONHECIMENTO SOBRE AS AÇÕES

Respostas dos participantes à questão: Como a população, toma conhecimento das ações promovidas pelo grupo?

| PARTICIPANTES               | RESPOSTAS                                                                                                                                                                                                                               |
|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>              | Pelas mídias, pelo <i>Facebook</i> , por boca a boca. Pelos fóruns e eventos, passeatas, pelas reuniões e conselhos que a gente faz parte.                                                                                              |
| <b>Aqaltune</b>             | Nós divulgamos nossas ações, nós fazemos as nossas articulações, os outros também divulgam, nas redes sociais, <i>facebook</i> , nas rádios, as “zuadas”, os buchichos, os fuxicos, os sujeitos das nossas ações é isso aí, a academia. |
| <b>Zumbi dos Palmares</b>   | Através da televisão, rádio. Procuramos fazer com que outras entidades dos movimentos sociais também divulguem nossas ações, para que possa agregar mais pessoas.                                                                       |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Pela Internet, principalmente pelo <i>Facebook</i> .                                                                                                                                                                                    |
| <b>Ganga Zumba</b>          | A gente sempre procura se utilizar das mídias para divulgar; eu acredito que está associado com grandes ações que desenvolvemos.                                                                                                        |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Nós fazemos visitas periódicas aos colégios pessoalmente e algumas ocasiões nós fazemos palestras, e também vamos a mídia, vamos a televisão, à rádio colocar as questões.                                                              |
| <b>João Cândido</b>         | Tomam conhecimento através das manifestações que desenvolvemos.                                                                                                                                                                         |

Fonte: Crédito direto ao autor

A informação conforme Robredo (2003) pode ser transmitida por diversos meios, registrada, duplicada e conservada, além de outras características. Neste sentido, os dados apresentados no Quadro 17, traduzem quais são os meios que o grupo se utiliza para que a população tome conhecimento do que o movimento vem desenvolvendo. Destaca-se que os Quadros 16 e 17, são complementares entre si.

Percebe-se que a internet é o maior aliado do grupo, talvez pela velocidade de como a informação é propagada. Outra questão são os canais de comunicações televisivas e de rádios. O grupo também acredita que a população toma conhecimento a partir da participação dos integrantes do movimento em diversos encontros, congressos e eventos de diferentes temáticas, porque são nesses locais que o grupo informa o que vem desenvolvendo e o que pretende alcançar. As visitas nas escolas, também oferecem à comunidade a oportunidade de conhecer o grupo e saber o que essa iniciativa tem contribuído para sua comunidade.

#### **QUADRO 18: CATEGORIA - AÇÕES DESENVOLVIDAS QUE ATENDEM A COMUNIDADE**

**Respostas dos participantes à questão: As ações desenvolvidas contemplam às necessidades da comunidade afrodescendente?**

| <b>PARTICIPANTES</b>      | <b>RESPOSTAS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>            | Não, de jeito nenhum. Nós temos muito que fazer, nós temos muito que caminhar, a gente faz com toda força, com toda competência que a gente tem. E o que a gente tem feito, absolutamente tem atendido, porque o que a gente faz são ações exitosas, mas não é porque são exitosas que não precisam dar um passo a mais. |
| <b>Aqualtune</b>          | Contempla, não todas. É lógico que nossas ações vão ao encontro com essas necessidades das comunidades, as nossas ações são focadas nas necessidades.                                                                                                                                                                    |
| <b>Zumbi dos Palmares</b> | Eu diria que não. Não pela questão do grupo não fazer, ou não ter a disposição de fazer, mas é uma questão que envolve uma estrutura.                                                                                                                                                                                    |
| <b>Beatriz Nascimento</b> | Não como um todo. Não temos verba e nem gente suficiente para atender todas as demandas.                                                                                                                                                                                                                                 |
|                           | A gente tenta abraçar tudo, mas, só que é uma                                                                                                                                                                                                                                                                            |

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Ganga Zumba</b>          | questão de muitas demandas, então o grupo ele não é tão grande como a gente gostaria que fosse então não da para a gente abraçar muitas dessas demandas.                                                                                                                                   |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | Sim, toda nossa ação é em cima da questão afrodescendente, não só com os próprios descendentes ou então com o próprio original, como no caso vindo diretamente da África, por exemplo, o GRUNEC um dia desses participou ativamente para mostrar os estudantes africanos que estão na UFC. |
| <b>João Cândido</b>         | Eu acho que sim as ações desenvolvidas contemplam às necessidades da comunidade afrodescendente, a própria pesquisa que a gente fez, tornou possível o reconhecimento das comunidades quilombolas da região do Cariri, e fez com que inclusive algumas delas fossem certificadas.          |

Fonte: Crédito direto ao autor

Considerando as diferentes ações que o grupo vem desenvolvendo ao longo dos anos, o Quadro 18 demonstra se tais atividades atendem ou não o público alvo do movimento. Aponta se as ações foram/são suficientes para que pudessem estabelecer a importância da presença de um movimento negro para discutir questões ligadas às necessidades dos atores sociais.

Assim, foi possível perceber ao verificar as respostas dos informantes, que todas as ações atendem as necessidades da comunidade afrodescendente. Como **Aqaltune** pontua, “nossas ações são focadas nas necessidades”. Porém, o grupo reconhece que essas ações não são suficientes, para que possam atender a todos, e propor acesso as informações que gerem conhecimento.

O GRUNEC acredita que por conta da estrutura do movimento, em não ter muitos participantes, e nem verbas para financiar as ações, isso dificulta a atuação do grupo em toda a região. Então, quando os informantes expressam que não atendem as necessidades da população, infere-se que é neste sentido, na medida em que o grupo não tem condições de ir a todas as localidades e atender, sobretudo as necessidades das comunidades.

Os informantes **João Cândido e Abdias do Nascimento**, são taxativos ao afirmar que se o foco das ações são as necessidades dos afrodescendentes, o grupo atende as demandas da comunidade. Em especial **João Cândido**, retoma a pesquisa sobre o mapeamento das comunidades negras que tornou possível “o reconhecimento das comunidades quilombolas da região do Cariri”, para reafirmar o compromisso do grupo em atender as questões da sociedade.

#### QUADRO 19: CATEGORIA - CONQUISTAS DO MOVIMENTO

Respostas dos participantes à questão: Pode citar algumas conquistas importantes do Movimento (GRUNEC)?

| PARTICIPANTES             | RESPOSTAS                                                                                                                                                                 |
|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dandara</b>            | Mapeamento das comunidades negras; inserção nos conselhos; provocação no Ministério Público Federal; avaliação de livros didáticos sobre o que preconiza a Lei 10.639/03. |
| <b>Aqaltune</b>           | A conquista mais importante para mim é a existência do movimento; o mapeamento; provocação que a gente fez no Ministério Público; alguns eventos.                         |
| <b>Zumbi dos Palmares</b> | Mapeamento; a questão da religiosidade afro daqui da região; os próprios eventos; A questão do                                                                            |

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                             | posicionamento nas universidades, no conselho de educação, isso é uma conquista.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Beatriz Nascimento</b>   | Lançamento da cartilha de mapeamento das comunidades negras rurais; a importância desse auto reconhecimento, enquanto candomblecista, enquanto umbandista e principalmente nas casas de mãe de santo, como lideranças de religiosidade aqui na região do Cariri; o número de pessoas que nos procuram para trabalhar essa temática                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Ganga Zumba</b>          | Acho que é mais positiva é a percepção hoje do movimento por parte das pessoas; a gente pode perceber que hoje as pessoas acreditam na informação do GRUNEC e a nosso ver significa dizer que o negro passou a ser visível na nossa região do Cariri e por conta da exigência da lei.                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Abdias do Nascimento</b> | A mais importante é essa aceitação importantíssima que hoje o grupo tem na região do Nordeste, Cariri de uma maneira geral, então quando chega alguém que quer alguma coisa sobre a questão racial, do afrodescendente procura o GRUNEC; o mapeamento da população quilombola; e mostrar para a população caririense que nós trabalhamos nesse contexto, de valorização da população negra e a população não negra também, é isso que nós trabalhamos para que a sociedade da região do Cariri cresça enalteça e combata a questão de racismo. |
| <b>João Cândido</b>         | Essa questão da cartilha a certificação das comunidades quilombolas; a questão de que algumas pessoas que tomaram posições racistas foram incomodadas pela justiça entre outras, mas é necessária uma atuação mais ampla, é necessário a gente incorporar mais pessoas nesse processo.                                                                                                                                                                                                                                                         |

Fonte: Crédito direto ao autor

Diante das inúmeras questões já tratadas e desenvolvidas pelo GRUNEC, são elencadas no Quadro 19, algumas conquistas alcançadas pelo grupo. Vale ressaltar que tais conquistas estão relacionadas com as ações elencadas no Quadro 13, então aqui serão mais uma vez destacadas.

Assim, uma das conquistas mais recorrentes na fala dos informantes trata-se do Mapeamento das Comunidades Negras que gerou o lançamento de uma cartilha – Figura 14, com o diagnóstico das comunidades visitadas. O projeto foi desenvolvido pelo GRUNEC e pela Cáritas Diocesana do Crato. Contudo, foi identificado 3 comunidades Quilombolas (Serra dos Chagas em Salitre, Arrudas em Araripe e Souza em Porteiras) certificadas pela Fundação Palmares e outras 3 (Lagoa dos Crioulos em Salitre, Caracará e Catolé em Potengi) que estão em processo de organização, com esta ação, o GRUNEC visitou 25 comunidades em 15 municípios da região do Cariri, desenvolvendo oficinas, pautando o debate sobre a temática das relações raciais, focalizando os afrodescendentes e ressaltando a importância da identidade negra.

Essa publicação mostra como o grupo se organiza e dissemina seus resultados para toda a sociedade. E ainda, estimula à realização de pesquisas que possam visibilizar a trajetória e contribuição dessas comunidades na formação do Cariri Cearense e do estado, proporcionando a desconstrução do mito da inexistência de negros na região.

Outra conquista importante é ressaltado por **Dandara** e **Aqualtune** que foi a provocação feita ao MPF reivindicando a não efetivação da Lei 10.639/2003 nas escolas, como foi apontado na Figura 5, do Quadro 13, tornando-se visível a freqüente atuação do grupo na sociedade.

Vale destacar que as conquistas não são representadas apenas por realização de eventos,

reivindicações ou pelo mapeamento das comunidades, mas os informantes, **Ganga Zumba** e **Abdias do Nascimento** relatam que a conquista mais importante é justamente a aceitação e percepção que as pessoas têm a respeito do GRUNEC na região do Cariri e também no Nordeste. Sendo que, a entrevistada **Aqaltune**, considera como a mais relevante a própria existência do grupo. Assim, o grupo passa a demonstrar credibilidade perante a sociedade no que concerne à disseminação de informações sobre a valorização da população negra e a sua visibilidade.

As conquistas possibilitaram ao GRUNEC ser um dos principais interlocutores para a discussão sobre a problemática que envolve a comunidade negra. Exemplo disso, é a procura de autoridades para avaliação de livros didáticos que tratem da temática etnicorracial, como apontou **Dandara**. Assim, o grupo foi convidado para fazer essa avaliação, *“notificamos às secretarias, a Secretaria de Educação (SEDUC), de alguns municípios, que esses livros não estavam de acordo com o que preconiza a Lei, e esses livros foram comprados, pelas SEDUCs de alguns municípios daqui de nossa região.”* O resultado dessa ação, é que os livros foram comprados e mostram situações que diferem da realidade local, tais materiais didáticos reforçam ações preconceituosas ao mostrar a presença dos negros partindo apenas da escravidão.

E isto é preocupante, na medida em que oferecem autoridade de avaliação a um grupo que tem condições para fazê-lo e ao mesmo tempo, desconsidera tal contribuição. Nesta situação, pode-se induzir as características de um

racismo institucional. Que conforme Santos (2013, p. 27) “é revelado através de mecanismos e estratégias presentes nas instituições públicas, explícitas ou não, que dificultam a presença dos negros nesses espaços.” Ou seja, as instituições de ensino com a aprovação da Lei 10.639/03 são obrigadas a oferecerem aos alunos subsídios para uma educação democrática, plural e de qualidade, e assim solicitam contribuições para confecções de materiais pedagógicos, porém não atendem as solicitações e acabam tomando decisões contrárias, ao que o movimento negro alerta, resultando em atitudes preconceituosas.

Outra conquista do movimento se refere à temática da religiosidade, com as comunidades de terreiros, principalmente dos terreiros de candomblé e umbanda da cidade do Juazeiro do Norte - CE. Esta cidade é conhecida como um berço do catolicismo, em que a figura do Padre Cícero é bem vista aos olhos da população, tanto local quanto em outras localidades do país. Desse modo, os praticantes das religiões de matrizes africanas locais, sofrem dia a dia práticas preconceituosas pela comunidade. E por vezes deixam de professar a fé abertamente, por conta do medo de sofrer retaliação.

Então, com a ação do GRUNEC nessa ambiência foi possível uma quebra de paradigma, e os praticantes do candomblé e da umbanda saíram às ruas na 1ª Caminhada contra a intolerância religiosa, como já foi apresentado na Figura 12, do Quadro 13, proferindo abertamente a sua fé. A intervenção do grupo proporcionou a esses praticantes sua autoafirmação.

A informante **Beatriz Nascimento** argumenta que antes das atividades do GRUNEC *“não existia um terreiro, nem de candomblé e nem de umbanda que tivesse um nome, a descrição no muro de casa identificando ali como um templo de religiosidade negra”*, e hoje depois das ações, pode-se contar com seis casas de candomblé, com a descrição na casa, e isso é uma grande vitória para o movimento, acrescenta a informante. Além disso, **Beatriz Nascimento** acrescenta que os praticantes saem às ruas com seus Ojás, que é um manto sagrado e afirmam que são praticantes de religião de matriz africana e assumem sua identidade enquanto cidadão negro.

Em uma visão geral e não exaustiva, destaca-se o que o informante **Abdias do Nascimento** pontua, que a grande conquista do movimento, é mostrar para a sociedade a valorização da população negra e a importância de se combater o racismo, levando em consideração que esta reflexão não compete apenas aos negros e sim a todos aqueles que se sentem comprometidos por uma sociedade justa, igualitária e democrática.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procurou-se compreender como os processos informacionais de uso, comunicação e apropriação da informação se caracterizam no interior do GRUNEC. Para tanto, a pesquisa debruçou-se no modelo do ciclo informacional da Ciência da Informação proposto por Le Coadic (2004), que postula que a informação para atingir seus objetivos, necessita passar pelo ciclo de comunicação, uso e produção da informação, que nunca se fecha e sempre se processa.

Partiu-se de um estudo bibliográfico e exploratório, acerca das questões de pesquisa, levando em consideração as tendências na literatura sobre movimentos sociais contemporâneos, movimentos sociais negros, e o trinômio informação, comunicação e memória para identificar as visões de estudiosos e pesquisadores da área e adquirir um delineamento teórico e conceitual para efetivação da pesquisa.

O segundo momento consistiu na aproximação do pesquisador ao objeto de estudo delimitado. Nesta etapa a interação com os atores sociais do GRUNEC foi importantíssima por estabelecer a construção do conhecimento que viabilizasse as respostas aos questionamentos formulados. Os sujeitos da investigação foram os participantes ativos do grupo, que como apontado nos capítulos anteriores, foram aqueles membros que de forma contundente participam e desenvolvem efetivamente atividades com e no grupo.

A iniciativa de criação do GRUNEC se deu a partir da existência de tensões raciais no Cariri cearense e da necessidade de um grupo que pudesse encetar a luta antirracista e denunciar as formas de discriminação que a população negra sofre. Constatou-se por meio das análises desse estudo, que o surgimento do grupo, também guarda proximidade com as movimentações oriundas da III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, realizada em Durban, África do Sul, no ano de 2001. Assim, a partir da iniciativa de algumas pessoas preocupadas com a discussão das relações raciais, nasce em 21 de abril de 2001, o movimento negro do Cariri cearense, desenvolvendo ações a fim de apresentar a população à importância de conhecer a história do povo africano e sua contribuição para a formação da sociedade brasileira.

Os integrantes do GRUNEC estavam inquietos e motivados principalmente em desconstruir o mito da inexistência de negros no Ceará. O que foi provado pela produção da cartilha, mapeamento das comunidades negras quilombolas. No período inicial, o grupo sentia a necessidade de um embasamento teórico sobre a temática das relações raciais, neste sentido, foi formado grupos de estudos dirigidos, para se apropriarem de informações para trabalharem com a sociedade.

A questão da identidade foi sendo muito bem trabalhada para que a comunidade negra sentisse orgulho da história do seu povo e assumisse com orgulho as lutas, vitórias e conquistas do povo negro. Quanto às reuniões,

inicialmente se reuniam em lugares menores, como a garagem da casa de uma das integrantes, mas isso não significava ser um grupo fechado e quem se interessasse pelo assunto poderia participar e se inteirar das ações que pretendiam ser trabalhadas e esclarecidas aos participantes. Não existe um local fixo para as reuniões, porém, ao levar em consideração a questão institucional, a sede fica localizada no Crato-Ce, no entanto, o grupo se reúne onde achar propício, quer seja na casa dos próprios participantes, nas praças ou nos auditórios das universidades. Desse modo, todos os locais serviam para debater o que era de interesse do grupo.

Existe uma preocupação sobre passar para os mais jovens esse legado para que as futuras gerações possam também orgulhar-se e levar esses conhecimentos para um número cada vez maior, gerando uma consciência crítica, identificando e valorizando os pontos relevantes da história do negro. Também é disseminado para as comunidades o que deve ser cobrado ao poder público, quais são seus direitos e deveres perante a sociedade, instigando-as a buscar melhorias no seu dia a dia.

A trajetória do GRUNEC oferece a sociedade um histórico que merece destaque, o grupo durante sua existência e atuação, tem promovido diferentes ações, desenvolveu a 1ª Audiência Pública Federal no ano de 2007, para discutir a implementação da Lei nº 10.639/03 nas escolas da região do Cariri, resultado em uma ação do MPF exigindo a aplicabilidade das diretrizes curriculares proposta na referida Lei; em 2005 realizou o 1º Seminário no Crato para discutir a Igualdade Racial, ressaltando a importância de estudos e

eventos que pautassem a temática que envolve a comunidade negra; desde sua fundação vem desenvolvendo a Semana da Consciência Negra, trabalhando a autoestima e a implementação de políticas afirmativas para o povo negro, tem efetiva participação no desenvolvimento de oficinas, encontros científicos, passeatas, acompanhamento de processos judiciais em que a população negra foi vítima, entre outras.

Uma das ações que merecem destaque é o mapeamento das comunidades negras rurais, que instigou a produção de conhecimento científico que contemplasse as demandas específicas dessas comunidades, e acionassem o interesse de políticas públicas específicas aos governantes, para que desenvolvam atividade que reconheçam a trajetória e contribuição desses agrupamentos para a formação social do cariri e do estado.

Com base nos resultados obtidos, é possível apontar que o movimento negro do Cariri, é uma instituição importante para efetivação de ações afirmativas que atendem as necessidades dos afrodescendentes. Em função disso, se apropriam de informação etnicorracial e disseminam para a comunidade por meio de diferentes processos, que vão desde o auxílio das tecnologias digitais à própria publicação de jornais específicos. O grupo usa e comunica a informação, porque entende que ela é um bem imaterial que está entrelaçada nas atividades cotidianas dos atores sociais.

O GRUNEC reconhece que a mudança de pensamentos racistas dos indivíduos na sociedade, está

associada à educação, que o acesso a informação etnicorracial por meio dela, pode modificar o estoque informacional negativo sobre as questões de afrodescendência, e por este motivo, o movimento atua neste contexto. Os resultados desta pesquisa revelaram a importância da informação para o desenvolvimento das atividades do GRUNEC, atreladas às políticas públicas para a comunidade negra.

A presente investigação não pretendeu esgotar o debate sobre a questão da informação nos movimentos sociais negros. Dedicou-se a vertente a partir do olhar dos integrantes do GRUNEC, há ainda possibilidades de estudos com as comunidades negras e quilombolas mapeadas pelo grupo que ficam para posterior aprofundamentos articulando afrodescendência e os aspectos da CI.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Mirian de Albuquerque. A responsabilidade ético-social como princípio de inclusão de negros (as) nas universidades públicas. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro (org.). **Responsabilidade ético-social das universidades públicas e educação da população negra**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 43-57.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação: recurso para a ação política do cidadão? **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecono. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 9, p. 1-15, 2000.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. O fenômeno informacional na ciência da informação: abordagem teórico-conceitual. In: CASTRO, César Augusto (Org). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos**. São Luís: EDUFMA; EDFAMA, 2002. p. 11–34.

AZEVEDO NETO, Carlos Xavier de. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, UFGD, v. 1, n. 2, p. 1-20, jul/dez. 2007.

AZEVEDO NETO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 3, set./dez. 2008, p. 7-17.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A estrutura do texto e a transferência da informação. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 3, jun. 2005. Disponível em:

<[http://www.dgz.org.br/jun05/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/jun05/Art_01.htm)>. Acesso em: 06 mar. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais. Brasília: SECAD, 2006.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <[http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm)>. Acesso em: 18 jan. 2013.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARDOSO, Francilene do Carmo. **A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra.** 2011. 84 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Niterói/RJ, 2011. CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Afrodescendência e espaço urbano. In: CUNHA JÚNIOR, Henrique; RAMOS, Maria Estela

Rocha (Orgs.). **Espaço urbano e afrodescendência**: estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: UFC, 2007.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira; SILVA, Joselina da. Vontade de liberdade e de cidadania: movimentos sociais negros em Juazeiro do Norte e Crato. In: BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa (Org.) et al. **Africanidade (s) e afrodescendência (s)**: perspectivas para a formação de professores. Vitória: EDUFES, 2012. p. 145 – 167.

ELLIOT, Ariluci Goes. **Informação, imagem e memória**: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da biblioteca da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

GALINDO, Marcos. **O domínio da memória**. [s.l.; s.n.], 2010. No prelo.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Conferências do Georgia Institute of Technology e a Ciência da Informação: "de volta para o futuro". **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 01-16, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na atualidade: manifestações e categorias analíticas. In\_\_\_\_: **Movimentos Sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 13 - 32.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Limites e possibilidades da implementação da Lei 10.639/03 no contexto das políticas públicas em educação. In: HERINGER, Rosana; PAULA, Marilene de. (Orgs). **Caminhos convergentes: estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2009. p. 39-74.

GOMES, Sandra Lúcia Rebel. Bibliotecas virtuais: informação e comunicação para a geração de conhecimentos. In: PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Orgs.). **O sonho de Otlet: aventura em tecnologia da informação e comunicação**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/IDDI, 2000.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid**, 2009, p. 105-117.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HJØRLAND, Biger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. São Paulo: Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIMA, Celly de Brito. **Identidades afrodescendentes acesso e democratização da informação na cibercultura**. 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação, **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTELETO, Regina Maria. Confronto simbólico, apropriação do conhecimento e produção de informação nas redes de movimentos sociais. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, fev. 2001.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MOTA, Ana Roberta Sousa. **Memória iconográfica: uma análise da representação das imagens fotográfica de negros/as nas universidades públicas do estado da Paraíba**. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da

Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Rio de Janeiro, 2003. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB – RJ. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Geraaufms/uma-abordagem-conceitual-das-noes-de-raca-racismo>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

NASCIMENTO, Abdias do; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 203-235.

NUNES, Cícera. **Reisado cearense:** uma proposta para o ensino das africanidades. Fortaleza: Conhecimento, 2011.

NUNES, Erica Melanie Ribeiro. **Cidadania e multiculturalismo:** a Lei 10.639/03 no contexto das bibliotecas municipais de Belo Horizonte. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia:** uma aplicação do conceito de informação etnicorracial ao projeto “A Cor da Cultura”. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas; FAPERJ, 2013.

PEREIRA, Cleyciane Cássia Moreira. **Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PEREIRA, Willian Augusto. 26 Anos de história do movimento negro no Ceará. In: LIMA, Ivan Costa; NASCIMENTO, Joelma Gentil (Orgs.). **Trajetórias históricas e práticas pedagógicas da população negra no Ceará**. Fortaleza: Impreca, 2009. p. 69-102.

PINHEIRO, Lêna Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAMPAZZO, Sônia Elisete; CORRÊA, Fernanda Zanin Mota. **Desmitificando a metodologia científica: guia prático de produção de trabalhos acadêmicos**. Erechim, RS: Habilis, 2008.

REIS, Alcenir Soares dos; SILVA, Alberth Sant'Ana da; MASSENSINI, Rogério Luís. Informação e cidadania: conceitos e saberes necessários à ação. In: MOURA, Maria Aparecida (Org.). **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2011. p. 17-25.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada:** aos sistemas humanos de informação. Brasília: Thesaurus, 2003.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.** Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010.

SALES JÚNIOR, Ronaldo Laurentino de. **Raça e justiça:** o mito da democracia racial e o racismo institucional no fluxo de justiça. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2009.

SANTANA, Vanessa Alves. Memória esquecida: uma análise da organização e representação da informação étnico-racial no OPAC da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba. 2012. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SANTOS, Hélio. Uma avaliação do combate às desigualdades raciais no Brasil. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. **Tirando a máscara:** ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 53-74.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos Santos. **Direitos humanos e as práticas de racismo.** Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos Santos. **O movimento negro e o estado (1983-1987):** o caso do conselho de participação e desenvolvimento da comunidade negra no governo de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./abr. 1996.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Adailton et al. Entre o racismo e a desigualdade: da constituição à promoção de uma política de igualdade racial (1988-2008). In: JACCOUD, Luciana (Orga.). **A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos**. Brasília: Ipea, 2009. p. 19-92.

SILVA, Alba Lígia de Almeida. **A (cons)ciência da responsabilidade social e ét(n)ica na produção de conhecimento sobre o (a) negro em Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba**. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SILVA, Eliane Borges da. **Negros e ciência: uma análise sobre a inserção acadêmica de intelectuais negros**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Elieny do Nascimento. **Responsabilidade social nas ações de extensão do Programa Iniciativas Negras: trocando experiências**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SILVA, Joselina da; PEREIRA, Amauri Mendes. **Olhares sobre a III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares – MinC; Belo Horizonte: Nandayala, 2013.

THEODORO, Mário. À guisa de conclusão: o difícil debate da questão racial e das políticas públicas de combate à desigualdade e à discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mário (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008. p. 171-180.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?:** iguais e diferentes. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. 11 ed. São Paulo: Moderna, 1994.

VALÉRIO, Erinaldo Dias. **A produção científica sobre os (as) negros (as) nos ENANCIBs: um olhar cientométrico**. Juazeiro do Norte (CE): UFC, 2011. 49 f. Monografia (Curso de Graduação em Biblioteconomia). Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri, 2011.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

## APENDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA



Esta pesquisa faz parte de um estudo desenvolvido no âmbito do mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco – PPGCI/UFPE e tem como objetivo analisar em que contexto e por meio de quais ações ocorre a apropriação, geração e disseminação de informação que se desenvolve dentro do Grupo de Valorização Negra do Cariri - GRUNEC

**TÍTULO DA PESQUISA:** MOVIMENTOS SOCIAIS E INFORMAÇÃO: O GRUPO DE VALORIZAÇÃO NEGRA DO CARIRI – GRUNEC

**MESTRANDO:** Erinaldo Dias Valério

**ORIENTADORA:** Profa. Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia

**COORDINADORA:** Profa. Dra. Dalgiza Andrade Oliveira

**CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO**

Nº \_\_\_\_\_

### 1) Dados do entrevistado

Cargo no Grunec ☐ fundador ☐ diretoria ☐ membro

Tempo de atuação no grupo: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) M ( ) F

Idade: ( ) 18 a 25 ( ) 26 a 33 ( ) 34 a 41 ( ) 42 ou mais

## 2) Escolaridade

Ensino Fundamental: ☐ completo ☐ incompleto ☐ em andamento

Ensino Médio: ☐ completo ☐ incompleto ☐ em andamento

Nível Superior: ☐ em andamento ☐ concluído

Curso: -

---

Pós-Graduação: ☐ Especialização ☐ Mestrado ☐ Doutorado  
☐ em andamento

### O ENTREVISTADO E O GRUPO DE VALORIZAÇÃO NEGRA DO CARIRI - GRUNEC

- 3) Como você analisa as questões de raça e racismo no Cariri? Elas diferem do panorama nacional?
- 4) Você já foi vítima de algum preconceito racial? De que forma?
- 5) Como se deu a constituição do Grunec enquanto movimento social negro do Cariri?
- 6) Em 2001 foi o ano da Conferência de Durban. Há alguma referência entre a fundação do grupo com este evento? Qual?
- 7) A região do Cariri é composta por 28 municípios, neste sentido, o Grunec como movimento negro do Cariri, atende as quais localidades?

- 8) Quem são os participantes que atuam no grupo?
- 9) Quais são os objetivos do Grunec?
- 10) Para quem se destinam as informações produzidas pelo Grupo, ou seja, qual é o público alvo?
- 11) De que forma o grupo se organiza? Por passeatas, reuniões, fóruns, eventos, entre outros?
- 12) Com que frequência o grupo se reúne? Onde se reúnem? Existe uma sede? Onde fica?
- 13) Como se configuram as reuniões? Quais pautas são discutidas?
- 14) Que ações o Grunec desenvolve ao longo dos anos?
- 15) Além do recorte racial, o grupo contempla quais questões? De que forma?
- 16) Quais canais de comunicação e/ou mídias o grupo utiliza para disseminar informação?
- 17) Por quais meios o grupo se apropria de informação?
- 18) Como a população, toma conhecimento das ações promovidas pelo grupo?
- 19) As ações desenvolvidas contemplam às necessidades da comunidade afrodescendente?
- 20) Pode citar algumas conquistas importantes do Movimento enquanto GRUNEC?